

SKATE NO LAZER DAS JUVENTUDES: CONECTANDO TERRITÓRIOS

Daniel Giordani Vasques
Victor Hugo Nedel Oliveira
(organizadores)



**SKATE NO LAZER DAS
JUVENTUDES:
conectando territórios**

**DANIEL GIORDANI VASQUES
VICTOR HUGO NEDEL OLIVEIRA
(Organizadores)**

2025

SKATE NO LAZER DAS JUVENTUDES: conectando territórios

Daniel Giordani Vasques
Victor Hugo Nedel Oliveira
(orgs.)

2025

Diagramação e revisão final: Grupo de Estudos Sociais em Educação Física, Esporte e Lazer – GESOE – UFRGS – CNPq e Grupo de Estudos e Pesquisas em Juventudes e Educação – GEPJUVE – UFRGS – CNPq.

Imagem da capa: *Free-Photos*

A presente obra encontra-se sob os direitos da Creative Commons 4.0. Atribuição-NãoComercial-SemDerivações – CC BY-NC-ND



V335skate	Vasques, Daniel Giordani (org.) Oliveira, Victor Hugo Nedel (org.) Skate no Lazer das Juventudes: conectando territórios / Daniel Giordani Vasques e Victor Hugo Nedel Oliveira (orgs.). – Porto Alegre, RS: GESOE/GEPJUVE, 2025. 228 f. ISBN – 978-65-01-30486-1 1. Skate. 2. Lazer. 3. Juventudes. 4. Territórios. 5. Gesoe/Gepjuve I. Vasques, Daniel Giordani. II. Victor Hugo Nedel Oliveira III. Skate no Lazer das Juventudes.
UFRGS	CDU: 796.56 CDD: 796

Essa obra foi desenvolvida com apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS), por meio do Edital ARC 14/2022.

Essa é uma obra de distribuição gratuita. Não é permitida sua venda ou comercialização.

O padrão ortográfico e sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de sua respectiva autoria.

EXPEDIENTE - GESOE

GRUPO DE ESTUDOS SOCIAIS EM EDUCAÇÃO FÍSICA, ESPORTE E LAZER

~ Conselho Editorial e Pesquisadores associados ~

Prof. Dr. Daniel Giordani Vasques (UFRGS) – Líder
Profa. Dra. Cibele Kern Biehl (UFRGS)
Prof. Dr. Cristiano Mezzaroba (UFS)
Prof. Dr. Cristiano Neves da Rosa (Pref. Mun. de Alvorada)
Prof. Dr. Ekain Zubizarreta Zuzuarregi (Univ. del País Vasco)
Prof. Dr. Flávio Py Mariante Neto (ULBRA)
Prof. Dr. José Arlen Beltrão de Matos (UFRB)
Profa. Dra. Maitê Venuto de Freitas (Pref. Mun. de Porto Alegre)
Prof. Dr. Mauro Myskiw (UFRGS)
Prof. Dr. Victor Hugo Nedel Oliveira (UFRGS)

~ Vinculação institucional ~

Departamento de Educação Física, Fisioterapia e
Dança/UFRGS
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança/UFRGS
Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento
Humano/UFRGS
Pró-Reitoria de Pesquisa/UFRGS
Pró-Reitoria de Extensão/UFRGS
Pró-Reitoria de Pós-Graduação/UFRGS

Acesso DGP: <https://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/776034>

2025

EXPEDIENTE – GEPJUVE

GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM JUVENTUDES E EDUCAÇÃO

– Conselho Editorial e Pesquisadores associados –

Prof. Dr. Victor Hugo Nedel Oliveira (UFRGS) – Líder
Profa. Dra. Celecina de Maria Veras Sales (UFC)
Profa. Dra. Cérise Alvarenga (USP)
Prof. Dr. Daniel Giordani Vasques (UFRGS)
Profa. Dra. Melissa de Mattos Pimenta (UFRGS)
Profa. Dra. Miriam Pires Corrêa de Lacerda (Unilasalle)
Profa. Dra. Shara Jane Holanda Costa Adad (UFPI)
Profa. Dra. Tatiana Prevedello (CMPR)

– Vinculação Institucional –

Departamento de Geografia/UFRGS
Instituto de Geociências/UFRGS
Programa de Pós-Graduação em Geografia/UFRGS
Pró-Reitora de Pesquisa/UFRGS
Pró-Reitoria de Extensão/UFRGS
Pró-Reitoria de Pós-Graduação/UFRGS

Acesso DGP/CNPq:

<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/744135>

2025

SUMÁRIO

PREFÁCIO

Leonardo Brandão 11

SKATE NO LAZER DAS JUVENTUDES - APRESENTAÇÃO

Daniel Giordani Vasques e Victor Hugo Nedel Oliveira..... 15

A DIVISÃO SOCIAL DO ROLE

Igor Paiani Fernandes..... 27

DA MANTIQUEIRA À PISTA DE SKATE ARTHUR DIAS

André Luiz Bernardo Storino 45

DEAMBULANDO NO IAPI SKATE PARK: UMA ANÁLISE DAS JUVENTUDES SKATISTAS E SUAS MARCAS URBANAS DE LAZER

Gabriela Borba Bispo dos Santos 67

JUVENTUDES, ESPAÇO E SKATE: REFLEXÕES A PARTIR DA MINI RAMP GUARUJÁ ESPLANADA

Gabrielle Bezerra da Silva..... 91

JUVENTUDES, ESPORTE E IDENTIDADE: O USO DA PISTA PÚBLICA DE SKATE DE SÃO LEOPOLDO-RS

Isla Cardoso Oliveira e Rai Goulart Netto..... 115

JUVENTUDES SKATISTAS DO IAPI: COLETIVIDADE, ESTILO
E MOBILIZAÇÃO POLÍTICA

José Inácio da Silva Júnior..... 137

TERRITÓRIOS EM DISPUTA: REFLEXÕES
AUTOETNOGRÁFICAS SOBRE TENSÕES E APROPRIAÇÕES
DO SKATE NO MUNICÍPIO DE CAMPOS SALES/CE

George Almeida Lima..... 157

TODO DIA SKATE PLAZA: UM ENSAIO SOBRE A OCUPAÇÃO
DE TERRITÓRIO POR SKATISTAS EM VIAMÃO, RS

Nicole Nunes Cardoso e Júlia Miglioretto..... 181

VIVÊNCIAS ESPACIAIS COM JUVENTUDES RIO-
GRANDINAS: AS EXPERIÊNCIAS NA PISTA DE SKATE DO
BALNEÁRIO CASSINO

Fabricio Paula de Souza e Leonardo da Silva Greque Junior
..... 203

SOBRE OS ORGANIZADORES..... 219

SOBRE OS AUTORES E AS AUTORAS 221

PREFÁCIO

Leonardo Brandão

Este livro, intitulado “Skate no Lazer das Juventudes: conectando territórios”, é tanto uma materialização quanto uma clara demonstração do sucesso da disciplina de pós-graduação “Juventudes, lazer e território: marcas urbanas do lazer de jovens contemporâneos”, ministrada no primeiro semestre de 2024 pelos professores doutores Daniel Giordani Vasques e Victor Hugo Nedel Oliveira (também os organizadores deste volume).

Trata-se de nove ensaios produzidos como trabalho final pelos acadêmicos matriculados nesta disciplina, os quais, através de suas incursões a campo e pela discussão teórica que apresentam, demonstram que ela cumpriu um importante papel em suas formações, seja apresentando e/ou discutindo autores, noções e conceitos, seja incentivando o olhar para o entrelaçamento dos campos de pesquisa ligados ao lazer, às juventudes e ao território. Ao longo dos capítulos que formam esse livro, somos apresentados a diversos territórios do lazer skatista, na maioria das vezes situados na cidade de Porto Alegre/RS, cidade que se destaca, como escreveu um dos autores desta coletânea, pela “expansão da infraestrutura esportiva voltada ao skate” (em especial pela inauguração, em 2021, da maior pista de skate da América Latina). Porém, os textos não se restringem à capital gaúcha: somos convidados a conhecer outros territórios juvenis, situados em cidades

como Duque de Caxias/RJ, São Leopoldo/RS, Campos Sales/CE, Viamão/RS e Rio Grande/RS.

É de conhecimento geral que o skate, enquanto atividade corporal esportivizada, apresentou um enorme crescimento no número de praticantes no país, em especial após sua inclusão como modalidade olímpica e do sucesso – como lembrado por um dos autores deste livro – da skatista Rayssa Leal, medalhista de prata na modalidade Skate Street nas Olimpíadas de Tóquio em 2020 e medalhista de bronze nas últimas Olimpíadas, realizadas em Paris, na França, em 2024.

Esse “Efeito Rayssa”, como pode ser chamado, ajudou a apresentar o skate para um público mais amplo, mobilizando a construção de pistas e campeonatos de skate nas mais diferentes cidades do país e fomentando a consolidação de um “Campo Esportivo”, na acepção do sociólogo Pierre Bourdieu, articulado a esta prática. O aumento dos campeonatos com praticantes das mais diversas faixas etárias (nas categorias iniciante, amador, feminino, old school e profissional), das fábricas e lojas de skate (*skateshops*), de juízes e locutores (com cursos de formação oferecidos pela Confederação Brasileira de Skate – CBSk), dos simpatizantes, dos *sites* e espaços na mídia hegemônica (com jornalistas e comunicadores especializados em skate), dos perfis em redes sociais virtuais (em especial, no Instagram), das escolas de skate, dos cursos de skate para formação de professores de Educação Física, dos livros e filmes sobre skate, entre outros exemplos possíveis, são algumas das expressões deste “campo esportivo”, as quais demonstram que o skate é um objeto em

disputa e que oferece interpretações e apropriações diversas. Dentro deste “campo esportivo”, encontra-se também o chamado Skate Acadêmico (que é a produção de conhecimento sobre skate nos meios universitários). Nos últimos anos, o aumento na produção de pesquisas sobre skate e skatistas (como em Iniciações Científicas, Monografias de Conclusão de Curso e Dissertações de Mestrado) também se fortaleceu.

Nas páginas que seguem, o leitor irá entrar em contato com diversos espaços que fazem parte das práticas territoriais de grupos de skatistas, percebendo que, para além do esporte, elas expressam redes de sociabilidade, lazer e são marcadas por aspectos culturais e identitários. Se o esporte traz a marca da competição, as pesquisas aqui apresentadas pontuam o skate como instrumento de múltiplas vivências no espaço urbano. Este livro, como escrito no início deste prefácio, é um belo exemplo dos resultados exitosos de uma disciplina de pós-graduação e vem para somar com o saber universitário sobre o skatismo, enfatizando aqui a tríade: juventude, lazer e território. Convido à leitura!

Prof. Dr. Leonardo Brandão
Blumenau – Santa Catarina
Janeiro de 2025

SKATE NO LAZER DAS JUVENTUDES - APRESENTAÇÃO

Daniel Giordani Vasques e Victor Hugo Nedel
Oliveira

A produção deste livro sobre juventudes e lazer é o resultado de um trabalho coletivo, construído a muitas mãos. Em comum, todos os autores e autoras que compõem esta obra compartilham um compromisso ético, estético e político com a valorização de um campo de pesquisa multifacetado e plural, dedicado à compreensão das experiências juvenis contemporâneas. O conceito de lazer, aqui abordado, vai além do descanso e recreação: trata-se de um espaço de resistência, criação de identidade e desenvolvimento cultural. Para muitos jovens, o lazer representa a possibilidade de ocupar a cidade, marcar presença e fortalecer o pertencimento em um espaço social que, historicamente, nem sempre se organiza em favor dos seus interesses e direitos.

O conceito de território, por sua vez, nos permite explorar as complexas dinâmicas de apropriação e poder sobre os espaços urbanos. Como ciência que estuda o espaço, a Geografia contribui para entendermos que o território é mais do que um lugar; ele é constituído de relações, significados e disputas. No contexto das juventudes, território é onde os jovens deixam suas marcas, por meio de práticas culturais, esportivas e de lazer, revelando como diferentes grupos sociais constroem significados nos espaços em que vivem. Nesse

processo, o conceito de territorialidade emerge para examinar como as juventudes transformam locais em territórios de expressão e identidade.

A compreensão de juventudes, no plural, reconhece a diversidade que caracteriza as vivências e modos de ser jovem no Brasil, um país marcado por profundas desigualdades sociais. Falar de juventudes é reconhecer a multiplicidade de expressões culturais e trajetórias que caracterizam os jovens enquanto sujeitos de direitos, como garante o Estatuto da Juventude. Essas juventudes, em constante diálogo com seu tempo e espaço, ressignificam os territórios urbanos, transformando-os em lugares de pertencimento e contestação social. Reconhecemos, portanto, que não há uma única forma de ser jovem ou de narrar essas experiências, mas múltiplos e variados modos que expressam as complexidades do mundo juvenil.

O skate e as pistas de skate são exemplos concretos dessas dinâmicas territoriais juvenis. Mais do que um esporte, o skate se configura como uma prática de lazer que articula expressão, identidade e resistência. As pistas de skate, enquanto territórios urbanos, simbolizam a apropriação de um espaço público sobretudo pelos jovens, onde estes imprimem suas marcas e criam sentidos de pertencimento. Nesses locais, práticas como o skate representam não só lazer, mas uma forma de comunicação visual e corporal, onde os jovens expressam suas culturas, estilos de vida e modos de interação com a cidade.

A disciplina "Juventudes, Lazer e Território: Marcas Urbanas do Lazer de Jovens Contemporâneos" foi criada a partir da necessidade de explorar essa relação entre juventudes e espaços urbanos, abordando o lazer como prática cultural e social. Oferecida pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), a disciplina é o resultado de uma parceria inédita entre o Programa de Pós-Graduação em Geografia (POSGEA) e o Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH), envolvendo duas importantes unidades da Universidade: o Instituto de Geociências (IGEO) e a Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID).

Essa parceria interdisciplinar incentivou os estudantes – mestrandos e doutorandos – a investigarem as práticas de lazer das juventudes em territórios do skate. Os estudantes realizaram estudos de campo, analisando as juventudes em pistas de skate localizadas em diferentes cidades do Rio Grande do Sul, como Porto Alegre, Viamão, Rio Grande/Cassino e São Leopoldo, bem como em localidades fora do Estado, como Campos Sales (CE) e Duque de Caxias (RJ). A produção dos textos que compõem este livro foi um dos principais objetivos da avaliação da disciplina. Os alunos desenvolveram ensaios dissertativo-argumentativos nos quais deveriam articular as observações de campo com os conceitos teóricos discutidos ao longo do curso. Cada ensaio foi estruturado com uma introdução, uma discussão teórica, uma análise das observações realizadas em campo, e as considerações finais sobre juventudes, lazer e território. Esses

textos foram revisados pelos professores, que selecionaram alguns para compor esta obra e convidaram os autores para esta publicação.

Este livro reflete a tríade universitária de ensino, pesquisa e extensão, consolidando o conhecimento acadêmico em interação com a sociedade. Ensino, pois resulta de uma disciplina de pós-graduação onde o lazer, as juventudes e os espaços foram temas centrais de análise; Pesquisa, pela investigação e sistematização de dados empíricos feita pelos estudantes; e Extensão, ao compartilhar com a sociedade reflexões críticas sobre as juventudes contemporâneas. Mais do que um conjunto de textos, esta obra representa o esforço coletivo de estudantes e professores, contribuindo para a consolidação de um campo de estudos comprometido com a compreensão das juventudes e suas marcas nos territórios urbanos. Apresentaremos a seguir um resumo dos capítulos que compõem esta obra, com o desejo de despertar o interesse pela sua leitura.

O capítulo "A Divisão Social do Role", de Igor Paiani Fernandes, aborda as práticas territoriais e identitárias dos jovens que frequentam o IAPI Skate Park, localizado na zona norte de Porto Alegre. O autor reflete sobre como esses jovens se apropriam do espaço, considerando-o não apenas como um local de lazer, mas como um território repleto de relações de poder e símbolos culturais. Através de observações empíricas realizadas durante trabalho de campo, Fernandes introduz o conceito de "divisão social do rolê", inspirado na divisão internacional do trabalho, para destacar como hierarquias de

desempenho e idade determinam a dinâmica social entre os skatistas. O texto explora a construção da identidade juvenil, a resistência presente nesse território e a apropriação desse espaço como um reflexo das transformações socioculturais da contemporaneidade. Além disso, o autor articula teorias sobre o conceito de território, utilizando contribuições de diversos autores, como Haesbaert, Verneque e Souza, para mostrar como a juventude vivencia e transforma o espaço urbano em um território multifacetado e em constante redefinição.

No capítulo "Da Mantiqueira à Pista de Skate Arthur Dias", escrito por André Luiz Bernardo Storino, explora a dinâmica do skate nas ruas e pistas da cidade de Duque de Caxias, RJ, com foco na Pista de Skate Arthur Dias, localizada no bairro Jardim Primavera. O autor relata a transição dos praticantes de skate após o fechamento da histórica pista da Praça da Mantiqueira e as observações em duas novas pistas: a Rollezeiros, no bairro Santa Cruz da Serra, e a Arthur Dias, esta última com uma infraestrutura mais moderna, com o nome em homenagem ao skatista local Arthur Dias. Através da mobilidade dos jovens, que transitam entre diferentes pistas da cidade, Storino investiga a relação desses skatistas com a cidade, suas práticas de lazer e o impacto da urbanização nas opções de espaços públicos para a prática do esporte. Ao refletir sobre as questões identitárias e as disputas por espaços, o autor conecta a vivência dos skatistas com as transformações sociais e urbanas da região, enquanto observa como as juventudes continuam a ocupar o espaço urbano, promovendo uma integração entre memória e prática. O texto

se insere em uma discussão mais ampla sobre juventudes e lazer, abordando também o papel das políticas públicas e da "esportivização" do skate.

Em "Deambulando no IAPI Skate Park: Uma Análise das Juventudes Skatistas e suas Marcas Urbanas de Lazer", Gabriela Borba Bispo dos Santos apresenta uma análise sobre a prática do skate no IAPI Skate Park, localizado na zona norte de Porto Alegre. Através de um trabalho de campo realizado com o uso da técnica das Deambulações Sociológicas, a autora examina como jovens skatistas se apropriam deste espaço urbano, transformando-o em um local de sociabilidade e expressão cultural. A pesquisa destaca a heterogeneidade das juventudes presentes, evidenciada pela interação entre jovens de diferentes faixas etárias, estilos de skate e modos de apropriação do espaço. A autora também reflete sobre como o ambiente do skate park, com suas rampas, grafittis e a presença de diferentes grupos sociais, se torna um território de lazer e identidade para os jovens, onde as práticas corporais e as relações sociais se entrelaçam, criando novas formas de vivenciar a cidade. O capítulo, além de enriquecer os estudos sobre as culturas juvenis, oferece uma rica discussão sobre as dinâmicas sociais e espaciais do lazer contemporâneo.

Gabrielle Bezerra da Silva apresenta o capítulo "Juventudes, Espaço e Skate: Reflexões a partir da Mini Ramp Guarujá Esplanada", no qual oferece uma reflexão aprofundada sobre a relação entre juventude, espaço urbano e a prática do skate, a partir da análise da Mini Ramp localizada na Orla do Guarujá, em Porto Alegre, RS. A autora utiliza a

Deambulação Sociológico-Geográfica, um método de pesquisa que combina observação espontânea com uma análise crítica do cotidiano, para explorar as dinâmicas sociais e espaciais desse equipamento de lazer. Situada na Praça Guarujá Zeno Simon, a Mini Ramp Guarujá Esplanada se revela um ponto de interesse que, apesar de sua proximidade com outras áreas de lazer mais movimentadas, como a Orla de Ipanema, ainda apresenta características particulares, como a aparente ausência de público no momento da observação, o que levanta questões sobre o uso e a percepção desses espaços urbanos. A autora descreve sua visita em julho de 2024, quando o clima quente e os impactos das enchentes de 2024 no bairro também marcaram a paisagem. Ao longo do texto, a autora nos leva a refletir sobre o significado desses espaços de lazer para as juventudes contemporâneas, os impactos das condições socioambientais e a maneira como as práticas de lazer são entrelaçadas com as dinâmicas urbanas.

O capítulo intitulado "Juventudes, Esporte e Identidade: O Uso da Pista Pública de Skate de São Leopoldo-RS", escrito por Isla Cardoso Oliveira e Rai Goulart Netto, apresenta uma análise das práticas de lazer e identidade entre os jovens que frequentam a pista pública de skate localizada no Largo Rui Porto, em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul. A pesquisa, realizada durante observações em julho e agosto de 2024, destaca como o espaço se configura como um ponto de socialização e afirmação de identidades juvenis. O capítulo explora a apropriação desse espaço como um local de encontros e trocas, onde jovens, na maioria com idades entre

15 e 18 anos, praticam o skate e outras atividades, como patinete e roller, em um ambiente sem a presença predominante de música, mas com interação constante. A pesquisa também dialoga com a história e o contexto local, destacando o papel da pista na integração social e no esporte, que, desde a sua inauguração em 2008, se consolidou como um importante ponto de lazer e cultura urbana para os jovens de São Leopoldo e região. O texto insere-se em um debate sobre como o skate, antes visto apenas como lazer, se consolidou como um esporte e um símbolo de resistência cultural, refletindo a dinâmica de pertencimento e socialização que permeia a juventude contemporânea.

No texto “Juventudes Skatistas do IAPI: Coletividade, Estilo e Mobilização Política”, o autor José Inácio da Silva Júnior analisa as práticas dos jovens skatistas no Skate Park do IAPI, localizado na Zona Norte de Porto Alegre. A pesquisa, conduzida em agosto de 2024, utiliza a observação de campo não participante, com registros fotográficos e anotações sobre as interações e o ambiente social da pista. O relato destaca a coletividade entre os skatistas, a convivência respeitosa e as práticas de lazer e esporte, além de abordar a relação política com o espaço, evidenciada pela presença de uma candidata a vereadora, que aproveita o local para filmar material de campanha. O capítulo também revela o perfil dos jovens skatistas, com destaque para a predominância masculina e a presença reduzida de mulheres e pessoas negras, além da análise do vestuário como expressão de identidade. O autor discute como o skate no IAPI reflete aspectos de lazer, política

e resistência, situando o local como um ponto estratégico para a afirmação da juventude e do esporte urbano na cidade.

O capítulo "Territórios em Disputa: Reflexões Autoetnográficas sobre Tensões e Apropriações do Skate no Município de Campos Sales/CE", de George Almeida Lima, oferece uma análise profunda sobre as dinâmicas de lazer e sociabilidade envolvidas na prática do skate em Campos Sales, cidade no interior do Ceará. O autor utiliza a autoetnografia para refletir sobre sua própria experiência como skatista local, abordando os desafios e a evolução da pista de skate construída em 2009, no "canal 23" da cidade. A partir de sua vivência entre 2010 e 2013, Lima observa as relações sociais, as apropriações simbólicas do espaço e os confrontos entre diferentes grupos sociais, que competem e compartilham o território. O estudo examina como o skate, mais do que uma prática de lazer, se configura como um elemento de identidade juvenil e um espaço de sociabilidade, especialmente após eventos como o campeonato local de 2011. A pesquisa também situa a pista de skate como parte de um circuito de lazer que envolve tanto a busca por diversão quanto a construção de vínculos afetivos entre os skatistas, revelando como esse território se torna uma arena de disputas e apropriações simbólicas, refletindo as complexas relações entre os indivíduos e o espaço urbano.

O capítulo "Todo Dia Skate Plaza: Um Ensaio sobre a Ocupação de Território por Skatistas em Viamão, RS", escrito por Nicole Nunes Cardoso e Júlia Miglioretto, analisa a pista de skate "Todo dia Skate Plaza", situada em Viamão, no Rio

Grande do Sul. As autoras investigam a ocupação do espaço pelos skatistas e as dinâmicas de uso, refletindo sobre conceitos como corpo, práticas corporais, juventude e território. Utilizando uma abordagem sociocultural, o capítulo explora a pista como um espaço de resistência e expressão, construído e apropriado pelos próprios skatistas, que desafiam as estruturas formais de lazer. A pesquisa revela como a pista funciona como um território de encontro, identidade e busca por emoções associadas ao risco, características das práticas de skate. As autoras discutem também as dificuldades enfrentadas pelos praticantes devido às limitações de acesso a outras pistas da cidade, como a necessidade de realizar reservas ou pagar para utilizar outros espaços. A análise das visitas de campo, que incluem a observação do espaço e interações com os usuários, sugere que a "Todo dia Skate Plaza" se configura como um local de sociabilidade, resistência e liberdade.

O capítulo "Vivências Espaciais com Juventudes Rio-Grandinas: As Experiências na Pista de Skate do Balneário Cassino", de Fabrício Paula de Souza e Leonardo da Silva Greque Junior, explora as dinâmicas de sociabilidade e territorialidade de jovens skatistas na pista de skate localizada no balneário Cassino, em Rio Grande, RS. A pesquisa, que adota uma abordagem etnográfica e participativa, busca compreender como essas juventudes se apropriam do espaço urbano e constroem identidades e relações sociais a partir do skate. A pista de skate, conhecida como Skatepark, funciona como um local multifuncional, onde não apenas se pratica o

esporte, mas também se desenvolvem interações sociais, estéticas e políticas, com destaque para manifestações culturais como o hip hop e o punk. A pesquisa revela a importância do skate como uma ferramenta de resistência cultural e construção de territorialidades, onde os jovens estabelecem códigos de sociabilidade, como cumprimentos específicos e formas de comunicação, que reafirmam a identidade do grupo. O estudo contribui para a ampliação das discussões sobre as territorialidades urbanas e a resistência das juventudes frente às normativas sociais estabelecidas.

Com imenso prazer, apresentamos este livro à comunidade acadêmica e a todos os que se dedicam ao estudo do skate, do lazer e das juventudes. A obra oferece uma abordagem rica e multifacetada sobre as variadas territorialidades que permeiam as experiências juvenis em diferentes cenários. Convidamos você a se aprofundar nas narrativas que aqui se encontram, a explorar novas perspectivas sobre as juventudes e a se envolver nessa jornada de aprendizado, resistência e transformação.

Desejamos uma excelente leitura!

Porto Alegre, janeiro de 2025.

Com carinho, Daniel Vasques e Victor Nedel.

Os organizadores.

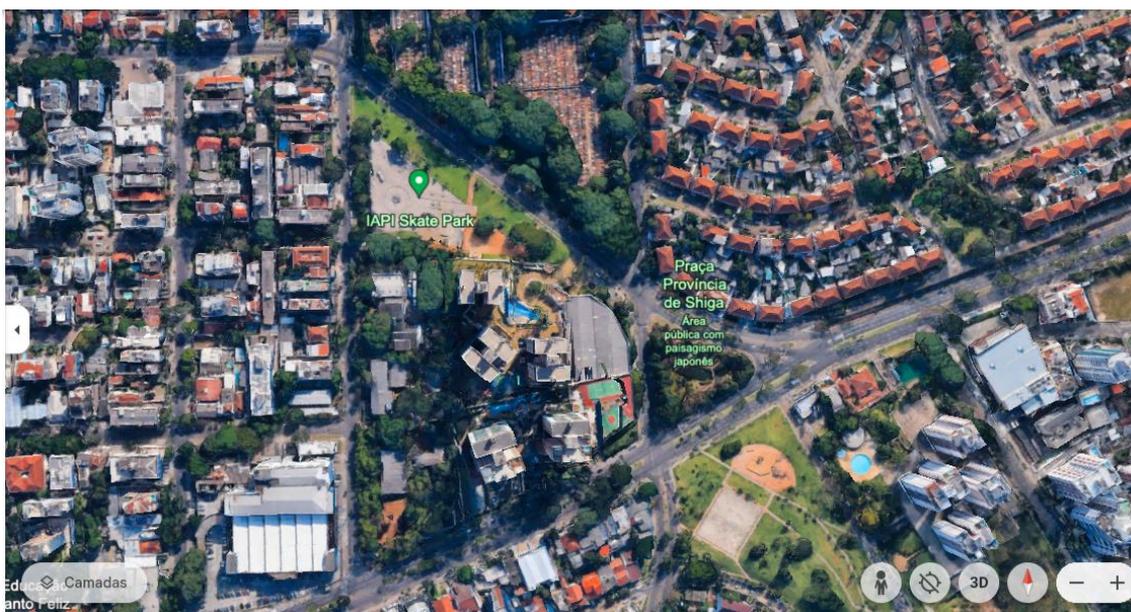
A DIVISÃO SOCIAL DO ROLE

Igor Paiani Fernandes

INTRODUÇÃO

O respectivo ensaio corresponde como trabalho final a ser elaborado para a disciplina de Juventudes, lazer e território: marcas urbanas do lazer de jovens contemporâneos (GPG00133) do curso de pós-graduação em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, cursada no primeiro semestre de 2024. O trabalho que será construído através de um ensaio, conforme já explicitado, abordará as observações, análises e reflexões acerca das visitas desempenhadas a pista de skate do IAPI, originalmente conhecido como IAPI Skate Park, localizado na zona norte de Porto Alegre, mais especificamente no bairro Higienópolis, entre as avenidas Cristóvão Colombo e Plínio Brasil Milano, mas também se encontra bastante próxima ao bairro IAPI, por isso a denominação na hora de se referirmos à pista.

Imagem 1: IAPI Skate Park. Fonte: Google Earth



O texto abordará elementos essenciais relacionados à discussão sobre a categoria do espaço geográfico de território, onde este corresponde a um tema fundamental para compreendermos a geografia e acima de tudo a ciência geográfica enquanto discussão e construção do conhecimento acadêmico. O respectivo conceito de território foi um dos pilares centrais da discussão da disciplina estudada, ao refletirmos a potencialidade deste como mecanismos de análise para a organização social e geográfica das diferentes juventudes que ocupam e constroem o espaço geográfico.

Enxerga-se as juventudes como um grupo fundamental para compreendermos de maneira prática a forma como o conceito de território pode ser manifestado em nosso cotidiano, ao destacar-se as práticas territoriais executadas por esses grupos, enquanto grupo social que desempenha determinadas relações de poder e apropriação, representando o caráter político que permeia a referida categoria do espaço geográfico.

Mas também pode-se considerar as práticas territoriais como aspecto essencial para se exercer manifestações de cultura e identidade, que por sua vez também correspondem como elementos pontuais para se compreender sobre território.

Assim, o objetivo deste texto é refletir sobre a forma como a juventude desempenha suas práticas territoriais ao se apropriar da pista de skate do IAPI enquanto território concreto, onde este corresponde como porção do espaço geográfico permeada por relações de poder, por isso o seu caráter territorial. Mas também, deve-se destacar o mesmo espaço de apropriação e posse como resultante de práticas culturais e identitárias. Toda a discussão destacada no ensaio advém de observações empíricas executadas através de trabalho de campo executado pelo autor deste referido trabalho.

Em suma, ao longo do ensaio será aprofundado algumas discussões e reflexões acerca de temas como o conceito de território e sua potencialidade analítica e como a identidade apresenta aspecto fundamental para se compreender a construção desses territórios, as dinâmicas pertinentes da cidade e principalmente do espaço urbano envolto de aspectos estruturantes e micros para se analisar. Também serão abordados temas como o lazer, que por sua vez embasa a territorialidade estabelecida pelo grupo social analisado, ou seja, o jovem, onde este também fará parte da discussão do trabalho. Por fim, considera-se válido trazer junto a construção deste trabalho as reflexões a respeito do tema do direito à

cidade, como elemento que pode contribuir imensamente para a análise e reflexão proposta por aqui.

DISCUSSÃO TEÓRICA

Inicialmente, deve-se considerar emergencial o reconhecimento sobre o conceito de território como elemento fundamental para a discussão e reflexão aqui estabelecida. Assim, deve-se discutir e divagar sobre a importância do conceito de território em nossa vivência, bem como, refletir sobre a referida categoria do espaço geográfico de maneira prática e com significado.

Defina-se território, segundo Suertegaray (2005), como "o espaço geográfico a partir de uma concepção que privilegia o político ou a dominação/apropriação. Historicamente, o território na Geografia foi pensado, definido e delimitado a partir de relações de poder" (SUERTEGARAY, 2005, p. 52). Souza (2016) também destaca o conceito de território como a projeção espacial das relações de poder, onde este último representa uma das dimensões das relações sociais, ou seja, uma relação social tornada espaço.

O entendimento sobre território pode ser mais eficaz quando existe o conhecimento das principais perspectivas que o define, sendo impossível discuti-lo sem adotar um posicionamento mais ou menos definido sobre seu significado e, ao mesmo tempo, sem desconsiderar a sua amplitude dentro da Geografia.

Território tem sido uma expressão ambígua que pode designar desde um espaço social qualquer, como

predomina no nosso senso comum e entre alguns geógrafos, até um espaço marcado e definido por determinadas espécies de animais, seu espaço de sobrevivência, como é definido pela etologia (HAESBAERT, 1997, p. 33).

Vale destacar que o espaço social é multifacetado, e o território nada mais é que uma de suas facetas. Tendo a sua composição atrelada à concepção de poder, acaba por representar uma projeção espacial das relações sociais, tendo o enfoque político como origem da sua discussão e análise.

Sousa (2012) discute sobre esse aspecto.

Podemos, então, identificar a origem do conceito território vinculado, inicialmente, à matriz de ordem política na qual a emergência de uma geopolítica agressiva acoplada a projetos hegemônicos de Estados nacionais (a formação do Estado alemão nazista é exemplar) foi destaque (SOUSA, 2012, p. 152).

Portanto, a abordagem primária que constitui o conceito de território, se deu através do viés jurídico-político, onde esse conceito é enxergado com uma perspectiva de dominação e poder. Haesbaert (1997) estruturou o conceito de território através de três abordagens básicas, que seriam: a “jurídico-política, majoritária,” onde o território é observado com uma perspectiva de dominação e poder, sobretudo por parte do Estado (como já citado); a “cultural” (ou “culturalista”), na qual o sentido simbólico e o subjetivo são dominantes; e a “econômica”, que é ligada às relações capital-trabalho, envolvendo a dimensão conflituosa das classes sociais.

Sendo assim, para haver o domínio adequado sobre o conceito, se faz necessário a capacidade de transitar entre essas diferentes vertentes que compõem a interpretação de território, ao perceber que essas abordagens não estão isoladas entre si, mas possuem elementos em comum, apresentando uma inter-relação entre todas ao mesmo momento.

Para auxiliar na reflexão sobre as práticas territoriais desempenhadas por estas juventudes, destaca-se a necessidade de analisar o elemento da identidade como aspecto fundamental dessas práticas, tendo o jovem inserido dentro do contexto do sujeito pós-moderno, que conforme Hall (1998) é aquele que não possui apenas uma única ou permanente identidade, mas várias, das quais algumas são contraditórias e outras não são resolvidas, o autor ainda destaca a importância do contexto cultural e social na construção da identidade. Ele destaca que a identidade não é algo dado, mas formado através de processos discursivos e práticas de representação dominantes presentes na sociedade.

Assim, percebe-se também que o elemento identidade corresponde como componente fundamental na construção do território (Medeiros e Lindner, 2015) onde o primeiro representa um processo dinâmico e construído socialmente, influenciado por discursos culturais e sociais, e caracterizado por hibridismo e fluxo, como elemento complexo e mutável, em vez de fixo ou estático (Hall, 1998).

Ainda segundo Medeiros e Lindner (2015), podemos considerar a identidade como elemento relacionado à vida em sociedade, mais especificamente a um campo simbólico.

Saquet (2007) destaca que a identidade, além do seu caráter político como aspecto de transformação social, corresponde também como um dos principais elementos culturais de um povo, é constituída pelos atos territorializantes dos atores sociais, sendo aspecto fundamental na construção do território, ou seja, identidade é territorial e tem seu real sentido além do sentimento de pertencimento, refletindo então, o processo de territorialização. Identidade é um dos principais lastros que balizam a interpretação sobre o território de um grupo social. Portanto, refletir sobre transformações ocorridas sobre um território, é refletir sobre transformações identitárias (Medeiros e Linder, 2015).

Assim, Hall (1998) reitera ao afirmar que

A questão da identidade está sendo extensamente discutida na teoria social. Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até então visto como um sujeito unificado. A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (HALL, 1998, p. 7).

Ao destacar inicialmente a necessária conceitualização sobre território e a contribuição da reflexão sobre a identidade, pode-se enxergar com clareza o campo fértil que o mesmo apresenta ao relacionar com as práticas territoriais desempenhadas pelas diferentes juventudes ao utilizar de determinadas infraestruturas, como as pistas de skate, para a

realização de suas territorialidades. Com isso, pode-se reconhecer as pistas de skate como território, pelo fato de retratar com clareza aspectos que permeiam a definição de território. Ou seja, a pista de skate enquanto território das juventudes que ali assentam suas práticas territoriais e acima de tudo identitárias.

Juntamente, pode-se perceber a existência de uma multiterritorialidade, que segundo Haesbaert (2004) corresponde como a possibilidade de aceder a vários territórios no mesmo local e ao mesmo tempo. Esta possibilidade pode ser alcançada através de uma "mobilidade concreta", se levar em conta o território enquanto rede, dentro da lógica pós-moderna atual. Em suma, pode-se enxergar a juventude que utiliza o skate como reflexo de uma multiterritorialidade, que por sua vez, possui grande influência das pós-modernidade, enquanto resultado de profundas transformações socioculturais da sociedade contemporânea.

Junto a discussão de território, faz-se emergente a reflexão sobre o conceito de juventude, que de acordo Verneque (2023) "trata-se de construções sociais que evidenciam relações de poder, mecanismos de controle e hierarquização de lugares (territórios) e fases da vida (juventude)".

Para dar continuidade a esta discussão, deve-se destacar a cidade em que essa juventude habita, qual cidade é essa e como esse espaço urbano está configurada espacialmente e acima de tudo territorialmente para esta juventude que cada vez mais está inserida dentro do contexto da metropolização e

até mesmo da globalização. Para contribuir com a reflexão, Santos (1996), afirma que

A cidade é um grande espaço banal, o mais significativo dos lugares. Todos os capitais, todos os trabalhos, todas as técnicas e formas de organização podem aí se instalar, conviver, prosperar. Nos tempos de hoje, a cidade grande é o espaço onde os fracos podem subsistir. (SANTOS, 1996, p. 322).

Com isso, pode-se perceber a cidade onde as juventudes se inserem como resultado das transformações das técnicas dentro do espaço geográfico, bem como, da globalização que também implica em transformações sociais e simbólicas dos sujeitos na contemporaneidade. Mas também deve-se reconhecer o espaço da cidade como um território, como ambiente construído com a presença da violência seja ela puramente urbana ou até mesmo institucional.

Para contribuir com a discussão sobre a evolução das cidades e sua relação com as particularidades da juventude, Verneque (2023) contribui ao afirmar que

As cidades e núcleos urbanos são espaços de concentração de violência. Também são vistos como territórios modernos, desenvolvidos, luminosos, são nestes espaços que se aglomeram serviços, demandas, comércios, moradias, pessoas, desigualdades e violências. As cidades também são centros de manifestação das juventudes e encaradas, muitas vezes, como territórios juvenis. A modernidade e a juventude andam lado a lado, pois ambos expressam “o novo”. (VERNEQUE, 2023, p. 89).

A forma como os jovens se apropriam desta cidade cada vez mais transformada e reconfigurada, seja através das

formas ou funções, resulta na construção de diferentes territorialidades e na forma como os mesmos vão se apropriando e construindo seus próprios territórios. Mediante a isto, surge o que Souza (2016) caracterizou como territórios cíclicos, que segundo o autor, correspondem como porção do espaço geográfico que se estrutura pela transformação dos tipos de uso de acordo com períodos em que uma ação ou outra seja conveniente para o sujeito territorial. Por exemplo, o uso de um território pode variar de dia e de noite, de acordo com o interesse do sujeito territorial.

Ou seja, pelo período da manhã uma praça tradicional de um bairro residencial pode ser ocupado por pessoas mais velhas, como aposentados ou pensionistas, por exemplo, para a realização de atividades físicas matinais, de tarde é ocupada por crianças para a realização de atividades recreativas, como a prática de esportes ou brincadeiras em geral, já no período da noite, pode ser ocupada por jovens para a realização de práticas culturais, como rodas de música ou até mesmo práticas esportivas, como o skate.

Pode-se considerar as pistas de skate como um território mais formalizado para práticas territoriais da juventude, onde a proposta do uso deste mesmo território fica mais evidente. Assim, a prática territorial envolve elementos de ordem material e simbólica, onde o primeiro apresenta a ação de dominação e o segundo de apropriação. Tanto a dominação quanto a apropriação podem ser percebidas pela prática territorial dos jovens que exercem sua territorialidade nestas pistas.

Podemos perceber que a discussão sobre a juventude, traz em sua definição e reflexão, segundo Peralva (1999) aspectos que vão além de uma construção social, mas também passam para uma categorização administrativa. Assim, segundo Verneque (2023) "o conceito de juventude não trata concepções ou categorizações biológicas, pré-estabelecidas pela natureza e inerentes ao desenvolvimento humano, mas sim uma construção social com fins específicos." (VERNEQUE, 2023, p. 87).

Por mais que seja possível observar uma evolução da prática esportiva do skate em relação a sua adesão e principalmente enquanto lazer, ainda se percebe a mesma como um lazer e atividade subversiva fora dos principais centros urbanos, ou à margem dele. Portanto, o skate evoca alguns apontamentos, que convidam para a reflexão, onde o mesmo representa uma prática de lazer relacionada a atividades subversivas ou bastante reconhecida dentro da indústria cultural globalizada.

Mascarenhas (2005) colabora ao enxergar determinados lazares bastante relacionados a demandas dentro do mercado, onde afirma que

Ao tempo em que o mercado se torna o lugar comum das práticas de lazer e ao tempo também em que a indústria cultural globalizada – particularmente, a grande indústria do lazer – se encarrega de dizer qual é o bom e o melhor lazer, fica parecendo que nada mais é possível fora do “mercolazer”, que não há alternativas que valham a pena considerar. (MASCARENHAS, 2005, p. 157).

Portanto, pode-se notar a alta adesão do skate, principalmente após o mesmo se tornar um esporte olímpico, estabelecendo a padronização do esporte e acima de tudo do lazer, dentro das dinâmicas do mercado sobre a execução do lazer.

CAMPO

Pode-se observar as práticas territoriais executadas pela juventude através do skate como a reprodução de uma identidade, onde jovens acabam aderindo a um conjunto de códigos e símbolos que compõem a morfologia das relações humanas vistas nestes territórios. Assim, percebeu-se durante o campo a existência de uma hierarquia, percebida por quem analisa as relações identitárias e de poder nesses espaços.

Portanto, em meio a este conjunto de símbolos e códigos que devem ser obedecidos para se fazer desse grupo, dessa juventude, percebe-se a existência de uma *divisão social do rolê*, termo criado pelo autor desse ensaio que inspirado na discussão das ciências humanas a respeito da divisão internacional do trabalho relacionou o conceito com a experiência vivida durante as observações do campo e que inspirou a ideia de título para esse ensaio. A tal divisão leva em conta os elementos hierárquicos que distinguem diferentes sujeitos dentro do grupo social e que os classificam em diferentes níveis, que por sua vez, correspondem como mecanismos de poder, típicos de uma dinâmica territorial.

Esses elementos mencionados correspondem como os primeiros aspectos territoriais, relacionados às relações de

poder evidentes naquele espaço, como as primeiras considerações vistas no território. Os skatistas com maior desempenho eram os que ocupavam uma posição privilegiada dentro do grupo, em relação aqueles com menor desempenho. Outro critério interessante de destacar corresponde ao fator idade, onde os mais velhos dentro do esporte também possuem grande prestígio em seu círculo, considerados pelo grupo como os experientes.

Estes integrantes experientes serviam de referência para os mais jovens que queriam melhorar sua performance ou os mesmos que quisessem ampliar seu ótimo repertório dentro do esporte, por mais que também já fosse considerado um bom skatista. Essas relações de poder enquanto níveis hierárquicos e até mesmo como códigos e símbolos culturais e identitários, que representam elementos essenciais para analisar e refletir sobre qualquer território.

Nota-se ao longo do trabalho de campo a existência de resistência por parte da juventude que permeia e ocupa aquele território como a reivindicação daquele espaço enquanto ambiente de crítica e rebeldia, onde a opinião sobre elementos socioculturais e até mesmo políticos são bastante explícitos.

Com isso, Verneque (2023) contribui para a discussão ao afirmar que:

Territórios materializam as relações de poder, logo, tornam evidente a resistência juvenil, suas demarcações e fronteiras, assim como as formas espaciais que criam a partir da simples manifestação cultural, como praças públicas que se tornam referência de encontro pela presença de grafitis, pista de skate ou concha acústica. (VERNEQUE, 2023, p. 93).

Não poderia-se deixar de enfatizar a forma como a relação de poder projetada naquele espaço representa de maneira bastante pontual a prática territorial bastante consolidada e facilmente percebida para a construção desse ensaio.

Além das relações de poder e identitárias bastante definidas naquele território, também pode-se perceber aquele espaço como ambiente de acolhimento e parceria, o que por sua vez configura como um ambiente favorável à prática de lazer que envolva jovens de diferentes características e origens sociais, onde eles trocam saberes sobre o esporte e vivem o mesmo como atividade recreativa, enquanto lazer. Assim, a categoria do espaço geográfico de lugar também surge como pontual perspectiva para se analisar o IAPI Skate Par

Ao discutir-se sobre o conceito de lugar, destaca-se, conforme Souza 2016, que

no conceito de lugar, não é a dimensão do poder que está em primeiro plano ou que é aquela mais imediatamente perceptível, diferentemente do que se passa com o conceito de território; mas sim a dimensão cultural-simbólica e, a partir daí, as questões envolvendo as identidades, a intersubjetividade e as trocas simbólicas, por trás da construção de imagens e sentidos de lugares enquanto espacialidades vividas e percebidas. (SOUZA, 2016, p. 115)

Considera-se o conceito de lugar enquanto espaço vivido, carregado de sentido, sendo "fruto das produções (edificações) e das relações sociais efetivadas na vida dos educandos e das outras pessoas" (SAQUET, 2012, p. 706). Observa-se então, uma convergência com o aspecto da territorialidade, que serve

também como pontual ferramenta de auxílio para a compreensão do território.

Com isso, a territorialidade constitui como as relações sociais simétricas ou dessimétricas que produzem historicamente cada território (SAQUET, 2012), constituindo um significado/sentido e pertencimento em relação à porção do espaço vivido e experienciado pela juventude daquele território em questão.

Imagem 2: jovens andando de skate. Fonte: arquivo pessoal



Imagem 3: jovens andando de skate. Fonte: arquivo pessoal



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como consideração não tão final como se pode imaginar, ao construir esse ensaio, é percebido a existência de diversos conceitos que evocam diferentes potencialidades para analisar-se o conceito de território e também o de juventude. Percebe-se que os diferentes conceitos como lazer, identidade e até mesmo lugar, surgem como proposta de refletir sobre o espaço que existe enquanto ambiente de conflito, típico de um território.

Existem diversos eventos na sociedade contemporânea que auxiliam a se enxergar os diferentes dilemas que envolvem a discussão territorial, mas destaca-se por final a discussão proposta por Lefebvre (1998) denominada *Direito à Cidade*, percebe-se este conceito como elemento que une o território do

skate enquanto resistência sociocultural da juventude, mas também como uma prática de lazer bastante em voga atualmente. Será afinal que a juventude tem o seu direito à cidade?

REFERÊNCIAS

HAESBAERT, Rogério. Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade. 2004. Disponível em:

<https://www.ufrgs.br/petgea/Artigo/rh.pdf>

HAESBAERT, R. Território e Identidade: o encontro entre “gaúchos” e nordestinos no Brasil. Observatório Geográfico de América Latina. Niterói, 1994.

HAESBAERT, R. Desterritorialização e identidade: a rede gaúcha no Nordeste. Rio de Janeiro. EDUFF, 1997.

HAESBAERT, R. O Mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2004.

MASCARENHAS, Fernando. Lazer e utopia: limites e possibilidades de ação política. Movimento, Porto Alegre, v. 11, n. 3, p. 155-182, set./dez. 2005. Disponível em:

<https://doi.org/10.22456/1982-8918.2876>

MEDEIROS, R. M. V. LINDNER, M. Expressões de cultura no território. Porto Alegre: Evangraf, 2015.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel; PIMENTA, Melissa de Mattos (orgs.). Juventudes e Territórios. 1. ed. Porto Alegre: Grupo de Estudos e Pesquisas em Juventudes e Educação, 2023.

Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/256981>

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: EDUSP, 2002.

SAQUET, M. A. Abordagens e Concepções de Território. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SAQUET, M. A. O território no ensino-aprendizagem de Geografia. Rio de Janeiro: GEO UERJ, 2012. p. 699-716.

SOUZA, M. L. de. Os Conceitos Fundamentais da Pesquisa Sócio-espacial. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016.

SUERTEGARAY, D. M. Notas sobre a Epistemologia da Geografia. Cadernos Geográficos. Florianópolis, n. 12. 2005.

DA MANTIQUEIRA À PISTA DE SKATE

ARTHUR DIAS

André Luiz Bernardo Storino

INTRODUÇÃO

Rodar de uma praça para outra(s) parece ser uma prática comum aos praticantes de skate por diferentes motivos: novas pistas, “rodar” com amizades antigas e fazer novas são alguns deles. Acompanhar esse movimento foi o nosso objetivo! E começou com a articulação de duas experiências: a participação no “Curso de Extensão Juventudes, Territórios e Lazer”¹ e na disciplina “Juventudes, Lazer e Território: marcas urbanas do lazer de jovens contemporâneos”, oferecida pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia, do Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS.

Essas atividades nos permitiram olhar para as juventudes sob a ótica do lazer, mais especificamente pela prática do skate. Além disso, serviram como uma exigência que nos impusemos para aprofundar as discussões sobre juventude em um trabalho de uma disciplina de doutorado²

¹ Promovido pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Juventudes e Educação (GEPJUVE/UFRGS) e pelo Grupo de Estudos Sociais em Educação Física, Esporte e Lazer (GESOE/UFRGS). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=p-riQft_ZuI&list=PLR-NgiMG-cm4XHkEK7w8z3ffqVAy3Fz1T

² O trabalho de tese não se debruça necessariamente sobre a prática do skate, mas tem se dedicado a pensar as juventudes e sua relação com as séries nas plataformas de streaming. Contudo, tanto o curso quanto a

que estamos cursando na área da Educação. Também nos permitiram rememorar um pouco do que havia feito no mestrado, quando estudamos essa prática sob outra perspectiva, ao investigar como o skate era praticado na Praça da Mantiqueira no bairro de Xerem, 4º Distrito de Duque de Caxias/RJ, e sua relação com o espaço em disputa com os praticantes de capoeira.³

Já são nove anos desde que a pista de skate da Praça da Mantiqueira foi substituída por uma academia ao ar livre, ou como os moradores chamam, a “Academia da Praça”. Com o objetivo de compreender para onde foram esses skatistas, visitamos outras duas pistas: a *Rollezeiros*, no bairro de Santa Cruz da Serra, e a Pista de Skate Arthur Dias, no bairro de Campus Elísios. Ambas estão localizadas no 3º e 2º Distritos do Município de Duque de Caxias/RJ, distantes mais ou menos 8 e 16 km da extinta pista do Skate da Praça da Mantiqueira.

Percorremos esse trajeto para investigar como os praticantes do esporte ocupam esses espaços e como se deslocam pelo território, seja na pista Rollezeiros ou na Pista Arthur Dias. Nosso objetivo também foi entender de que maneira a prática tem se mantido entre os jovens. Nesse sentido, nos dedicamos a dialogar com os conceitos de juventudes, lazer e skate, considerando o skate como uma prática que atravessa a ocupação desses praticantes pela

disciplina têm contribuído para pensar, sobretudo, os conceitos de juventudes e lazer.

³ Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1b5uyPLkcI9eH2hW-oGnqx5Ss1793oKyJ/view?usp=sharing>.

cidade. Quando saem de seus bairros e rodam para outros lugares, são levados por rodas, amizades e memórias.

JUVENTUDES: UM CONCEITO SEMPRE EM MOVIMENTO

Desde uma perspectiva básica, considerando as experiências individuais sem a pretensão de teorizá-las profundamente, até os diversos enfoques de múltiplas ciências, como biologia, medicina, sociologia, direito, história, filosofia, e educação, todos se esforçam para definir o que é a Juventude. No entanto, a juventude é plástica e exige das teorias um olhar minucioso que nos ajude a compreendê-la melhor.

Atualmente, o Estatuto da Juventude, (Brasil, 2013) considera jovem toda pessoa entre 15 e 29 anos,⁴ uma definição simplificada para fins de elaboração e efetivação de políticas públicas (Abramo, 2005; Melucci, 1997; Sposito, 1997).

A atribuição de determinadas delimitações identitárias às juventudes compõem essa condição juvenil, a qual vão de encontro ao que a *situação* juvenil, construída pelas

⁴ Aqui ainda existe uma dupla pertença, com disputas, sobretudo à luz do direito, pois o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (BRASIL, 1990) considera adolescente a pessoa entre 12 e 18 anos de idade. Logo, as/os jovens de 15 aos 18 anos, são atendidos pelo ECA, mas tem esses direitos salvaguardados também por gozar da pertença a esse corte etário que o Estatuto lhes confere “quando não conflitar com as normas de proteção integral do adolescente” (Brasil, 2013). Elisa Guaraná de Castro e Severine Carmem Macedo apresentam um panorama dessa interseção no artigo “Estatuto da Criança e Adolescente e Estatuto da Juventude: interfaces, complementariedade, desafios e diferenças. **Revista Direito e Práxis**, v. 10, n. 2, p. 1214–1238, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rdp/a/KJQwwTJWTWgskWqmSRPDpwy/#>. Acesso em: 01 ago. 2024.

juventudes em suas produções de significados e construções de identidades, dialoga com seu modo de viver e experimentar a existência. Helena Abramo define a *situação juvenil* como aquilo “que revela o modo como tal condição vivida a partir dos diversos recortes referidos às diferenças sociais – classe, gênero, etnia etc” (2005, p. 42). Compreendo, aqui, que é através dessa *situação* que as juventudes se tornam plásticas, uma vez que é nela que a vida efetivamente acontece; no entanto, não se pode pensar nelas sem considerar a condição juvenil, que se apresenta como um conjunto de exigências impostas.

Considerar apenas o critério etário ou fisiológico seria reduzir a diversidade das juventudes e camuflar as adversidades que o modelo burguês de juventude, em uma sociedade de classes, impõe a jovens de diferentes condições sociais e econômicas (Pochmann, 2004). A consolidação do Estatuto da Juventude, como culminância das discussões anteriores, (Brasil, 1990, 2005), delimita o campo de políticas públicas voltadas para as juventudes, instituindo-as como políticas de Estado (Castro, Macedo, 2019).

Aceitar objetivamente essas definições em determinados momentos é imprescindível, pois vivemos em uma sociedade que nos organiza e nos confere direitos e deveres conforme a nossa capacidade intelectual, condição física, idade, entre outras condições e marcadores sociais. Isso se dá a partir da própria noção de direitos mínimos (mínimos éticos) que cada pessoa deve ter, simplesmente por ser uma pessoa e viver em

uma sociedade plural, sendo assim aceita e não apenas tolerada (Andrade, 2009).

Contudo, sabe-se também, parafraseando Belchior, que toda lei é menor do que a vida de qualquer pessoa. Aqueles que nos deram a ideia de uma consciência e juventude(s) também construíram essa perspectiva ao seu modo, dialogando com o seu tempo e sujeitos às relações de força que as definições podiam oferecer. Essas definições não deixavam de ser políticas e sujeitas às relações de poder (Mclaren, 2016).

Na virada do século, as juventudes têm sido vistas como uma categoria mais flexível e dinâmica, uma construção histórica e social (Abramo, 2005, p.37), cujo interesse recai mais sobre os aspectos que compõem a sociabilidade que as juventudes desenvolvem, a partir de suas experiências e dos marcadores da diferença são proporcionados em determinada cultura (Andrade, 2008; Andrade, Meyer, 2014)

Marcelo Urresti e Mario Margulis apontam para o perigo das análises que desmaterializam as juventudes, tomando-as sem considerar suas historicidades. “A juventude, como qualquer categoria socialmente constituída, que faz alusão a fenômenos existentes, tem uma dimensão simbólica, mas também deve ser analisada a partir de outras dimensões: devemos prestar atenção aos aspectos factuais, materiais, históricos e políticos em que toda produção social ocorre” (1996, p. 5, tradução nossa). Eles ressaltam que a juventude, como categoria social, tem uma dimensão simbólica, mas também deve ser analisada a partir de suas dimensões materiais, históricas e políticas. O conceito de moratória social,

segundo esses autores, revela como as classes economicamente mais privilegiadas podem retardar a transição para a vida adulta, enquanto as classes menos favorecidas tendem a realizar essa transição mais rapidamente.

Quando se considera a classe, os modos de viver as condições juvenis tornam-se ainda mais significativos, conforme apontam Mario Margulis e Marcelo Urresti em “La juventud es más que una palabra” (1996), pois as condições econômicas favorecem certa tolerância em relação aos períodos de transição. Já Sandra dos Santos Andrade e Dagmar Estermann Meyer (2014) reconhecem esse marcador como significativo, embora apontam que ele, por si só, não é determinante, uma vez que as “classes populares” também experimentam esse período de certa tolerância, “mesmo que ela seja vivida de outros modos” (Andrade, Meyer, 2014, p. 92).

Esses autores direcionam suas pesquisas e escritos para além da juventude como um problema social ou pela ótica da juventude como um período de transição entre a infância e a vida adulta. Abdicam de encará-las como foram vistas na metade do século passado “(...) sendo sempre depositária de um certo medo, categoria social frente à qual se pode (ou deve) tomar atitudes de contenção, intervenção ou salvação, mas com a qual é difícil estabelecer uma relação de troca, de diálogo, de intercâmbio” (Abramo, 1997, p. 30). Dedicam-se a pensar as juventudes, suas agências e negociações produzidas para além dessas determinações.

Ao realizar um trabalho de campo, como o que propusemos, a escrita se torna parte da pesquisa. Colocar-se a narrar o que acontece é, em si, uma forma de investigação, assim como tentar colocar-se no lugar do outro e imiscuir-se em suas experiências.

Conforme apontou o professor Dr. Jose Prof. José Guilherme Cantor Magnani, em aula “Lazer de perto e de dentro: uma abordagem antropológica”, (GEPJUVE UFRGS, 2024a), destaca a importância de realizar a pesquisa enquanto ela está sendo feita, mantendo o planejamento aberto e atento às novas informações que surgem.

Essa perspectiva foi essencial ao pensarmos nas juventudes e suas práticas de lazer, ainda que não estejam restritas a elas. Magnani (GEPJUVE UFRGS, 2024a) também alertou para como o lazer pode, em certos momentos, romper com as demandas capitalistas e operar em uma lógica que valoriza a vida como um todo, não contraponto a ideia de que o lazer é uma contraposição ao trabalho, que se faz apenas em horas vagas, ou seja, não se vive o lazer para sobreviver mais às demandas capitalistas, mas se entretém para continuar a vida como um todo.

A PRÁTICA DO SKATE

Para pensar essa prática, que de certo modo nos auxilia a olhar às juventudes, embora não esteja reduzida a ela, o professor Dr. Giancarlo Marques Carraro Machado, em sua aula “*Skate na rua: a cidadinidade em questão*” (GEPJUVE UFRGS, 2024b), discutiu a querela entre os praticantes e o

governo de São Paulo, à época da gestão do prefeito Jânio Quadros, destacando como essa prática passou a ser regulada por gestões distintas do poder público de acordo com as lógicas esportivas e corporais, afastando-se da sua origem mais cooperativa.

Uma contenda que se estende desde uma tentativa de proibição da prática até a resistência dos praticantes, assim como a visibilidade que isso, de certo modo, produziu (Brandão, 2014). Embora a disputa tenha gerado esse olhar para a prática, quando o esporte suplanta a prática espontânea, Machado aponta que “(...) a ótica cidadina dos skatistas tornou-se minimizada pela prevalência de lógicas esportivas que prezavam por regulamentações espaciais e corporais.” (2022, p. 285). Essa é uma clara tentativa de controlar a prática do skate de rua, assim como dos seus praticantes.

Essa vigilância vai sendo construída em uma flagrante tentativa de limitar os espaços que os praticantes ocupavam na cidade. Quem tem o direito de ocupar o que e quando? A isso, Machado (2022) responde que

A justificativa da propositura evidenciava que certos locais públicos da cidade, como as pistas, em decorrência de características específicas, como facilidade de locomoção, volume de pessoas, baixa iluminação etc., são alvos de frequentes ocorrências policiais. Tratava-se, dessa forma, de uma clara tentativa de conter e vigiar possíveis transgressões causadas pelos frequentadores de tais locais, como os skatistas (Machado, 2022, p. 287).

Uma percepção que nos parece evidente, embora não corresponda à realidade, é a normatização do skate como esporte competitivo. Isso destoa do skate de rua, dado seu caráter mais cooperativo, em que o foco reside mais na autossuperação do que na competição em si. Consequentemente, essas duas formas identitárias do skate são colocadas em disputa, em prol daquela que for mais condizente com a 'essência' do skatista.

As tessituras que as/os praticantes imprimem à cidade são mediadas pelo uso do skate. Remete-nos ao verso da música dos Racionais Mc: “A rua me atraía mais do que a escola”.⁵ Embora o verso esteja dentro de outra lógica, podemos indagar, acometidos por eles, ao pensarmos na prática do ‘skate de rua’ e na tentativa de tornar a modalidade um esporte, delineando, assim, o que Machado vai denominar de “esportivização” (2022, p. 298) da prática. Compreende-se que essa rua atrai mesmo mais do que as pistas, embora elas/eles também as utilizem, pois elas estão lá e elas/eles são livres para usar ou não. Essa busca pela identidade entre quem praticaria a modalidade ‘raiz’ e quem não a pratica é uma constante em qualquer grupo, mas, no caso desses praticantes, traz à tona a questão de ser livre para usar a cidade como desejar e se perceber um pouco ‘domesticado’ ao ter que usar as pistas. Ademais, as questões de até que ponto se subverte o sistema ou o quanto há de subversão em não se submeter a ele.

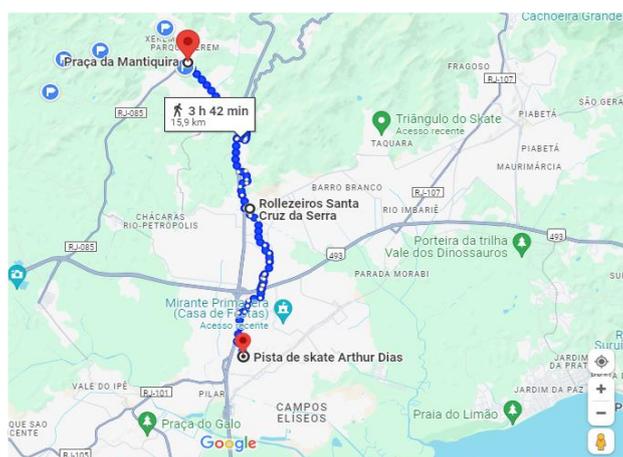
⁵ Música: “*Tô ouvindo alguém me chamar*”. Racionais MC's.

Isso, de certa forma, dialoga um pouco com as pistas que visitamos e que iremos apresentar agora. Da experiência de praticantes que vão de um lugar a outro, estabelecendo-se nas ruas e levando as ruas para as pistas. De uma ponta a outra, hoje, com o “efeito Rayssa”, conforme apresentado pelo professor Leonardo Brandão na aula “Para além do esporte: uma história do Skate no Brasil” (GEPJUVE UFRGS, 2024c), permite-nos pensar que entre as proibições do passado até os fenômenos midiáticos, devidos às olimpíadas, somos levados a pensar sobre o lugar dessa prática na vida de alguns e algumas jovens e na vida cotidiana de algumas praças.

DA EXTINTA PISTA DE SKATE DA PRAÇA DA MANTIQUEIRA À PISTA ARTHUR DIAS

Para as nossas observações participantes, escolhemos a Pista de Skate Arthur Dias, localizada no bairro de Jardim Primavera. Antes, passamos pelas pistas *‘Rollezeiros Santa Crus da Serra’*, no 3º Distrito do Município, a uma distância de 7,9 km, e revisitamos a Praça da Mantiqueira, onde havia uma pista. Na construção do nosso percurso, conforme se pode observar na imagem 1, realizamos esse trajeto no Google Maps como se estivéssemos andando. Contudo, esse trajeto geralmente é percorrido pelos praticantes, na maior parte das vezes, utilizando o transporte público ou carros próprios.

Imagem 1 – Distância entre as pistas Pistas.



Fonte: Print do mapa do Google Maps, 2024.

Como não há mais a pista na Praça da Mantiqueira, indagamo-nos para onde migraram aqueles e aquelas que andavam por lá, uma vez que a pista mais próxima fica a quase oito quilômetros. Não encontramos ninguém que seja de Xerém na Rollezeiros, embora tenhamos realizado apenas uma visita. Acreditamos que haja a prática da modalidade, até mesmo por ser um local mais próximo e pelas similaridades da pista da Praça da Mantiqueira. Contudo, encontramos praticantes na Pista Arthur Dias, que fica aproximadamente 18 km da extinta pista da Mantiqueira.

A Rollezeiros é uma pista estilo *Ramp*. Nela, não encontramos pessoas praticando, apenas crianças brincando e utilizando a rampa para escorregar. Embora nossa visita tenha ocorrido numa quarta-feira à noite de agosto, o que pode ter limitado nossa exploração do local, algumas pessoas relataram que há poucos praticantes que utilizam a pista com skates. Na maior parte do tempo, a pista é usada por crianças para brincadeiras e por adolescentes que se reúnem para conversar. O local estava malconservado, com as proteções de

ferro cobertas de ferrugem. Até mesmo as imagens que caracterizavam a presença dos praticantes foram substituídas, conforme se pode verificar na Imagem 2.

Imagem 2 – Pista do Rollezeiros: antes e depois.



Fonte: (antes) Google Maps. (depois) Acervo pessoal.

Nela, há sinais do apagamento, sem nenhuma consideração pelas marcas deixadas pelos praticantes, assim como ocorreu com a pista da Praça da Mantiqueira. A Imagem 3 nos permite a comparação entre as pistas do Rollezeiros e a extinta pista da Praça da Mantiqueira, pois nesta última não restam nem mesmo as estruturas, vítimas das administrações anteriores da prefeitura e de seus projetos de academias nas praças. Projetos que têm deixado as praças sem arborização, impossibilitando a presença de pessoas durante o dia, devido às altas temperaturas e ao ‘sol quente’, enquanto são quase que reservadas ao comércio durante a noite, ocupadas por

barraquinhas de comida, cujas mesas e cadeiras ocupam quase todo o espaço.

Imagem 3 – Extinta Pista da Praça da Mantiqueira.



Fonte: Acervo pessoal e Acervo do Mestre Timá.

Seguimos, então, para a Pista Arthur Dias, cujo nome homenageia o skatista Arthur Dias, conhecido como Capi, um jovem que também era um praticante do skate e morador da localidade⁶. A estrutura bem mais desenvolvida, com uma presença maior de praticantes, tanto do esporte quanto do lazer que ele proporciona, já que a pista é do estilo Skate Park. A praça também conta com uma quadra de vôlei de área, uma quadra de basquete e um campo de grama sintética. Por ser uma praça bem nova, destoa das praças anteriores seja na própria presença de uma arborização mais densa e pela proposta da pista de skate, que foi construída de maneira mais moderna.

Em nossa primeira visita à Pista Arthur Dias, como se observa na Imagem 4, encontramos uma mãe que havia trazido

⁶ A praça é uma homenagem ao jovem Arthur Dias, praticante do esporte. Segue o Instagram para conhecimento de algumas manobras que realizava: <https://www.instagram.com/arthurdiassk/>

as duas filhas, uma de 9 e a outra de 12 anos, para ter aulas de skate. Cada aula durava duas horas semanais, ao custo de R\$ 100,00 por mês, e era ministrada por um dos praticantes locais. Após a aula, o professor pegou seu skate, juntou-se aos demais e continuou a andando de skate, misturando treino e lazer de forma indistinguível, sem saber onde uma prática terminava e a outra começava.

Imagem 4 – Pista Arthur Dias e alguns praticantes.



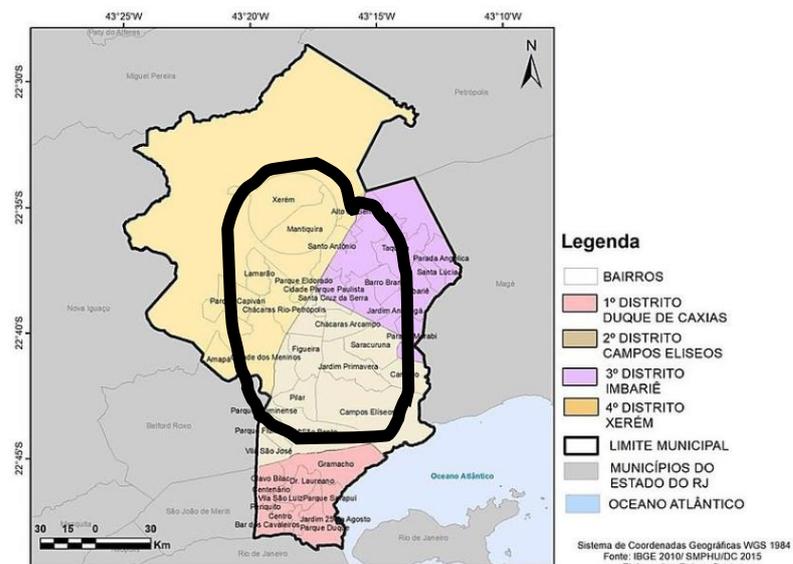
Fonte: Acervo pessoal.

Em um momento da conversa, a mãe confidenciou que as meninas deveriam praticar algum esporte por estarem acima do peso, mas ficou latente em sua fala que o interesse pela

prática surgiu ao ver a performance da ‘fadinha’, que nos remete diretamente ao “efeito Rayssa” (GEPJUVE UFRGS, 2024c). Em uma síntese que equilibra o cuidado com a saúde das filhas e o desejo de proporcionar lazer, parecia que o skate unia essas duas necessidades, sendo a distância entre o 3º e o 2º distrito da cidade um empecilho menor.

A Pista Arthur Dias fica localizada no 2º Distrito do município de Duque de Caxias, no Estado do Rio de Janeiro. Uma pista localizada na Baixada Fluminense, que aproxima skatistas de diferentes bairros, como Figueira, Jardim Primavera e Campus Elísios, além de praticantes de áreas mais distantes, como o bairro de Xerém, que não possui mais uma pista de skate, conforme mostra o círculo em preto no mapa da Imagem 5.

Imagem 5 – Folder no Instagram do Campeonato na Pista Arthur Dias.



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Mapa_IBGE.jpg

Foi na Arthur Dias que os praticantes organizaram o 1º *Campeonato Amador de Skate na Capista*, conforme mostra a imagem 6. Embora a competição tivesse suas próprias regras e configurações, ficou evidente nas falas dos organizadores e participantes que o evento representava uma última homenagem a Arthur Dias, um adeus a um skatista querido. O campeonato amador foi realizado no ano de 2023, com a organização de praticantes que conheceram Arthur Dias, como também de praticantes e admiradores do que ele representou para a modalidade. Entre os participantes, havia moradores de Xerém que praticavam na extinta pista da Praça da Mantiqueira.

Imagem 6 – Folder no Instagram do 1º Campeonato Amador na Pista Arthur Dias.



Fonte: https://www.instagram.com/p/Cvh_aCrrwX/

O skate é praticado tanto na pista quanto nos arredores da praça. Ainda que tímida, há uma presença de meninas, mas

os meninos continuam sendo a maioria dos praticantes. As meninas, por sua vez, participam, conversam e acompanham amigos, namorados e namoradas, vivenciando o espaço. Crianças e adolescentes também utilizam a pista para lazer, e brincar de ‘escorrega’ é comum, assim como na Rollezeiros e na Artur Dias.

Isso evidencia que a pista em si é um equipamento que agrega e contribui para a formação das subjetividades de seus frequentadores, ajudando-nos a entender o tempo livre como um tempo de lazer. Ao que afirma Brenner *et al.*

A investigação sobre a dinâmica da ocupação do tempo livre pelos jovens é de significativa importância para se compreender os sentidos do próprio tempo da juventude nas sociedades. A dinâmica sociocultural da vida juvenil expressa, em grande medida, a realidade efetiva das coisas que organizam a vida dos jovens nas culturas vividas no lazer e no tempo livre (2008, p. 29).

Eles se organizam da prática de skate e a usufruem também como uma forma de lazer, que pudemos observar naquele momento do dia e, às vezes, além desse tempo, como um modo de existência fundamental para a construção de suas identidades. São jovens que lembram a experiência de um amigo que os deixou, e a convivência com outros que proporciona trocas e relações significativas. A prática na pista envolve um processo dialético em que a pista molda os skatistas, e eles, por sua vez, dão sentido ao espaço, em uma relação indissociável entre lazer e modo de vida.

Convivência que Brenner *at al.* (2008) aponta como a características mais presente entre jovens: o encontro com

amigas/os é a terceira atividade mais desenvolvida por elas e eles como práticas de lazer. Isso se evidenciou na pista Arthur Dias, pois a presença de grupos andando de skate indica que a prática apresenta esse elemento agregador; elas vão para andar de skate, mas, sobretudo, para estarem acompanhadas e encontrarem outras pessoas.

Portanto, a existência da pista no bairro ainda representa um importante espaço para fazer amizades, sendo um lugar de encontro e presença. Embora a relação entre os jovens hoje seja mediada pelas redes sociais e pela facilidade de comunicação, esses contatos culminam em encontros para a prática do skate, lazer e o prazer de andar, entre uma manobra e outra, buscando aquela sempre desejada execução da manobra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática do skate é uma forma de ocupação dos espaços reservados para o esporte, embora os praticantes não se limitem a esses locais, pois também circulam em outros espaços. Eles ocupam os territórios como quem exige reconhecimento, ao menos de sua existência. Misturam a prática esportiva com suas atividades de lazer e essas com o esporte, de forma que se torna impossível delimitar estão fazendo uma ou outra. Cooperam entre si, aplaudem uns/umas aos outros/outras, algo muito observado na pista Arthur Dias, especialmente quando um dos integrantes do grupo executa com sucesso uma manobra. Ao mesmo tempo, são incentivados/as a tentar novamente caso não consigam.

Praticar, treinar e divertir-se, não necessariamente nessa ordem, é o que os leva à pista. E, a partir dessas intenções, são atravessados por várias outras relações e condições que a prática e a idade lhes proporcionam. Vivem o presente, relembram o passado e constroem novas memórias, assim se constituindo como praticantes.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Marcelo. Tolerar é pouco?: pluralismo, mínimos éticos e práticas pedagógicas. Petrópolis, RJ: DP et Alii: De Petrus; Rio de Janeiro: Novamerica, 2009.

ANDRADE, Sandra dos Santos; MEYER, Dagmar Estermann. Juventudes, moratória social e gênero: flutuações identitárias e(m) histórias narradas. Educar em Revista, n. spe-1, p. 85–99, 2014. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/er/a/hT39pphnhSjW5DyJgz73CdB/#> Acesso em: 15 nov. 2023.

ANDRADE, Sandra dos Santos. Juventudes e processos de escolarização: uma abordagem cultural. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em:
<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/13502/000649064.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 2 jul. 2024.

ABRAMO, Helena Wendel. Condição Juvenil no Brasil contemporâneo. In.: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martini. Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo e Instituto da Cidadania, 2005.

BRASIL. Lei 8.069 de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e Adolescente e dá outras providências. Disponível em:
https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm Acesso em: 06 nov. 2023.

BRASIL. Lei 11.129 de 30 de junho de 2005. Institui o Programa Nacional de Inclusão de Jovens – ProJovem; cria o Conselho Nacional da Juventude – CNJ e a Secretaria Nacional de Juventude, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11129.htm Acesso em: 06 nov. 2023.

BRASIL. Lei 12.852 de 5 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm Acesso em: 06 nov 2023.

BRANDÃO, L. De Jânio Quadros a Luiza Erundina: uma história da proibição e do incentivo ao skate na cidade de São Paulo. Projeto História : Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, [S. 1.], v. 49, 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/17861> Acesso em: 20 ago. 2024.

BRENNER, A. K.; DAYRELL, J.; CARRANO, P. Juventude Brasileira: Culturas do Lazer e do Tempo Livre. In: Brasil. Ministério da Saúde. Fundação Oswaldo Cruz. Um olhar sobre o jovem no Brasil. Ministério da Saúde, Fundação Oswaldo Cruz.– Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2008, p. 29-44 (Série B. Textos Básicos de Saúde).

CASTRO, Elisa Guaraná de; MACEDO, Severine Carmem. Estatuto da Criança e Adolescente e Estatuto da Juventude: interfaces, complementariedade, desafios e diferenças. Revista Direito e Práxis, v. 10, n. 2, p. 1214–1238, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rdp/a/KJQwwTJWTWgskWqmSRPDpwy/#> Acesso em: 06 nov. 2023.

GEPJUVE UFRGS. Lazer de perto e de dentro: uma abordagem antropológica - Curso de Extensão. YouTube. 26 de mar. de 2024a. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=p-riQft_ZuI&t=2378s Acesso em: 19 ago. 2024.

GEPJUVE UFRGS. Para além do esporte: uma história do Skate no Brasil - Curso de Extensão. YouTube. 17 de jun. de 2024c. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=QHGHMLxH_E4&t=1020s Acesso em: 19 ago. 2024.

GEPJUVE UFRGS. Skate na rua: a cidadinidade em questão - Curso de Extensão. YouTube. 17 de jun. de 2024b.

Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=QHGHMLxH_E4&t=1020s Acesso em: 19 ago. 2024.

MACHADO, G. M. C. Esporte, cidadinidade e política: disputas em torno dos sentidos da prática do skate de rua em São Paulo-SP. Antropolítica - Revista Contemporânea de Antropologia, v. 54, n. 1, 1 abr. 2022. Disponível em:

<https://periodicos.uff.br/antropolitica/article/view/46586>. Acesso em: 20 ago. 2024.

MCLAREN, Margaret A. Foucault, Feminismo e Subjetividade. São Paulo: Intermeios, 2016.

MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. La juventud es más que una palabra. In: ARIOVICH, Laura. La juventud es más que una palabra: ensayos sobre cultura y juventud. Buenos Aires: Biblos, 1996, p. 13-30. Disponível em:

http://isfdmacia.zonalibre.org/PE_Margulis-Urresti_Unidad_4.pdf Acesso em: 15 nov. 2023.

MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, n. 05-06, p. 05-14 dez. 1997. Disponível em:

http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24781997000200002&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 25 jun. 2024.

POCHMANN, Marcio. Juventude em busca de novos caminhos no Brasil. In.: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo. Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SPOSITO, Marília Pontes. Estudos sobre juventude em educação. Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, n. 05-06, p. 37-52, dez. 1997. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24781997000200005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 25 jun 2024.

DEAMBULANDO NO IAPI SKATE PARK: UMA ANÁLISE DAS JUVENTUDES SKATISTAS E SUAS MARCAS URBANAS DE LAZER

Gabriela Borba Bispo dos Santos



INTRODUÇÃO

O campo de pesquisa das juventudes tem recebido destaque no setor acadêmico, visando entender e analisar as experiências dos jovens socialmente. Essa compreensão é fundamental para repararmos que as juventudes se expressam de inúmeras formas e criam vínculos afetivos com os lugares e com os sujeitos que gostam de estar ao lado, demarcando, assim, uma grande rede de sociabilidade e a constituição de espacialidades. A heterogeneidade dos jovens (Vieira, 2022) é um elemento relevante nesse contexto, uma vez que cada jovem demonstra sua identidade de forma distinta, colaborando para a riqueza e a complexidade das culturas juvenis. Os estudos de lazer, por sua vez, discutem as atividades que os indivíduos realizam no seu tempo livre e como essas ações influenciam seu meio social e cultural (Dumazedier, 2001). Ao mergulharmos no universo do lazer, podemos entender como ele influencia as culturas juvenis

especializadas no meio urbano, bem como se dão as relações desses jovens com suas expressões corporais.

Desta forma, essa pesquisa se originou a partir da disciplina: “Juventudes, lazer e território: marcas urbanas do lazer de jovens contemporâneos”, disponibilizada pelo Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Ela teve como objetivo apresentar os elementos centrais e as interseções do campo de pesquisa das juventudes e dos estudos do lazer, assim como suas interfaces com o conceito de território. Sendo assim, como requisito de aprovação nesta disciplina, foi solicitado a realização de um trabalho de campo em uma pista de skate do município de Porto Alegre ou da região metropolitana, com a finalidade de analisar os jovens skatistas desses locais.

Portanto, dentre as possibilidades de locais sugeridos, optei por realizar o trabalho no IAPI Skate Park, localizado na zona norte de Porto Alegre. A escolha desse local se deu pela proximidade que eu estava do lócus naquele momento, as outras opções ficaram inviáveis pela distância. Para tanto, este trabalho tem como objetivo central analisar as formas de apropriação do IAPI Skate Park a partir dos jovens skatistas. Com isso, como percurso metodológico da investigação, foram realizadas observações a partir do trabalho de campo. Ele se debruçou na técnica das Deambulações Sociológicas (Pais, 2015), a fim de contribuir com a análise do espaço estudado e dos jovens que ali desenvolviam suas atividades. Também foi confeccionado um diário de campo (Barbier, 2007), com a

finalidade de registrar tudo que fosse observado; além dos registros fotográficos.

Quanto aos conceitos que serão trabalhados, destaco as juventudes; o espaço geográfico e o território; e os estudos de lazer e skate. Respectivamente, as juventudes contemporâneas demonstram suas diversas maneiras de ser e de estar no mundo, evidenciando suas heterogeneidades. Podemos entender o espaço geográfico como uma possibilidade de palco das experiências dos jovens, através das suas apropriações e demarcações territoriais. Os estudos de lazer viabilizam compreender como os jovens estabelecem suas identidades e expressões artísticas e corporais, assim como através do skate é possível perceber uma cultura que provoca transformações urbanas.

O texto está estruturado, para além da introdução, no breve referencial teórico, na apresentação do espaço deambulado e nas principais conclusões.

BREVE REFERENCIAL TEÓRICO

O aporte teórico se dividiu em três partes: o primeiro, tratando sobre a temática das juventudes; o segundo, sobre alguns conceitos importantes da Geografia e; o terceiro, acerca dos estudos do lazer e do skate.

JUVENTUDES

O que são as juventudes contemporâneas? Esse conceito pode ser entendido como uma construção social, portanto, ele muda de acordo com a época e o contexto. Sendo assim, é relevante compreender que as várias definições do termo

juventude são convenções, isto é, são criações sociais que são datadas e localizadas, e que correspondem a interesses, sejam eles dos grupos dominantes, ou não. Conforme Cassab (2011), existem três tipos principais de definições acerca do conceito de juventudes: 1) com base na classificação etária; 2) a que considera a juventude como uma etapa da vida; e 3) a noção de juventude como um projeto para futuro. Atualmente, conforme o Estatuto da Juventude (Brasil, 2013), esta classificação entende que os jovens são indivíduos entre os 15 e 29 anos. Ainda sobre a questão etária, Silva e Silva (2011) nos indicam que dentro da faixa etária proposta pelo estatuto mencionado anteriormente, há outras subdivisões, sendo:

A Política Nacional de Juventude divide essa faixa etária em 3 grupos: jovens da faixa etária de 15 a 17 anos, denominados jovens-adolescentes; jovens de 18 a 24 anos, como jovens-jovens; e jovens da faixa dos 25 a 29 anos, como jovens-adultos.

Desta forma, podemos entender que a questão etária, é um dos fatores mais utilizados para classificar os jovens, contudo, não podemos nos debruçar somente nela. Pais (2003, p. 98), um dos principais autores campo das juventudes no âmbito internacional, corrobora com a discussão quando diz que:

“[...] a juventude deve ser olhada não apenas na sua aparente unidade, mas também na sua diversidade”, pois não há um único conceito de juventude, que possa envolver todos os campos semânticos que a ela estão associados”.

Sendo assim, a heterogeneidade presente entre os jovens é um ótimo fator a ser observado, pois existe um universo de

características e de vivências entre eles e, portanto, não podemos padronizá-los. Sendo a heterogeneidade um dos principais pilares deste campo de pesquisa, há várias formas de expressões juvenis, que podemos observar a partir das culturas juvenis e sobre isso, Feixa (1998) diz que:

En un sentido amplio, las culturas juveniles se refieren a la manera en que las experiencias sociales de los jóvenes son expresadas colectivamente mediante la construcción de estilos de vida distintivos, localizados fundamentalmente en el tiempo libre, o en espacios intersticiales de la vida institucional (p. 32).

Dessa maneira, as culturas juvenis são um fenômeno significativo nos estudos sobre as juventudes, visto que existem muitas formas de ser e estar jovem entre os diversos grupos juvenis.

GEOGRAFIA

O espaço geográfico é o objeto de estudo da Geografia. Esse conceito pode ser entendido como uma totalidade complexa, pois é necessário levar em consideração diversas variáveis de análise, como os conflitos, os avanços, os silenciamentos, todas as esferas que compõe as redes de comunicação e informação, entre outros fatores. Nesse contexto, Santos (2002) ressalta que:

O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como quadro único no qual a história se dá.

Dessa forma, o espaço geográfico e seus objetos e sistemas não devem ser compreendidos de forma isolada, pois os sistemas interagem mutuamente, determinando uns aos outros: “de um lado, os sistemas de objetos condicionam a forma como se dão as ações e, de outro, o sistema de ações leva à criação de objetos novos ou se realiza sobre objetos preexistentes” (Santos, 2002), reorganizando e transformando o espaço. Portanto, ao entendermos esse conceito, conseguimos realizar análises espaciais ao longo do tempo, assim como a elaboração de novas espacialidades.

Por outro lado, pensando ainda no viés das espacialidades construídas, o conceito de território é muito relevante e podemos entendê-lo como o uso e apropriação de um lócus qualquer por meio de um grupo de sujeitos, através de relações de poder (Raffestin, 1993). Sendo assim, Haesbaert (2004) corrobora com o debate quando argumenta que:

Território, assim, em qualquer acepção, tem a ver com poder, mas não apenas ao tradicional “poder político”. Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais concreto, de dominação, quanto ao poder no sentido mais simbólico, de apropriação. Lefebvre distingue apropriação de dominação (“possessão”, “propriedade”), o primeiro sendo um processo muito mais simbólico, carregado das marcas do “vivido”, do valor de uso, o segundo mais concreto, funcional e vinculado ao valor de troca.

Dessa maneira, o território é uma espacialidade com muitos significados e relações de poder envolvidas e eles são expressos através da dominação, bem como pela apropriação

simbólica, evidenciando como as dinâmicas sociais têm o poder de transformar os espaços.

ESTUDOS DO LAZER E SKATE

Os estudos de lazer são muito significativos, visto que podemos estabelecer relações entre as práticas de lazer e as culturas constituídas nos diferentes espaços, assim como podemos observar as expressões de identidade e de resistência dos indivíduos através das suas demarcações territoriais e simbólicas. Assim sendo Dumazedier (2001) nos versa que as práticas do lazer são:

[...] um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou ainda para desenvolver sua formação desinteressada, sua participação social voluntária, ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.

Portanto, as práticas de lazer são importantes para os indivíduos, pois proporcionam um momento de descanso e/ou de descontração depois da realização das atividades que foram desenvolvidas durante a semana. Além disso, as práticas realizadas podem ser observadas como expressões culturais de um grupo de sujeitos. Nesse sentido, a prática e a cultura do skate, por exemplo, possibilitam demarcações urbanas significativas. Através desse esporte, as pessoas não realizam somente uma prática de lazer, mas também criam e reivindicam espacialidades, tornando, assim, um espaço de

identidade e de expressão cultural. Olic (2014) corrobora com o debate quando afirma que:

o skate passou a ser apropriado pelos jovens com o objetivo de produzir novas sensações no meio urbano por meio de práticas corporais que, de acordo com o tempo, passaram a produzir uma forma particular de seus praticantes experimentarem a cidade.

Desta maneira, a prática do skate possibilita analisar e refletir sobre as transformações urbanas, sociais, culturais e corporais que esses indivíduos criam e recriam ao longo do tempo.

DEAMBULANDO NO IAPI SKATE PARK

A deambulação foi realizada no dia 09 de agosto de 2024, sábado, iniciou às 16h42min e teve sua finalização às 18h, totalizando 1 hora e 18 minutos de duração. O espaço escolhido foi o IAPI Skate Park, localizado na zona norte do município de Porto Alegre, conforme ilustrado na imagem 1. A escolha por esse local se deu pela proximidade que eu estava desse lócus.

Imagem 1 – visão ampla do IAPI Skate Park



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

Logo que cheguei no IAPI Skate Park fui surpreendida. Imaginava que o espaço fosse bem maior, visto que as fotografias que estão disponibilizadas no *Google Maps* dão a impressão de que esse lócus é grande. Inicialmente, andei por seus arredores e tive a percepção de que a praça em que está localizada a pista de skate é praticamente para o uso e a prática desse esporte exclusivamente, concordando com o conceito de território proposto por Raffestin (1993) e Haesbaert (2004), assim como é uma forma de experimentar e/ou transformar a cidade e as práticas corporais (Olic, 2014) – conforme observamos na imagem 2 –, uma vez que quase não há bancos para sentar e nem *playgrounds* e/ou outros equipamentos para as crianças brincarem – dentre minhas paradas para fazer a presente deambulação, tive que me sentar diretamente no chão, como disponibilizado na imagem 3. Dentre os equipamentos disponibilizados na pista de skate, podemos observar: um hidrante, rampas, “corrimão”, caixotes, entre outros elementos, que permitem que os *skatistas* façam manobras durante o exercício que estão praticando. É

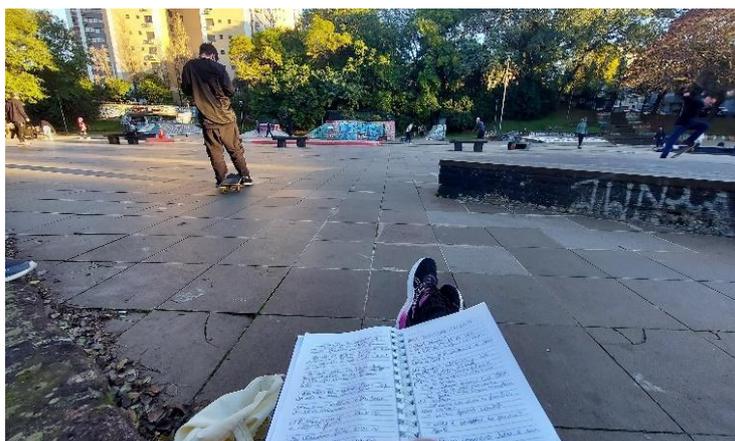
interessante comentar que nas rampas, na escadaria e nos muros havia vários graffitis, enquanto nas arquibancadas e nos caixotes tinham pixações.

Imagem 2 – jovens ocupando a pista de skate



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

Imagem 3 – anotações da pesquisadora

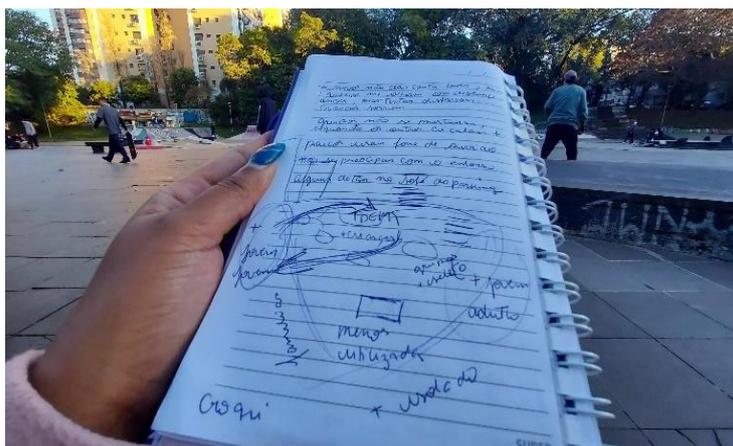


Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

O ambiente, de modo geral, contava com um número considerável de pessoas (em torno de umas 45), contemplando os jovens/crianças/adultos skatistas e as famílias que ficavam nos arredores da pista de skate. É relevante ressaltar que a maioria dos skatistas eram jovens, ainda que a presença de

crianças e adultos também estivesse ali. Havia uma maior presença de jovens homens entre os skatistas, as jovens mulheres somavam três até onde minha visão alcançava naquele momento (16h50min). Um fator interessante observado foi quanto a distribuição espacial dos skatistas, pois era notório onde havia o público jovem-jovem, o público jovem-adulto (Silva e Silva, 2011) e o público infantil; sendo o público jovem-jovem e o público infantil os que se misturavam ao longo da pista, o público jovem-adulto ficava mais recluso em seu próprio “grupo” próximo da escadaria – observe o croqui na imagem 4. Ainda quanto a distribuição espacial, era perceptível que alguns jovens skatistas estavam praticando em duplas ou em trios no máximo, assim como havia os que estavam sozinhos; as crianças geralmente estavam acompanhadas de um jovem ou de seus pais – como podemos observar na imagem 5 –, bem como ocupavam consideravelmente as rampas. O estilo de skate utilizado pela maioria dos skatistas era o *street*, não foram percebidos *longboards* ou *cruisers*. E em relação ao recorte de raça, era quase inexistente a presença de pessoas negras e indígenas, a grande maioria era branca.

Imagem 4 – croqui da pista de skate



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

Imagem 5 – jovens ocupando a pista de skate

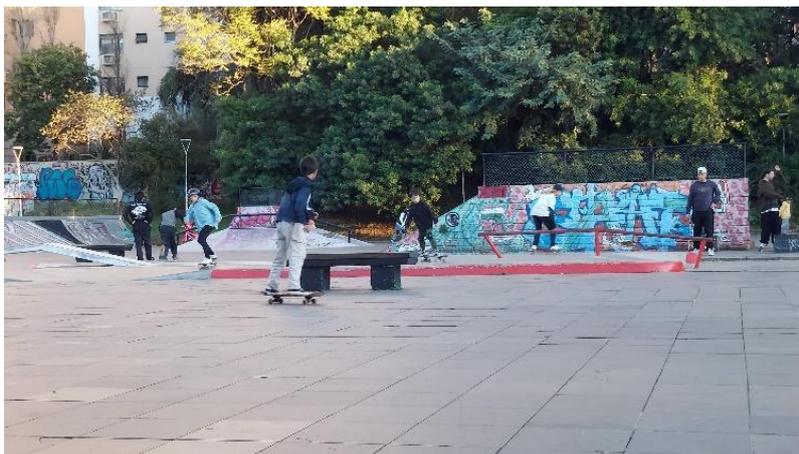


Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

Próximo das 17h, foi percebido que os jovens costumavam fazer algumas paradas para tirarem fotografias e para fazerem vídeos deles mesmos, bem como alguns pais e amigos que estavam nos arredores, próximo de algumas árvores, também tiravam fotos e consumiam chimarrão e paçoquinhas. É percebido nesse momento os jovens utilizando os equipamentos da pista, conforme a imagem 6. Nesse meio tempo apareceram 2 crianças andando de bicicleta que

estavam acompanhadas de outros jovens, provavelmente eram irmãos. Cabe apontar que as crianças de maneira geral utilizavam de equipamentos de proteção, o restante não fazia o uso desses materiais, como observamos na imagem 7. Dentre os jovens que estavam no meu campo de visão, eles conversavam entre si e davam algumas risadas. Uma das três jovens mulheres que estava andando de skate, neste momento estava sendo ajudada por outro jovem a fazer uma manobra, desconfio que sejam um casal em razão das trocas de olhares e de carinho. Exatamente as 17h13min, um grupo de 5 jovens se senta próximo de mim (4 homens e 1 mulher, todos brancos e skatistas); eles traziam consigo algumas latas de cerveja, assim como todos fumavam cigarros, dentre suas conversas, ouvi que eles planejavam ir para a CB (Cidade Baixa) pela noite. Concomitante com isso, percebo a presença de um jovem com touca preta, próximo das rampas, que frequentemente anda de skate e fica gravando os seus pés enquanto circula por ali. Entretanto, é notório que o grupo de jovens-adultos não tiram fotografias e nem fazem vídeos, bem como continuavam afastados dos demais skatistas. Sendo assim, é percebida a diversidade entre os jovens que estão este espaço como Pais (2003) discutiu.

Imagem 6 – jovens e crianças ocupando a pista



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

Imagem 7 – idem



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

Do ponto de vista do vestuário dos skatistas, a grande maioria utilizava moletom, calça e tênis (principalmente da marca Vans); assim como a paleta de cores que usavam eram escuras, poucos estavam usando branco, por exemplo. Pouco depois do horário anterior informado, nos equipamentos para realizarem manobras, o público infantil estava dominando – principalmente da parte das meninas, as quais andavam de skate e bicicleta... arisco a dizer que a maior presença de meninas quando comparado com as jovens mulheres se dá,

possivelmente, por causa da campeã olímpica de skate Rayssa Leal –, enquanto os jovens estavam mais distribuídos ao longo da pista de skate. Nesse momento, onde meu campo de visão alcança, os jovens não estavam falando entre si, eles andavam de skate, alguns tiravam fotos, outros gravavam vídeos, assim como alguns faziam algumas pausas para beber água – alguns me olhavam curiosos, pois sou a única pessoa que está escrevendo e eventualmente fotografa os mesmos.

É importante comentar dois pontos que me chamaram atenção dentre minhas observações: 1) os jovens costumam sorrir quando estavam andando de skate: seja por conseguirem realizar alguma manobra, seja por estarem entre amigos, seja porque seus pais e demais familiares e/ou amigos estavam ali os aplaudindo e registrando esses momentos, seja talvez pelo amor por esse esporte; 2) apesar do grupo que sentou perto de mim fumar e beber cerveja, a ampla grande maioria não consumia bebidas alcoólicas e nem faziam o uso de drogas lícitas e ilícitas; fatores esses que, quando comparados com a Orla do Guaíba, chamam bastante atenção na medida em que o cenário é bem ao contrário, o consumo de álcool e de drogas é bem expressivo. Também aponto que as comidas e bebidas que estavam sendo consumidas foram trazidas de casa, não havia nenhum ambulante vendendo nada pelos arredores da pista de skate.

Lá pelas 17h22min, observo uma mãe andando de skate com filho (jovem-adolescente); bem como foi percebido outras mães tirando fotos de seus filhos e filhas... algumas estavam acompanhadas de seus cachorros. O público de jovens-

adultos, que estava mais afastado, permanece, contudo, é reparado a presença de outros jovens-adultos se agregando naquele espaço também, como podemos visualizar na imagem 8 – acredito que ali os jovens tinham entre 25 e 29 anos e se conheciam entre si. Em volta deles estavam algumas garrafas de água e alguns pacotes de salgadinhos; alguns jovens estavam sentados no chão ou no próprio skate, outros estavam andando de skate ou estavam com ele nas mãos, ou ainda estavam sentados no sofá – eventualmente alguns jovens me olhavam quando eu tirava fotos, assim como alguns deles davam risadinhas. É importante colocar que as poucas jovens-mulheres que estavam naquele grupo não realizavam manobras, elas somente andavam com o skate, como observamos na imagem 9.

Imagem 8 – grupo de jovens-adultos



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

Imagem 9 – idem



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

Conforme a noite ia chegando, as famílias e as crianças iam deixando o *skate park* paulatinamente, ficando somente os jovens distribuídos ao longo da pista de skate – deste modo, percebemos uma transformação deste espaço como Santos (2002) apontou. Nesse momento, comecei a perceber que os jovens-adultos começaram a avançar um pouco mais na pista, uma hipótese para isso seja talvez o fato de não gostarem muito de dividir o espaço com as crianças. O lado que fica as rampas, próximo do prédio laranja, agora começa a ser dominado unicamente pelos jovens – reparei que enquanto fiquei ali, os jovens não iam muito para aquele lado; quando saí, eles começaram a ir para o lado de lá... o que será que minha presença significou para eles? Se bem que eu também acharia um tanto curioso um corpo estranho naquele espaço que somente observa, escreve e tira fotos...

Próximo das 17h35min, ouvi alguns jovens conversando sobre o que fariam depois de irem embora do *skate park*, dentre as opções, havia a casa do Gabriel (um deles), uma festa (não identifiquei o local) e uma lancheria para comer xis

(acredito que era perto dali). Enquanto escutava as conversas do entorto, pude perceber que os jovens-jovens não davam muita bola para esta pesquisadora que vos disserta, entretanto, os jovens-adultos me olharam com um semblante de desconfiança e as pouquíssimas crianças que ainda estavam ali com seus irmãos ou pais, sorriam eventualmente para mim. Também percebi que apesar do avanço pelo skate park – como podemos visualizar na imagem 10 –, alguns grupos não se misturavam, sendo, novamente, os jovens-adultos os mais reclusos, os jovens-jovens circulavam livremente e puxavam assunto com ambos os grupos, os jovens-adultos não. Nesse momento poucos usavam fones de ouvido, a ampla maioria conversava entre si e não havia preocupação com o entorno, por exemplo, andar espiado em função de assaltos. Alguns jovens se deitam no sofá que estava em direção a escadaria, bem como ligaram uma caixa de som.

Imagem 10 – jovens ocupando os equipamentos da pista



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

Próximo do horário da finalização da deambulação, as poucas crianças que ainda estavam presentes, foram embora. As luzes da praça como um todo acenderam, contudo, aponto

que o espaço deveria ser mais bem iluminado para a segurança de todos. Neste momento, foi identificado um novo grupo de jovens que ocuparam a pista de skate, sendo os jovens (3) que levaram seus cachorros para passearem por ali. Também pude notar que o público jovem-jovem geralmente olha para os jovens-adultos e tentam interagir com eles, possivelmente para se integrarem ao grupo ou simplesmente para puxar assunto, contudo, o inverso não ocorre muito, até é possível perceber algumas conversas, mas logo depois eles se dispersam. Próximo de onde estava, surge um casal que está andando de *roller*, são os únicos na pista toda. Foi reparado que um jovem de camisa cinza passava com uma certa frequência por mim, principalmente, quando eu pegava o celular – acredito que ele estava pensando que eu estava tirando fotos, mas nos minutos finais não fiz nenhum registro, pois estava um tanto insegura de estar ali. Por último, observei que chegaram mais alguns jovens andando de skate, eles estavam com algumas sacolas, mas não pude observar o que era porque bem na hora chegou meu *Uber*.

A partir da leitura das obras de Pais (2003) e Feixa (1998) e da deambulação realizada, fica evidente a percepção de que os jovens são heterogêneos e se manifestam nos seus espaços favoritos de inúmeras maneiras. No caso do IAPI *Skate Park*, percebemos que os jovens *skatistas* têm estilos de roupas próprios, alguns tem seu grupo ou sua dupla/trio de amigos, assim como alguns foram sozinhos para esse espaço e que também os *skatistas* são em sua maioria jovens homens brancos, apesar de ter a pouca presença de jovens mulheres,

reafirmando as heterogeneidades que estão os envolvendo. Do ponto de vista das redes de sociabilidades dos jovens, apresentada por Dayrell (2003), é notório que além do *skate* proporcionar essas redes, o consumo de bebidas e comidas, também possibilita as socializações entre eles. As fotografias e os vídeos também são uma forma de sociabilidade, uma vez que neles são registradas suas ações com o *skate*, um momento entre amigos ou simplesmente o sentimento de carinho e amor por esse esporte, ou também o orgulho que os pais têm de seus filhos ou dos próprios amigos. As práticas de lazer também são muito importantes de serem observadas, visto que podemos entender melhor as relações entre as práticas de lazer e de cultura através dos jovens, assim como podemos observar as expressões de identidade juvenil através dos graffitis e das pixações na pista de skate, como discutido por Dumazedier (2001).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, este trabalho abordou a relevância da interseção do campo das juventudes com os estudos de lazer, sendo possível compreender as particularidades que envolvem as espacialidades dos jovens skatistas do IAPI Skate Park, contribuindo para um entendimento mais aprofundado das suas redes de sociabilidades, bem como de suas diversidades e das suas práticas de lazer através do skate. Nesse sentido, o aporte teórico estudado foi fundamental, visto que possibilitou uma maior compreensão dos campos de pesquisa em si, como também de esclareceu alguns conceitos específicos e,

principalmente, auxiliou na realização do trabalho de campo na medida em que já cheguei com o olhar mais atento.

Sendo assim, as juventudes skatistas do espaço de pesquisa reforçam a ideia de que os jovens são diversos, pois cada um, dupla, trio ou grupos se comportaram de diferentes formas, bem como produziram diferentes espacialidades. Em meio a um universo de disparidades entre os indivíduos, é notório que o skate é o principal elemento que os une, pois através dele são constituídos os seus laços de identidade e de expressões culturais e corporais, além de artísticas também. O IAPI Skate Park é um importante território do skate, pois seus frequentadores demarcaram suas espacialidades ali e, assim, o lócus permanece como um lugar de afeto e de práticas de lazer urbanas. Apesar da falta de bancos pelos seus arredores, além da prática do skate também, é possível observar que ali é um local de encontro de amigos e familiares. Outro ponto interessante reparado é a transformação que esse espaço sofre com o passar das horas, sendo o período da tarde mais familiar e a noite com as múltiplas juventudes se apropriando desde lugar.

Desta forma, a união das temáticas juventudes, lazer, território e skate, destacam a importância de compreender como as práticas juvenis transformam o espaço geográfico diariamente e possibilitam para a formação de novas territorialidades, no caso do trabalho, do skate. Essas práticas, ao mesmo tempo que evidenciam alguns pontos de uma cultura construída localmente por meio da afetuosidade com o esporte, também apontam as interações entre as diferentes

identidades, bem como nas espacialidades produzidas ali, resultando em uma relação de apropriação do espaço, portanto, demonstrando o poder que uma cultura juvenil pode estabelecer através das práticas corporais com o skate. Conseqüentemente, a investigação desses campos de pesquisa de forma conjunta se faz necessária, uma vez que possibilita o entendimento das dinâmicas juvenis atreladas as práticas de lazer, bem como permitem novas dimensões a serem pesquisadas.

REFERÊNCIAS

BARBIER, René. A pesquisa-ação. Brasília. Liberlivro:2007.

BRASIL. Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. Diário Oficial da União, Brasília, 05 ago. 2013. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112852.html. Acesso em: 22 ago. 2024.

CASSAB, Clarice. Contribuição à construção das categorias jovem e juventude: uma introdução. Locus: revista de história, Juiz de Fora, v. 17, n. 02, p. 145-159, 2011.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. Revista Brasileira de Educação, Campinas, n. 24, p. 40-52, set./dez. 2003.

DUMAZEDIER, Joffre. Lazer e Cultura Popular. São Paulo: Perspectiva, 2001.

FEIXA PAMPOLS, Carles. La ciudad invisible: territorios de las culturas juveniles. In: MARGULIS, Mario; CUBIDES, Humberto; VALDERRAMA, Carlos. Viviendo a toda: jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades. Santa Fé de Bogotá: Universidad Central; Siglo Del Hombre, 1998.

HAESBAERT, Rogério. Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade. 2004. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/petgea/Artigo/rh.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2024.

OLIC, Mauricio Bacic. Das ruas para os Jogos Olímpicos? Dinâmicas em torno da prática do skate. Campos - Revista de Antropologia Social, v. 15, n. 1, p. 75-96, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/campos/article/view/43208>. Acesso em: 22 ago. 2024.

PAIS, José Machado. Culturas Juvenis. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003.

PAIS, José. Deambulações cotidianas: a emergência de um método na observação dos sem-teto. 2015

RAFFESTIN, Claude. Por Uma Geografia do Poder. São Paulo: Editora Ática, 1993.

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: EDUSP, 2002.

SILVA, Roselani Sodrê da; SILVA, Vini Rabassa da. Política Nacional de Juventude: trajetória e desafios. Caderno CRH, v. 24, n. 63, p. 663–678, set. 2011.

VIEIRA, Cristina Pereira. Prefácio – falas sobre as juventudes, em tempos de pandemia: introdução ao discurso. In: OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel (org.). Dialogando sobre juventudes. Porto Alegre: GEPJUVE/UFRGS, 2022.

JUVENTUDES, ESPAÇO E SKATE: REFLEXÕES A PARTIR DA MINI RAMP GUARUJÁ ESPLANADA

Gabrielle Bezerra da Silva

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente texto integrou o trabalho final da disciplina “Juventudes, Lazer e Território: marcas urbanas do lazer de jovens contemporâneos”, ofertada a partir de uma colaboração entre o Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH) e o Programa de Pós-Graduação em Geografia (POSGEA) da UFRGS. Ministrada pela primeira vez no ano de 2024, a disciplina compõe um projeto de pesquisa desenvolvido pelos Professores Dr. Daniel Vasques (PPGCMH/UFRGS) e Dr. Victor Hugo Nedel Oliveira (POSGEA/UFRGS), que visa “[...] analisar os sentidos, as disputas e as apropriações das juventudes em torno dos territórios do skate na orla do Guaíba em Porto Alegre, RS” (UFRGS/Propesq, 2024). No decorrer das aulas, transitou-se pelos campos de pesquisa das juventudes e do lazer, estudou-se conceitos como os de território e territorialidades, além de serem realizadas reflexões sobre a prática do skate.

Posto isso, enquanto etapa da vida, a juventude é marcada por um conjunto de experiências *diversas, diferentes e desiguais*, que se entrelaçam com as particularidades dos contextos espaciais dos quais as/os jovens fazem parte/produzem. De acordo com Cassab (2015), a juventude

(também) se produz nas/pelas relações que estabelecem com a cidade; assim, suas práticas espaciais tornam-se elementos relevantes para a investigação e o conhecimento da condição juvenil. Além disso, pesquisar *com/sobre* os jovens contribui para a compressão do funcionamento da própria sociedade, pois envolve, segundo Cavalcanti (2015), conhecer, em alguma medida, os desafios, os dilemas, as contradições e as diferenças no/do mundo.

Conforme Pais (1990, p.149), “a juventude aparece socialmente dividida em função dos seus interesses, das suas origens sociais, das suas perspectivas e aspirações”, tornando-se necessário tomá-la na sua diversidade. Nesse sentido, as juventudes são entendidas como um grupo social altamente heterogêneo, atravessado por distintas dinâmicas socioespaciais. Contudo, dentro desse grupo, há uma parcela de jovens que utiliza o skate como meio de apropriação e uso do espaço urbano – sendo esses os sujeitos com os quais se busca dialogar aqui. Este trabalho tem como objetivo, portanto, apresentar os resultados de um trabalho de campo, desenvolvido a partir da realização de uma *Deambulação Sociológico-Geográfica* na Pista de Skate do Guarujá (ou “Mini Ramp Guarujá Esplanada”), localizada no Bairro Guarujá, na Zona Sul de Porto Alegre/RS.

O texto foi estruturado em quatro seções para além das considerações iniciais. Na seção “Juventudes, espaço e skate”, são abordadas questões teóricas sobre as juventudes contemporâneas e o skate como prática corporal de movimento e de lazer, utilizando bibliografias estudadas em aula, como

Abramo (1997), Haesbaert (2004), Brasil (2013), Olic (2014) e Santos (2020). Na seção “Deambulações Sociológico-Geográficas como método de pesquisa”, destacam-se os aspectos metodológicos do trabalho, incluindo a definição de deambulação e em qual contexto foi realizada. Na seção “A Mini Ramp Guarujá Esplanada”, apresentam-se os resultados obtidos por meio das observações de campo. Por fim, em “Considerações Finais” são retomados e sintetizados os principais elementos discutidos ao longo do texto.

JUVENTUDES, ESPAÇO E SKATE

Muito além de compreender a juventude como uma fase da vida delimitada por uma faixa etária específica⁷, é fundamental reconhecer que as/os jovens são atravessados por processos que impactam suas vivências de maneiras distintas e desiguais, frequentemente ultrapassando limites de idade pré-estabelecidos. Não é por acaso que, nos estudos com as juventudes, esse termo é geralmente utilizado no plural, justamente para enfatizar a multiplicidade de experiências, realidades e contextos que marcam essa etapa da vida. De acordo com Pais (1990), um dos desafios desse campo de pesquisa é, portanto, desmistificar alguns aspectos da construção social e ideológica da juventude, que muitas vezes nos é apresentada como uma entidade homogênea.

Segundo Abramo (1997), a “situação juvenil” refere-se à maneira como a juventude pode ser experienciada de formas

⁷ No Brasil, essa faixa etária é definida entre 15 e 29 anos de idade pelo Art. 1º do Estatuto da Juventude (Brasil, 2013).

variadas, dependendo de recortes sociais como classe, etnia, gênero, orientação sexual, escolaridade, religiosidade, espacialidade, entre outros. A espacialidade ganha destaque, visto que, sob uma perspectiva geográfica, espaço e sociedade são duas categorias analíticas profundamente interconectadas e interdependentes, no sentido de que “quando, através do trabalho, o [ser humano] exerce ação sobre a natureza, isto é, sobre o meio, ele muda a si mesmo, sua natureza íntima, ao mesmo tempo em que modifica a natureza externa” (Santos, 2020, p.78). Ao aplicar essa ideia a um grupo social específico – neste caso, às juventudes – percebe-se que, enquanto esses sujeitos (re)produzem diferentes espacialidades, os espaços também incidem em suas subjetividades e trajetórias juvenis. Trata-se de um processo recíproco, no qual as e os jovens estabelecem continuamente relações com os espaços; esses últimos, extrapolando a simples noção de cenário ou palco onde a vida se desenrola. Como explicado por Cavalcanti (2015):

[...] os jovens são agentes do processo de produção e reprodução do espaço urbano, nele criam demandas, compõem paisagens, estabelecem relações (sempre abertas), imprimem identidade e dão movimento aos lugares, de acordo com seus diferentes modos de inserção, dependendo de sua condição socioeconômica, do gênero, etnia, opção religiosa, orientação sexual, e de sua vinculação aos diversos grupos [...] mais específicos (p.20).

Acerca da relação entre jovens e espaço, e mais precisamente entre jovens e cidades, Pires (2015, p. 170) esclarece que “[...] a juventude é um dos grupos sociais para

os quais o vínculo com o espaço urbano é mais intenso”, uma vez que suas práticas espaciais resultam em estratégias concretas de uso e territorialização dos lugares. O território, desse modo, “[...] tem a ver com poder, mas não apenas ao tradicional ‘poder político’. Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais concreto, de dominação, quanto ao poder no sentido mais simbólico, de apropriação (Haesbaert, 2004, p.1). Com isso, para aqueles que têm a oportunidade de se apropriar dele, o território fomenta uma identificação positiva e uma efetiva “apropriação” (Haesbaert, 2004). Isso representa, segundo Haesbaert (2004), que o território é simultaneamente funcional e simbólico, pois exercemos domínio sobre o espaço tanto para cumprir “funções” quanto para gerar “significados”.

A apropriação e o uso do espaço, no entanto, ampliam-se ao longo da vida. Cassab (2015), por exemplo, ressalta que o bairro é o ponto de partida a partir do qual as/os jovens iniciam e vão tecendo seus movimentos pela cidade. Nesse mesmo sentido, Gamalho (2023) observa:

o primeiro espaço praticado, na infância e juventude, é o vivido, do local de moradia (o bairro de periferia, as ruas, as praças, entre outros). Posteriormente, têm-se as experiências em espacialidades da cidade/contexto metropolitano (suas centralidades, espaços de encontro, como praças centrais, shoppings, percursos para estudo, lazer ou trabalho...). As práticas espaciais são importantes elementos de formação das juventudes e constituem-se como acervos de saberes. Os aprendizados ocorrem nas escolas, nos núcleos familiares, nas relações de trabalho e também nos espaços praticados do bairro e metropolitano (p.47).

As práticas espaciais exercidas cotidianamente pelas juventudes são múltiplas e se manifestam em seus deslocamentos diários, nas atividades realizadas em espaços institucionais e não institucionais, entre outros contextos. Contudo, o presente trabalho se propõe a analisar precisamente as práticas espaciais juvenis relacionadas ao skate, concebido, por sua vez, como uma prática corporal de movimento e de lazer⁸. O lazer desempenha um papel essencial em várias dimensões da vida dos jovens, uma vez que atividades como o skate permitem o estabelecimento de vínculos sociais e espaciais, a criação de espaços próprios para expressão e autonomia no ambiente urbano, além da ampliação de redes de sociabilidade. Dessa forma, aprofundar o entendimento sobre as práticas de lazer dos jovens pode proporcionar uma compreensão mais ampla de como as juventudes interagem com o espaço urbano e de que forma essas práticas influenciam suas formações identitárias e experiências na cidade.

Conforme apontado por Olic (2014), dados de 2010 divulgados pelo Datafolha indicavam que havia aproximadamente três milhões e oitocentos mil skatistas no Brasil – um número superior aos dois milhões e meio registrados em uma pesquisa produzida dez anos antes. Com tal contingente, o Brasil ficava atrás apenas dos Estados Unidos (país onde o skate foi inventado), evidenciando o crescimento do skate na cena urbana e juvenil contemporânea

⁸ A noção de skate como uma prática corporal de movimento e de lazer foi discutida ao longo da disciplina “Juventudes, Lazer e Território: marcas urbanas do lazer de jovens contemporâneos”.

(Olic, 2014). O autor, ao realizar uma análise histórica do skate, desde o seu surgimento nas ruas até a sua “esportificação” – manifestada, por exemplo, pela inclusão nos Jogos Olímpicos⁹ – argumenta que:

na medida em que o skate passou a construir para si um estilo de vida singular na cidade, sua presença no espaço público acabou produzindo relações de sedução e conflito com esferas cada vez mais heterogêneas da vida social. Ou seja, com o tempo a prática do skate passou a ganhar uma maior visibilidade, de modo a atrair a atenção, sobretudo, do mercado relacionado a indústria cultural e, no caso brasileiro, o skate encontrou no diálogo com o poder público a possibilidade de expandir sua ‘estrutura esportiva’ por meio de políticas voltadas a construção de pistas públicas de skate, assim como ao patrocínio e promoção de competições (Olic, 2014, p.75).

Em Porto Alegre, a expansão da infraestrutura esportiva voltada para o skate tem sido bastante notória. Em 2021, a cidade inaugurou a maior pista de skate da América Latina, um moderno e amplo complexo que atende às modalidades *Street* e *Park* (Sagaz, 2023), integrando-se ao projeto de revitalização da Orla do Guaíba. Vale mencionar que a expansão dessas infraestruturas não apenas reflete uma discussão teórica sobre lazer e práticas esportivas, mas também está alinhada com os direitos juvenis assegurados

⁹ Ressalta-se que o skate fez sua estreia como esporte olímpico nos Jogos de Tóquio 2020. Já nas Olimpíadas de Paris 2024, o esporte ganha ainda mais visibilidade no Brasil, especialmente com as medalhas conquistadas pelos atletas brasileiros Raíssa Leal, a “Fadinha”, e Augusto Akio, o “Japinha”. Embora exista uma polêmica em torno do skate como esporte olímpico, essa discussão não será abordada no texto. Para mais informações, recomenda-se consultar o trabalho de Olic (2014).

pelo Estatuto da Juventude (Brasil, 2013). Dentre esses direitos, destacam-se o direito ao desporto e ao lazer (Art. 28), o direito ao território e à mobilidade (Art. 31), além de outros pontos da legislação que incentivam a prática esportiva de maneira geral.

DEAMBULAÇÕES SOCIOLÓGICO-GEOGRÁFICAS COMO MÉTODO DE PESQUISA

Nas cidades, a todo instante, somos atravessados por intensos e dinâmicos fluxos que expressam o imediatismo, a instantaneidade, o individualismo e a competitividade que caracterizam a sociedade contemporânea (Pais, 2010). Com base em Pais (2009, p. 32), pode-se afirmar que a vida urbana se converteu em uma corrida contra o tempo, fazendo com que a instabilidade de atenção, a desconcentração e até mesmo a indiferença se tornassem características do nosso cotidiano. Em uma tentativa de desafiar essa lógica, a *Deambulação Sociológica* se configura como um método de pesquisa que busca, principalmente, destacar elementos do cotidiano que costumam passar despercebidos. Trata-se de um movimento analítico capaz de revelar modos de vida por meio da combinação entre a sensibilidade sociológica e o questionamento teórico de observações espontâneas (Pais, 2009).

A Deambulação Sociológica “[...] privilegia as observações *in vivo* em detrimento daquelas outras que se fazem em ambientes artificiais – *in vitro*” (Pais, 2016, p.22), permitindo,

assim, problematizar a cidade ao tomá-la como objeto de reflexão. De acordo com Pais (2016):

no espaço público das cidades dá-se também uma das formas mais radicais da chamada observação participante. O etnógrafo urbano é um participante natural da realidade que observa, ao permanecer oculto ante os olhares de quem observa. É um transeunte que se confunde com os demais. Ao participar num meio de estranhos, ser um estranho constitui-se em garantia máxima de discrição. Deste modo, o etnógrafo urbano está em condições de registrar, no terreno, uma realidade social fragmentada, cenário de transeuntes em trânsito que se encerram em sociabilidades anônimas, próprias de um estado de indiferença flutuante. Essa é a estratégia do flâneur de Baudelaire: vê o mundo, está no mundo, mas permanece dele oculto. Estando dentro mas também fora do espaço de observação (p.15).

Considerando ainda as propostas desenvolvidas na disciplina “Juventudes, Lazer e Território: marcas urbanas do lazer de jovens contemporâneos”, denomina-se aqui de *Deambulação Sociológico-Geográfica* esse mesmo movimento, com a intenção de enfatizar que as observações realizadas se dão sobre elementos e/ou fenômenos que, impreterivelmente, se inserem em determinado recorte espacial. Por uma questão de conveniência – mas também de afeto – decidi que minha deambulação ocorreria na Pista de Skate da Orla do Guarujá, localizada no Bairro Guarujá, na Zona Sul de Porto Alegre/RS. Inicialmente, não tinha certeza de qual seria o dia ideal para a visita. No entanto, aproveitando o veranico¹⁰ em Porto Alegre,

¹⁰ Fenômeno caracterizado por um período não habitual de temperaturas elevadas durante as estações do outono e inverno em um determinado local.

optei por ir no sábado, dia 04 de julho de 2024, quando a previsão do tempo indicava sol e temperaturas em torno de 30°C. Com a previsão de chuvas fortes para o dia seguinte, esse sábado pareceu uma escolha acertada. Para registrar minhas observações, levei comigo um celular, um caderno e uma caneta.

Ressalta-se que, de acordo com a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2016), que estabelece diretrizes éticas para pesquisas nas Ciências Humanas e Sociais, não foi necessária a submissão do trabalho à avaliação de um Comitê de Ética. Isso se deve ao fato de que, por se tratar de um trabalho de campo realizado em um espaço público, onde circulam pessoas que não frequentam o local de forma regular, o processo de assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido seria inviável. Além disso, nenhuma das pessoas com quem se conversou durante a atividade foi identificada no texto.

A MINI RAMP GUARUJÁ ESPLANADA

Até começar a elaborar este trabalho, nunca havia questionado em qual momento a Mini Ramp Guarujá Esplanada fora construída. Por ter frequentado a Orla do Guarujá durante a minha infância, parecia que tudo sempre esteve ali daquele mesmo jeito... A pista de skate, a pista de patinação, as churrasqueiras e as quadras já eram parte da paisagem desde que me lembro. O trecho da Orla ao qual me refiro está localizado próximo à Orla de Ipanema, um conhecido ponto de lazer da Zona Sul de Porto Alegre, situado

às margens do Lago Guaíba. A Orla do Guarujá e a Orla de Ipanema são separadas por uma lomba, onde, na parte inferior, localizam-se os “Arcos do Calçadão de Ipanema”. Apesar da proximidade geográfica, as duas se distinguem em vários aspectos. A Orla de Ipanema, por exemplo, parece ser mais frequentada, conta com a presença de ambulantes, bares, restaurantes e casas de padrão um pouco mais elevado.

Também nunca havia refletido muito sobre essas diferenças, porque, novamente, para mim sempre tinha sido daquele jeito. Entretanto, em uma perspectiva investigativa alguns desses elementos começam a ganhar relevância. Nesse sentido, descobri que a Orla do Guarujá tem, na verdade, um nome oficial: “Praça Guarujá Zeno Simon”, e de acordo com Oliveira e Dias (2013), essa praça foi

inaugurada em 2 de dezembro de 2001, na Avenida Guaíba, 2.949 (trecho que vai da Rua dos Tapuias até a Rua Jacipuia), a área de 30.000m² homenageia o ambientalista, falecido em 1996. A praça, chamada pela população local de parque, por ser uma área verde extensa, conta com quadras de esportes, canchas de bocha, pista para patins e rollers, pista para caminhadas e para bicicletas, churrasqueiras cobertas e **equipamentos para prática de skate**. Zeno Simon foi uma figura importante no Estado. Engenheiro e físico trabalhou na Corsan e esteve vinculado a várias entidades, entre elas, a Associação Gaúcha de Proteção Ambiente Natural (Agapan) (p.12, grifo meu).

Os “equipamentos para a prática de skate” mencionados pelas autoras fazem parte da Mini Ramp Guarujá Esplanada. Quanto à pista, não tinha lembranças de já tê-la visto lotadíssima, mas também não me recordava de vê-la

completamente vazia. Contudo, para minha surpresa, no sábado da deambulação, dia 04 de julho de 2024, quando cheguei lá por volta das 14h, não havia ninguém na pista. Apesar da decepção inicial – e pensando que provavelmente teria que realizar o trabalho de campo em outro local – decidi caminhar por outras partes da orla, onde havia alguma movimentação. A cena era quase a mesma de quando eu era criança e passava por ali de bicicleta: grupos de pessoas estavam nas churrasqueiras à beira do Guaíba finalizando o almoço, conversando, descansando em redes e ouvindo músicas gaúchas.

Por outro lado, a enseada agora exibia um banco de areia trazido pelas águas durante as enchentes que assolaram o estado do Rio Grande do Sul em 2024¹¹ e que, em Porto Alegre, impactaram fortemente localidades próximas ao Lago Guaíba, como é o caso do Bairro Guarujá. Era possível observar muitas casas com placas de venda e muros bastante deteriorados – alguns em reconstrução, outros que pareciam ter sido abandonados. Sentei-me por alguns minutos em um banco, em frente à pista de skate; fui até ela, olhei ao redor e notei que “o Sol estava bastante forte”. Com um calor de aproximadamente 30°C em pleno início da tarde, concluí que dificilmente alguém apareceria ali naquele momento para andar de skate. Optei, então, por retornar mais tarde, considerando que, se chovesse no dia seguinte (conforme

¹¹ Para saber mais:

<https://www.bbc.com/portuguese/articles/cd1qwp3z77o> (BBC News Brasil, 2024).

indicava a previsão do tempo) certamente não encontraria ninguém. Aproveitei, no entanto, para tirar algumas fotos.

Figura 1 – Pista com corrimão



Fonte: Arquivo da autora, 2024.

Com meu caderno e caneta em mãos, retornei à pista por volta das 17h, e lá estava ela: não tão cheia, mas, desta vez, também não vazia. Na parte que estou chamando aqui de “primeira pista” (a parte com corrimão), havia três jovens homens, que aparentavam ter entre 15 e 17 anos de idade, todos com skates. Na “segunda pista” (a parte sem corrimão), havia quatro crianças, possivelmente com idades entre cinco e oito anos, compartilhando um único skate. Brincando, as crianças se revezavam entre descer metade da rampa sentadas no skate e correr pela rampa. A presença daqueles jovens em grupo – ainda que pequeno – lembra que a juventude integra uma estrutura social, constitui um grupo, isto é, uma

coletividade de sujeitos semelhantes devido ao seu status etário intermediário (Groppo, 2017). Essa dimensão da coletividade, em especial, na qual operam e são analisadas as juventudes, constitui o que Feixa (1998) descreve como “culturas juvenis”:

em um sentido amplo, as culturas juvenis se referem à maneira em que as experiências sociais dos jovens são expressas coletivamente mediante a construção de estilos de vida distintos, localizados fundamentalmente no tempo livre, ou em espaços intrínsecos da vida institucional (p.32, tradução livre).

Confesso que em um primeiro momento foi um tanto estranho me aproximar daqueles três jovens desconhecidos com a intenção de fazer-lhes algumas perguntas. Por isso, fiquei sentada em frente à pista por um tempo, apenas observando, antes de realmente ir falar com o trio. Quando dois deles também ficaram em frente à pista – enquanto o outro jovem a utilizava – aproveitei para me apresentar e explicar o motivo da minha presença ali. Comentei que já conhecia o lugar, que morei ali perto na infância e que havia passado mais cedo na pista, por volta das 14h, e não tinha encontrado ninguém. Nesse instante, um dos jovens mencionou que a *gurizada* que frequenta a pista é pouca e, especialmente nos finais de semana, a maioria costuma pegar o *Serraria*¹² e ir para a “Orla”, afinal, onde estávamos já era “meio abandonado”. Perguntei se referiam-se à Orla de Ipanema e os

¹² Serraria é o nome de uma linha de ônibus que parte do Bairro Espírito Santo e vai até o Centro Histórico de Porto Alegre, passando por bairros como Guarujá, Pedra Redonda, Tristeza e Praia de Belas.

jovens responderam que não; falavam, na verdade, da Orla do Marinha, na qual havia uma pista de skate bem maior. Comentaram ainda que, às vezes, a *gurizada* ia até lá para andar de skate e outras para passear naquele entorno.

As Orlas do Guarujá e do Marinha estão localizadas a cerca de 15 km de distância uma da outra. Enquanto a primeira se encontra na Zona Sul, a segunda está situada em uma área mais central da cidade, especificamente no Bairro Praia de Belas. O trajeto de ônibus mencionado pelos jovens leva aproximadamente 40 minutos para ir do Bairro Guarujá até o Shopping Praia de Belas. A partir do shopping, é possível chegar a dois *skate parks*¹³ em uma caminhada de 10 a 15 minutos: a Pista do Marinha e a Megapista da Orla. Contudo, os jovens pareceram atribuir um sentido mais positivo às pistas das zonas centrais, considerando que a Mini Ramp Guarujá Esplanada foi caracterizada pelo grupo como um local “já meio abandonado”. Isso evidencia também como a mobilidade urbana está diretamente associada ao aproveitamento, à apropriação e à utilização da cidade pelas juventudes. Nessa perspectiva, segundo Cassab (2015),

os jovens com baixa mobilidade possuem menos oportunidades de aproveitar a cidade e, com isso, têm mais dificuldades em decifrar seus códigos. Como consequência, são maiores os obstáculos para acessarem um universo cultural, que lhe facilitem maior autonomia, reproduzindo a desigualdade pela distinção territorial da cidade (p.153).

¹³ Termo utilizado para se referir ao ambiente construído especialmente para a prática do skate.

Àquela altura, os três jovens estavam conversando comigo em frente à pista. Perguntei-lhes, então, como ficava a movimentação do local durante os dias de semana. Explicaram que, antes, os alunos da escola próxima até costumavam frequentar a pista após as aulas, no entanto, o movimento que já era baixo, diminuiu ainda mais depois que a área foi atingida pelas enchentes. A localidade, já propensa a problemas desse tipo devido à proximidade com as margens do Lago Guaíba, ficou totalmente inundada após os eventos climáticos de abril de 2024, impactando severamente a população que ali residia. A figura a seguir ilustra como uma parte do Bairro Guarujá, próximo à pista de skate, ficou durante as fortes chuvas que impactaram o estado do Rio Grande do Sul no período em questão.

Figura 2 – Bairro Guarujá durante as enchentes no RS



Fonte: Gomes, 2024.

Ainda conversando com o grupo, umas das crianças que estava na “segunda pista” se aproximou de um dos jovens e perguntou se poderia ir até a quadra [de esportes], localizada a alguns metros de distância de onde estávamos. Após o jovem

responder que não, o menino voltou a brincar com as outras crianças. Na realidade, não tinha reparado que as crianças e os jovens estavam todos juntos até aquele momento, e questionei para confirmar. Conforme contaram, três meninos que estavam na pista eram irmãos de um dos jovens, enquanto a quarta criança era irmã de outro integrante do grupo. Os três jovens, juntamente com seus irmãos, eram vizinhos, moravam no bairro e iam a pé até a praça, que ficava próxima de suas casas.

Embora não fosse possível afirmar que esse fosse o caso ali, a ausência de um adulto me levou a refletir sobre como muitos jovens, especialmente de classes populares, assumem responsabilidades e compromissos desde cedo em suas juventudes (Leme *et al.*, 2016), incluindo, por exemplo, tarefas domésticas e o cuidado de irmãos mais novos. Essas dinâmicas sugerem que, para muitos jovens, o lazer não se limita apenas a momentos de descontração ou ócio, mas pode conectar-se a outras esferas da vida, como as responsabilidades familiares e cotidianas. Assim, as práticas de lazer como o skate, além de proporcionarem uma forma de expressão e apropriação do espaço urbano, também são atravessadas por fatores sociais e econômicos que incidem sobre as experiências das juventudes nas cidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto compôs o trabalho final da disciplina “Juventudes, Lazer e Território: marcas urbanas do lazer de jovens contemporâneos” e teve como objetivo apresentar os resultados de um trabalho de campo desenvolvido a partir da realização de uma Deambulação Sociológico-Geográfica na Mini Ramp Guarujá Esplanada, localizada no Bairro Guarujá, na Zona Sul de Porto Alegre/RS. Como proposto por Pais (2009), a *Deambulação Sociológica* configura-se como um movimento analítico baseado em observações espontâneas que, combinando a sensibilidade sociológica com o questionamento teórico, releva aspectos da vida cotidiana que muitas vezes passam despercebidos. A adição do termo “*Geográfica*”, por sua vez, visa enfatizar que essas observações estão, necessariamente, inseridas em algum recorte espacial, capaz de oferecer pistas valiosas acerca da realidade analisada.

Ao longo da disciplina, foram estudadas questões centrais relacionadas aos campos de pesquisa das juventudes e do lazer, com especial atenção em como os jovens se apropriam, ocupam e produzem os espaços urbanos. Além de proporcionar discussões teóricas-conceituais sobre essas questões, a disciplina incentivou a observação das dinâmicas estudadas na prática. Nesse sentido, a saída de campo ao Skate Park – Megapista da Orla, realizada com a turma, mostrou-se bastante relevante, tendo em vista que evidenciou a heterogeneidade presente dentro de um mesmo grupo juvenil: os jovens skatistas. Verificou-se, por exemplo, que, apesar de compartilharem um mesmo espaço, esses jovens se

expressam de múltiplas maneiras, seja pelo estilo de vestimenta, pelas músicas que ouvem ou pelos distintos modos de utilizar a pista de skate.

O segundo trabalho de campo, desenvolvido em uma pista de skate da escolha dos discentes, suscitou reflexões sobre as diversas possibilidades de apropriação dos espaços urbanos pelas juventudes. A Mini Ramp Guarujá Esplanada, em particular, não é muito frequentada; sua localização periférica e o abandono mencionado pelos jovens podem ser fatores que contribuem para a situação. Assim, o fato de ser uma pista menor – em comparação com outras da cidade que oferecem mais equipamentos – também pode limitar as possibilidades de lazer e a formação de grandes grupos juvenis no local. A partir da conversa com os três jovens que utilizavam a pista no dia da deambulação, ficou evidente que a mobilidade urbana é um dos elementos fundamentais para que os jovens possam explorar e vivenciar a cidade. Além disso, observou-se que o lazer pode vincular-se a responsabilidades que, muitas vezes, jovens de classes populares assumem desde cedo – realidade que pode limitar ou até impossibilitar a plena utilização dos espaços por esses sujeitos.

A categoria analítica *espaço geográfico* torna-se central em toda essa discussão: se minha deambulação tivesse ocorrido em outra localidade, possivelmente, teria encontrado outro grupo, composto por outros sujeitos, com experiências de vida totalmente distintas daquelas dos jovens com quem cruzei na Zona Sul. Talvez o mesmo ocorresse se eu realizasse o trabalho de campo em outro dia da semana ou em outro

horário... Nota-se, no entanto, que, embora as oportunidades de apropriação e utilização dos espaços urbanos variem entre as juventudes, as territorializações da cidade não se manifestam apenas de formas diferentes, mas de modos desiguais em relação às práticas de lazer juvenis. Portanto, destaca-se a importância de ampliar o acesso dos jovens a experiências de lazer na cidade, especialmente à luz das garantias asseguradas pelo Estatuto da Juventude.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação* [online]. 1997, n.05-06, pp.25-36. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1413-24781997000200004&script=sci_abstract. Acesso em: 07 out. 2024.

A CRONOLOGIA DA TRAGÉDIA NO RIO GRANDE DO SUL. *BBC News Brasil*, 13 mai. 2024. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cd1qwpg3z77o>. Acesso em: 08 out. 2024.

BRASIL. Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112852.htm. Acesso em: 07 out. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 07 out. 2024.

CASSAB, Clarice. Da casa para rua: a dimensão espacial da juventude. *In: CAVALCANTI, Lana de Souza; CHAVEIRO, Eguimar Felício; PIRES, Lucineide Mendes (Orgs.). A Cidade e*

Seus Jovens. Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2015, p.137-158.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Os jovens, a escola e suas práticas espaciais. *In:* CAVALCANTI, Lana de Souza; CHAVEIRO, Eguimar Felício; PIRES, Lucineide Mendes (Orgs.). A Cidade e Seus Jovens. Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2015, p.13-29.

FEIXA, Carles. De jóvenes, bandas y tribus. Barcelona: Editorial Ariel S.A., 1998. Disponível em: <https://www.lazoblanco.org/wp-content/uploads/2013/08manual/adolescentes/0012.pdf>. Acesso em: 07 out. 2024.

GAMALHO, Nola Patrícia. Juventudes e as periferias. *In:* OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel (Org.). Geografias das Juventudes. Porto Alegre: GEPJUVE, 2023, p.39-60. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/256855>. Acesso em: 07 out. 2024.

GOMES, Luís. Cheia do Guaíba deixa moradores da zona sul de Porto Alegre 'ilhados'. Sul 21, 03 mai. 2024. Disponível em: <https://sul21.com.br/noticias/geral/2024/05/cheia-do-guaiba-deixa-moradores-da-zona-sul-de-porto-alegre-ilhados/>. Acesso em: 07 out. 2024.

GROPPO, Luís Antonio. Introdução à sociologia da juventude. Jundiaí: Paco editorial, 2017. Disponível em: <https://www.unifal-mg.edu.br/ocupacoessecundaristas/wp-content/uploads/sites/207/2021/08/28-GROPPO-Introducao-a-sociologia-da-juventude.pdf>. Acesso em: 07 out. 2024.

HAESBAERT, Rogério. Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade. 2004. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/petgea/Artigo/rh.pdf>. Acesso em: 07 out. 2024.

LEME, Vanessa Barbosa Romera *et al.* Percepções de jovens sobre a transição para a vida adulta e as relações familiares. Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia, v. 9, n. 2, p. 182-194, 2016. Disponível em:

https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1983-82202016000200003&script=sci_arttext. Acesso em: 07 out. 2024.

OLIC, Mauricio Bacic. Das ruas para os Jogos Olímpicos? Dinâmicas em torno da prática do skate. Campos – Revista de Antropologia Social, v. 15, n. 1, p. 75-96, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/campos/article/view/43208>. Acesso em: 07 out. 2024.

OLIVEIRA, Giully de; DIAS, Vera Lucia. Gestão Urbana: praças e parques de Porto Alegre–RS, a capital arborizada. Anais [...]. II Simpósio de Estudos Urbanos: a dinâmica das cidades e a produção do espaço, v. 10, 2013. Disponível em: http://www.fecilcam.br/anais/ii_seurb_/data/uploads/areas-verdes-urbanas/oliveira-giully-de.pdf. Acesso em: 07 out. 2024.

PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude – alguns contributos. Análise social, p. 139-165, 1990. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/41010794>. Acesso em: 07 out. 2024.

PAIS, José Machado. O “corre-corre” cotidiano no modo de vida urbano. TOMO: Revista do Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, n. 16, p. 131-156, 2010. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/6019/1/ICS_JMPais_CorreCorre_ARI.pdf. Acesso em: 07 out. 2024.

PAIS, José Machado. Um dia sou turista na minha própria cidade. CIDADES, Comunidades e Territórios, n. 18, 2009. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/cct/article/view/9287>. Acesso em: 07 out. 2024.

PIRES, Lucineide Mendes. Os jovens na/da cidade: da cultura geográfica ao direito à cidade. In: CAVALCANTI, Lana de Souza; CHAVEIRO, Eguimar Felício; PIRES, Lucineide Mendes (Orgs.). A Cidade e Seus Jovens. Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2015, p.159-184.

SAGAZ, Julio. Porto Alegre, capital brasileira do skate: a pista da Marinha, o IAPI e o maior complexo da América Latina.

Skate Vale Brasil, 09 mar. 2023. Disponível em:
<https://skatevalebrasil.com.br/porto-alegre-capital-brasileira-do-skate-a-pista-da-marinha-o-iapi-e-o-maior-complexo-da-america-latina/#:~:text=O%20forte%20movimento%20do%20skate,obra%20com%20colabora%C3%A7%C3%A3o%20da%20Spot>.
Acesso em: 07 out. 2024.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. Edusp, 2020.

UFRGS/Propesq. Dados do Projeto: Territórios do Skate na Orla do Guaíba: um estudo sobre lazer das juventudes. 01 mai. 2024. Disponível em:
https://www1.ufrgs.br/pesquisa/forms/form_dadosProjetoPesquisa.php. Acesso em: 07 out. 2024.

JUVENTUDES, ESPORTE E IDENTIDADE: O USO DA PISTA PÚBLICA DE SKATE DE SÃO LEOPOLDO-RS

Isla Cardoso Oliveira e Rai Goulart Netto

INTRODUÇÃO

O skate surgiu na década de 50, na Califórnia/EUA sendo uma alternativa para os surfistas durante os períodos de maré baixa. Com o passar do tempo, a prática ganhou espaço e popularidade entre os jovens (Neto, 2021). No Brasil, o esporte ganhou força a partir dos anos 1970, sendo praticado como um momento de lazer entre os jovens. Para Dumazedier (1976, p. 34) "o lazer é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se".

O skate só foi reconhecido como esporte durante as olimpíadas de 2020 (Neto, 2021). Dessa forma, este capítulo buscou analisar como os jovens do município de São Leopoldo-RS utilizam e se apropriam da pista pública de skate como forma de lazer, sendo este momento um período de reafirmação e formação das identidades juvenis, que são forjadas nas interações sociais que ocorrem no espaço do skate conforme argumentam Brandão e Machado (2019) e Abramo (1997). Para uma melhor compreensão do estudo, foram realizadas observações em dois dias distintos (dia 25 de julho e dia 03 de agosto de 2024). Utilizou-se também um questionário aplicado a um jovem oriundo da cidade de São Leopoldo. Praticante do

esporte, o mesmo relatou que esse espaço tem transformado suas percepções e ampliando os horizontes de jovens que buscam transformar suas vidas através do esporte. Observou-se que os jovens veem a pista de skate como um local de encontros e socialização, troca de experiências e motivações, sendo esse um espaço de afirmação das suas identidades.

Nos últimos anos, os estudos sobre skate têm ganhado relevância tanto no campo esportivo quanto nas práticas de lazer. Esse cenário ganhou maior notoriedade com a inclusão do esporte nas Olimpíadas de 2020 em Tóquio, o que gerou maior reconhecimento e interesse entre os jovens. Nas Olimpíadas de Tóquio 2020¹⁴, o Brasil foi o segundo país com mais medalhas no skate, conquistando a prata em três das quatro categorias: Park Masculino (Pedro Barros), Street Feminino (Rayssa Leal, a "Fadinha"), Street Masculino (Kelvin Hoefler).

Em 2020, nas competições de skate, o Brasil ficou apenas atrás do Japão, que das quatro categorias, também conquistou medalhas em três delas (Park Feminino, Street Feminino e Street Masculino), totalizando cinco medalhas. Nas Olimpíadas de Paris 2024¹⁵, o Brasil, ao lado dos Estados Unidos, foi um dos países que mais classificou representantes para as competições de skate, com doze atletas cada. Nessa edição, o Brasil conquistou duas medalhas de bronze: Rayssa

¹⁴ Quadro de medalhas skateboarding Tóquio 2020 disponível em: <<https://olympics.com/pt/olympic-games/tokyo-2020/results/skateboarding>>

¹⁵ Quadro de medalhas skateboarding Paris 2024 disponível em: <<https://olympics.com/pt/paris-2024/esportes/skateboarding>>

Leal no Street Feminino e Augusto Akio no Park Masculino. O Japão se manteve como o país com maior número de medalhas nesse esporte, com quatro medalhas.

De acordo com Brandão e Machado (2019), esse crescimento também refletiu nas pesquisas de pós-graduação, evidenciando o skate como um esporte que vai além do lazer, tornando-se objeto de estudo nas ciências humanas, sociais e na educação física. Essas pesquisas abrem espaço para debates culturais, educacionais, sociais e esportivos, destacando a relação entre o skate, a juventude, a urbanização e a construção da identidade juvenil.

Os autores também enfatizam que a compreensão desse campo de estudo pode influenciar comportamentos e estilos de vida, ampliando os horizontes de muitos jovens. Nesse sentido, Abramo (2005, p. 398) destaca que o skate é uma prática que promove a inclusão social entre jovens de diferentes classes sociais, contribuindo para a construção de redes de “sociabilidade e identidade entre os indivíduos”. Além disso, os jovens skatistas são influenciados em seu estilo de vida, refletindo em suas escolhas de vestuário, preferências músicas e comportamentos.

Segundo Olic (2014), a institucionalização do skate, principalmente a partir dos anos 90, passou por um processo de “esportificação”, que possibilitou sua legitimação como uma modalidade esportiva. O autor argumenta que esse processo foi fundamental para que o skate fosse incluído nos Jogos Olímpicos e em outros grandes eventos esportivos. Entretanto, o teórico também reflete sobre as críticas à esportificação do

skate, alertando que a prática não deve perder seu protagonismo nas mãos dos próprios skatistas, nem sua essência deve ser descaracterizada. Para o autor, o skate é “um estilo de vida que orienta o comportamento” (2014, pág. 92) e está relacionado com a maneira como os praticantes se apropriam da cidade.

A Confederação Brasileira de Skate (CBSK, 2015) junto com o DataFolha¹⁶, indicam que no Brasil 11% das residências possuem ao menos um morador que praticou ou anda de skate. A maior concentração de skatistas é na região metropolitana. A região Sul ocupa o segundo lugar em representatividade, ficando atrás apenas da região Sudeste. Em comparação à pesquisa anterior, houve um aumento de 5% no número de praticantes de skate nos domicílios brasileiros.

Ainda segundo essa pesquisa, o skate é praticado majoritariamente por jovens, com uma média de 15 anos de idade. A participação masculina é significativamente maior, representando 81% dos praticantes, enquanto as mulheres correspondem a apenas 19%. No entanto, o número de skatistas mulheres aumentou em 2015. No Brasil, a maioria dos skatistas fazem parte da classe C, com exceção da região Sul, onde a classe B é a mais representativa entre os skatistas.

¹⁶ Disponível em:

<https://filiados.cbsk.com.br//public_files//pesquisadatafolha2015.pdf>

A PISTA DE SKATE E SUAS JUVENTUDES SKATISTAS

As observações foram realizadas na Pista Pública de Skate de São Leopoldo, situada no Largo Rui Porto (Imagem 1), no Centro da cidade. O Largo conta com um complexo poliesportivo (duas quadras poliesportivas e uma pista de skate), playground para crianças e áreas verdes, sendo o ponto de encontro dos jovens que praticam esportes e atividades ao ar livre.

O Largo (Imagem 1) faz divisa com o rio dos Sinos e uma das principais ruas da cidade, a Rua Dom João Becker. Em frente a pista de skate, encontram-se pontos de ônibus que dão acesso a diferentes bairros da cidade, além de diferentes municípios da região metropolitana de Porto Alegre e à própria capital do estado. Ao Sul do Largo, a 1km de distância, encontra-se a Estação de Trem São Leopoldo. Aproximadamente 200 metros a leste está a Av. Mauá, outro importante via da cidade, e a cerca de 850 metros a oeste, encontra-se a BR-116. Devido à infraestrutura de transporte e à malha viária, pode-se dizer que a Pista Pública de Skate de São Leopoldo é de fácil acesso para moradores da cidade e para visitantes.

Imagem 1: Largo Rui Porto (destacado na imagem pelo retângulo vermelho maior) e Pista Pública de Skate de São Leopoldo (retângulo vermelho menor).



Fonte: Foto aérea, Google Maps, 2024.

Na parte norte, atrás da pista de skate (Imagem 1), há um estacionamento, enquanto, ao sul, em frente ao Largo, encontram-se arquibancadas de concreto. Ao longo do ano, o Largo Rui Porto recebe diversos eventos sediados no município, como a *São Leopoldo Fest*, uma das festividades mais tradicionais da cidade. O carnaval do município é comemorado na Rua Dom João Becker e as arquibancadas de concreto, assim como as calçadas, são utilizadas pelos espectadores enquanto as escolas de samba desfilam pela rua.

A Pista Pública de Skate de São Leopoldo foi construída como resultado da grande demanda de skatistas que utilizavam locais improvisados na cidade. Assim, a prefeitura inaugurou a pista em 2008 (Silva e Lay, 2011). A pista de skate é reconhecida por ter sediado a 1ª Etapa do Circuito Gaúcho de Skate em 2012, evento que mobilizou “mais de 25 cidades por etapa, 15 associações de skate e mais de 150 skatistas de

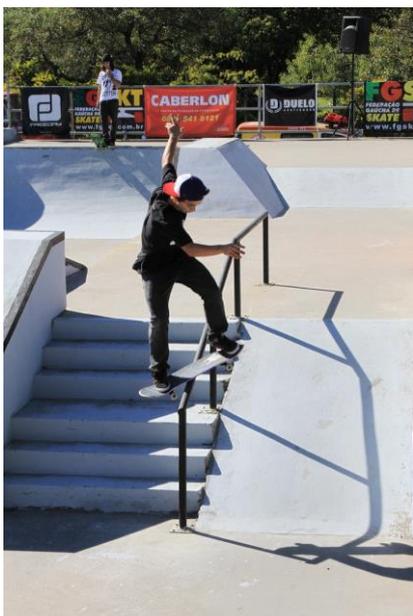
diferentes idades e categorias por etapa”, configurando-se como o principal evento de skate do Rio Grande do Sul. A pista pública também é conhecida entre os skatistas pelos seus obstáculos tradicionais, como rampas, corrimãos e caixotes, que foram removidos para proporcionar um espaço mais amplo e maior desenvolvimento das manobras (São Leopoldo, 2013).

Nos dias 25 de julho (quinta-feira) e 03 de agosto (sábado) de 2024, no turno da tarde, realizamos as observações. O dia 25 de julho é feriado municipal em comemoração à imigração alemã. Nesse período é realizada a São Leopoldo *Fest*, uma festividade que comemora a chegada da imigração alemã no município, que se autointitula “o berço da colonização alemã”. Importante destacar que nesse texto abordamos essa festividade em razão da relevância do Largo, objeto desse estudo, para a referida comemoração na cidade. No entanto, consideramos também importante evidenciar que o enorme reconhecimento que o município dá a essa ocupação alemã contribui para o embranquecimento da história local, apagando o passado escravocrata que também faz parte da trajetória do município (SOUZA, 2022). Esse ano, excepcionalmente, em razão das enchentes no mês de maio que atingiram o estado do Rio Grande do Sul e que afetaram profundamente o município de São Leopoldo, a São Leopoldo *Fest* não ocorreu. No feriado de 25 de julho havia muitos jovens e suas famílias fazendo diferentes usos do Largo em um belo dia de sol. O mesmo ocorreu no dia 03 de agosto, um sábado, também ensolarado e muito convidativo para atividades ao ar livre.

Durante os dois dias de observação, foi possível observar os diferentes usos da pista de skate. No meio da tarde, o perfil dos jovens era mais diversificado em relação à idade e aos usos que faziam da pista (com jovens andando de skate, roller, bicicleta e patinete). Nesse momento, havia mais crianças na pista e um número maior de espectadores, geralmente seus pais/mães/responsáveis, que estacionava o carro na área coberta atrás da pista de skate e, não raramente, abriam uma cadeira de praia para sentar-se, tomando chimarrão, observando o movimento da pista e conversando entre si e/ou com as crianças que se divertiam na pista. Nesse mesmo momento, jovens skatistas também já estavam fazendo uso da pista.

Ao longo de todo o período de observação, contabilizamos um total de 18 jovens skatistas fazendo uso da pista simultaneamente, com o maior número ocorrendo no final da tarde, próximo ao horário do pôr do sol, quando a pista era usada exclusivamente para o skate. As idades variaram (aparentemente) entre 10 e 35 anos (uma pessoa), tendo a maioria entre 15 e 18 anos. Eles vestem roupas largas, como bermuda ou calça com bolsos, camisetas e bonés. Alguns chegaram de bicicleta, outros andando. Não era comum o uso de equipamentos de proteção, como joelheira, cotoveleira e/ou capacete.

Imagens 2 e 3: Pista Pública de Skate de São Leopoldo. Circuito Gaúcho Am de Street Skate 2012 que aconteceu em São Leopoldo/RS.



Fonte: Federação Gaúcha de Skate¹⁷, 2012.

SOCIALIZAÇÃO NA PISTA DE SKATE

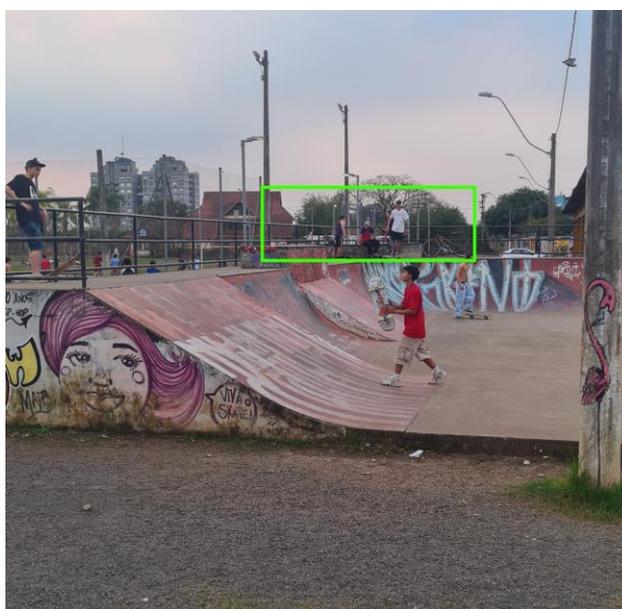
Ao entrar na pista, muitos jovens se cumprimentavam e passavam algum tempo sentados conversando antes de iniciarem as primeiras manobras. Foi possível identificar pontos específicos da pista onde os jovens skatistas se reúnem para socializar, sendo o principal um canto superior, utilizado por eles como um banco improvisado, onde costumam sentar, beber, fumar e conversar (Imagem 4). Chamou a atenção a falta de música. Apenas dois skatistas usavam fones de ouvido, enquanto os demais não utilizavam nem fones, nem caixa de som.

¹⁷ Disponível em:

<<https://fgskt.wordpress.com/2012/05/21/resultados-da-1a-etapa-do-circuito-gaucha-am-de-street-skate-2012/>>

Todos interagiram entre si e, de forma rotativa, sem haver ordem definida, de tempos em tempos alguns se levantavam e começavam a andar de skate na pista. Alguns se arriscavam em manobras mais difíceis, com saltos, enquanto outros andavam de forma mais “relaxada”, curtindo o desenho das curvas da pista. De forma geral, no dia das observações os jovens passaram mais tempo conversando entre si dentro da pista do que de fato andando de skate.

Imagem 4: Local da pista que mais utilizam (destacado pelo retângulo verde na imagem).



Fonte: Autores, 2024.

Em alguns momentos, era perceptível que alguns skatistas eram mais “populares”, reconhecidos e admirados entre os demais (Ribeiro, Rojo e Pereira, 2021. Pág.142). Esses skatistas, ao praticarem, atraíam mais atenção dos outros jovens. No entanto, de modo geral, foi perceptível a solidariedade entre os jovens skatistas, que compartilhavam

conhecimento sobre a prática do skate e se ajudavam mutuamente. Quando um skatista conseguiu realizar com sucesso uma manobra que havia praticado durante boa parte da tarde, foi aplaudido pelos demais jovens que estavam presentes no local.

Já ao cair da noite, os jovens foram até a loja de conveniência localizada no posto de gasolina, atravessando a rua Dom João Becker, para comprar um refrigerante e compartilhar com o grande grupo. Ao sair da pista, costumam marcar uma nova data para se reunirem nesse mesmo espaço (a pista de skate). Alguns, ao saírem, ficaram sentados nas arquibancadas de concreto conversando e consumindo bebidas e comidas compradas na loja de conveniência.

“QUERO ANDAR IGUAL A ELA”¹⁸

Na observação realizada no dia 03 de agosto, primeiro final de semana após a skatista Rayssa Leal conquistar a medalha de bronze na modalidade Street das Olimpíadas de Paris 2024, uma menina de cerca de 11 anos chegou timidamente à pista de skate acompanhada por sua família (mãe, pai e irmão mais novos). Ela trazia debaixo do braço um skate da Barbie e utilizava capacete, joelheira e cotoveleira (a única que observamos utilizando esses equipamentos de proteção). Após algum tempo sem que a menina soubesse ao certo como subir no skate, dois meninos de idade semelhante

¹⁸ “Geração Rayssa: as meninas que se inspiram na fadinha do skate” (G1, 2021). Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/07/26/geracao-rayssa-as-meninas-que-se-inspiram-na-fadinha-do-skate.ghtml>>

à dela - um deles passou a tarde praticando movimentos repetidos em uma rampa e o outro já dominava manobras mais radicais, como os saltos - interagiram com a menina, encorajando-a a dar seus primeiros movimentos no skate.

Quando a pista já estava mais vazia, um skatista mais velho, com cerca de 35 anos e que aparentava ter experiência na prática do skate, foi até a menina e sua família. Conversou com eles, explicou o funcionamento do skate e incentivou a família a dar para a menina um skate diferente (pois aquele que ela tinha era um de brinquedo, frágil e incapaz de fornecer o “balanço” necessário para a prática) e se dispôs a ajudá-la naquele momento a aprender os primeiros movimentos no skate. Muito feliz com aquela conexão, de mãos dadas com esse skatista, a menina subiu em seu skate e começou a testar seu equilíbrio.

À medida que treinava, aos poucos foi ganhando mais equilíbrio e confiança, até que conseguiu dar suas primeiras voltas sozinha na pista. Sua felicidade foi imensa com essa conquista.

Acredita-se que essa “menina do skate da Barbie” possa ter se sentido motivada a se envolver na prática de skate inspirada pela medalhista olímpica Rayssa Leal. Como mencionado, aquele foi o primeiro final de semana após a vitória da skatista nas Olimpíadas de Paris 2024 e todo o contexto narrado neste texto reforça essa hipótese. Após Rayssa Leal conquistar a medalha de prata na mesma modalidade nas Olimpíadas de Tóquio 2020, foram realizadas

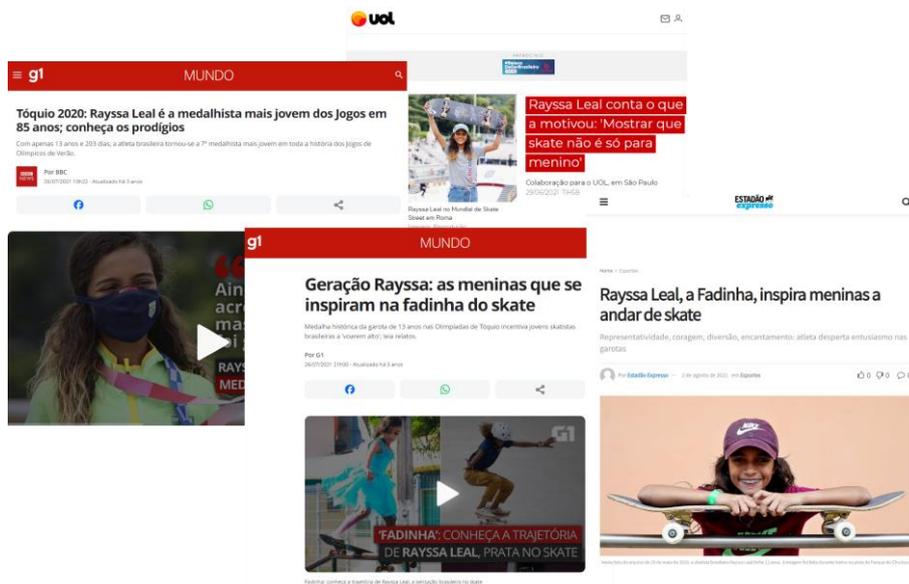
diversas reportagens destacando meninas skatistas¹⁹, que relataram terem se sentido motivadas, inspiradas e encorajadas a começar ou continuar na prática do skate em razão da representatividade de Rayssa Leal. Naquele mesmo período, Rayssa Leal concedeu algumas entrevistas²⁰ nas quais afirmou que, ao longo da sua trajetória, a representatividade de outras mulheres brasileiras no skate, como Leticia Buffoni e Pâmela Rosa, foi essencial para que ela seguisse evoluindo no esporte. A medalhista também comentou que a representatividade a incentiva a não desistir de andar de skate, para que ela também possa inspirar outras meninas, assim como também foi inspirada (Imagem 5).

¹⁹ “Tóquio 2020: Rayssa Leal é a medalhista mais jovem dos Jogos em 85 anos; conheça os prodígios” (G1, 2021). Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/07/26/olimpiada-toquio-2021-rayssa-leal-a-fadinha-e-medalhista-mais-jovem-da-historia-em-85-anos-conheca-os-prodigios.ghtml>>

“Rayssa Leal, a Fadinha, inspira meninas a andar de skate” (Estadão Expresso, 2021). Disponível em: <<https://expresso.estadao.com.br/esportes/rayssa-leal-a-fadinha-inspira-meninas-a-andar-de-skate/>>

²⁰ “Rayssa Leal conta o que a motivou: 'Mostrar que skate não é só para menino'” (UOL, 2021). Disponível em: <<https://www.uol.com.br/esporte/olimpiadas/ultimas-noticias/2021/06/29/rayssa-leal-counta-o-que-a-motivou-mostrar-que-skate-nao-e-so-para-menino.htm>>

Imagem 5: Reportagens sobre representatividade feminina no skate.



Fonte: G1, Uol e Estadão, 2021.

Na mesma data de observação, no dia 03 de agosto, um total de quatro meninas skatistas estiveram na pista. Conforme citado anteriormente, segundo dados da CBSK (2015), apenas 19% das pessoas que praticam skate são mulheres, um número significativamente distante à presença de homens no skate, que representa 81%. Segundo essa mesma pesquisa, no estado do Rio Grande do Sul essa diferença se torna maior: 16% de mulheres e 84% de homens.

SKATE E REPRESENTATIVIDADE: O PAPEL DA PISTA PÚBLICA NA VIDA DE UM JOVEM

Essa seção tem como foco apresentar o questionário realizado com um jovem que utiliza a Pista Pública de Skate de São Leopoldo para a prática do esporte. Ele relata que começou a se interessar pelo skate ainda na infância, ao observar seu

irmão mais velho realizando manobras pelas ruas de São Leopoldo com seus amigos. “De tanto olhar, comecei a querer aprender as manobras que via meu irmão e os seus amigos fazendo. Então depois de um tempo eu ganhei meu primeiro skate”, contou o jovem. Ele menciona que, no início, andar de skate “Foi desafiador pra mim então eu foquei muito e quando eu mandei um *Flip* e um *Ollie*, aí foi felicidade pura. Desde então, nunca mais parei, já faz parte de mim e sinto que isso me define”. O jovem atualmente tem 22 anos, é residente de São Leopoldo e nunca parou de praticar skate.

Contou que antes da pista pública existir, costumava andar pelas ruas, praças e calçadas, improvisando nesses espaços as suas manobras, devido à falta de espaços apropriados na cidade. O que frequentemente resultava em conflitos, tanto com os pedestres quanto com as autoridades locais. A pista pública de São Leopoldo só foi inaugurada em 2008 (Silva e Lay, 2011). O jovem relata que começou a frequentar o local logo após a inauguração da pista, inicialmente estava em boas condições para a execução de manobras. No entanto, com o passar do tempo, o espaço passou a necessitar de manutenções e reformas, uma vez que é utilizado para diversas atividades, como a prática de patins e o uso por crianças pequenas com bicicletas. O local se tornou ponto de encontro para muitos jovens que buscam lazer ao ar livre e a prática de esportes, devido a presença das quadras de futebol localizadas nas proximidades da pista, que também estão disponíveis para uso. O jovem menciona que:

[...] a pista está precisando de algumas reformas, porém ainda consigo *dropar* muito na pista e nos finais de semana a pista acaba ficando muito cheia, devido à grande motivação que os jovens têm em vir pra cá treinar e acreditar no mundo do skate temos o Diego Fiorese que morou em São Leopoldo e hoje representa o skate pelo mundo, acredito que esse é um dos grandes motivos de lotar no final de semana, claro todo mundo quer manda uma manobra maneira e ser reconhecido um dia, e com as olimpíadas ganhando medalhas com o skate ficamos muito empolgados e quem sabe um dia estaremos lá, né. (Jovem 1)

Discutindo a motivação e a representatividade no esporte olímpico, os jovens daquela região possuem um grande incentivo para continuar e aperfeiçoar as práticas de skate, especialmente após as Olimpíadas de 2024, nas quais, como citado anteriormente, o Brasil obteve duas medalhas de bronze: uma com a Rayssa Leal (conhecida como Fadinha) a outra com o Augusto Akio (Olympics, 2024). Os jovens veem nesse cenário uma oportunidade de transformação de vida e reconhecimento no esporte, além da paixão intrínseca pelo skate. Como narrado pelo Jovem 1 ao ser questionado sobre sua motivação para frequentar a pista e a importância que isso tem para a sua vida:

[...] É importante para mim, porque foi aqui nessa cidade que eu cresci e vi outros que tinham um sonho de crescer, então isso vai fortalecendo a gente, saber que um dia posso viver do skate é importante pra mim acreditar nisso e seguir este caminho mesmo que às vezes pareça difícil. Além disso, a pista tem uma estrutura legal, com obstáculos que desafiam e me ajudam a melhorar. Tem dias que só quero curtir o rolê, sentir a adrenalina, e esquecer do resto do mundo. (Jovem 1)

[...] Essa sensação de liberdade e adrenalina é algo inexplicável só andando de skate pra saber a sensação. Durante as Olimpíadas, todos nós que utilizamos a pista de skate ficamos muito felizes e

motivados por termos brasileiros representando este esporte que por um tempo foi muito desvalorizado. A vibe é sempre boa, todo mundo se ajuda, e é um espaço onde me sinto livre para ser eu mesmo. (Jovem 1)

Conforme aponta Pires (2013), os jovens possuem rotinas de lazer semelhantes, porém eles são bastantes distintos. A autora alerta que é fundamental que eles se reúnam em grupos para afirmar e reafirmar suas identidades. O jovem mencionou que não pratica outros esportes em virtude da vida agitada que leva devido ao seu trabalho. Nas horas livres costuma andar de skate com os amigos e, às vezes, após as manobras, eles se reúnem para fazer um “*after*” em bares ou na casa de algum deles.

A gente costuma sair pra beber alguma coisa aí sempre alguém tem dica de um bar legal, pra fazer um *after* trocar umas ideias, mas descontraídas, ou vamos na casa de um deles [amigos] pra beber, fumar distrair a mente, quando estou sozinho, vou pra casa descansar e trabalhar no outro dia, faz parte. (Jovem 1)

Nota-se que o skate, embora seja uma prática individual, envolve também um forte senso de coletividade, onde o grupo se apoia, se motiva e se orienta durante as manobras. O jovem menciona que a pista de skate é seu lugar favorito, pois ali que ele pode se expressar e ser quem realmente é.

É o meu lugar favorito na cidade, quando estou lá eu sinto que posso ir fazer o que eu quiser, sem limitações, é só eu e o skate, essa sensação de liberdade é algo que me impulsiona a querer ir além saber, o skate me permite expressar quem eu sou onde cada manobra é uma forma de mostrar a minha criatividade e personalidade é um jeito de se destacar

e se diferente. Lá, eu posso praticar minhas manobras e me encontrar com outros skatistas que compartilham a mesma paixão. (Jovem 1)

Nota-se que a narrativa do jovem skatista de São Leopoldo revela como o skate transcende a mera prática esportiva ou de lazer, torna-se um momento de expressão, identidade e pertencimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da Pista Pública de Skate de São Leopoldo-RS revela não apenas a importância do skate como prática esportiva, mas também como um espaço fundamental na construção de identidade e na promoção da socialização entre os jovens. O skate, que nasceu como uma alternativa recreativa, evoluiu para um espaço de afirmação e interação, sendo um ambiente propício para trocar experiências e socializar.

As observações realizadas destacam que a pista de skate se caracteriza como um espaço de lazer para trocas de ideias e de manobras, que são carregadas de significados para estes jovens que compartilham aspirações sobre o mundo do skate. Outro ponto que ficou evidente foi o incentivo proporcionado pela representatividade de atletas como Rayssa Leal, Augusto Akio e Diego Fiorese, que inspiram várias gerações de jovens a acreditarem no skate. Isso trouxe uma nova perspectiva para a prática de skate, principalmente após o reconhecimento do skate como esporte olímpico. Agora, os jovens veem o skate como uma oportunidade de um futuro mais promissor.

Apesar das limitações estruturais, a pista pública de skate desempenha um papel crucial na vida desses jovens, permitindo que eles tenham um espaço onde possam se conectar, desafiar a si mesmos e cultivar sonhos. Isso também destaca a necessidade de espaços adequados e bem mantidos para o desenvolvimento físico e social, além da implementação de políticas públicas que valorizem e ampliem essas oportunidades. O skate, portanto, não é apenas uma prática esportiva, mas sim um propulsor na vida dos jovens de São Leopoldo.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. Revista Brasileira de Educação, n. 05, 1997.

ABRAMO, H. W. Condição Juvenil no Brasil Contemporâneo. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (Orgs.). Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Instituto Cidadania/Fundação Perseu Abramo, 2005. p.448

BRANDÃO, L. MACHADO, G. M. C. A PESQUISA SOBRE SKATE NOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO DO BRASIL: PANORAMA E PERSPECTIVAS. Recorde: Revista de História do Esporte, v. 12, n. 2, 10 dez. 2019.

DUMAZEDIER, J. Lazer e cultura popular. São Paulo: Perspectiva, 1973.

CBSK - CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE SKATE. 2015
Disponível em:
https://filiados.cbsk.com.br//public_files//pesquisadatafolha2015.pdf Acesso em: 23 out. 2024.

OLIC, M. B. Das ruas para os Jogos Olímpicos? Dinâmicas

em torno da prática do skate. Campos - Revista de Antropologia Social, v. 15, n. 1, p. 75-96, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/campos/article/view/43208>

OLYMPICS. Contagem de medalhas - Quadro de medalhas olímpicas Paris 2024. Disponível em: <https://olympics.com/pt/paris-2024/medalhas> Acesso em: 23 set. 2024.

RIBEIRO, C. H. V; ROJO, J. R; PEREIRA, E. G. "Fora haole" e "no bike": notas etnográficas de uma pista pública de Skate no ano de 2020. RUA, v. 27, n. 1, p. 131-148, 2021. Disponível em: <https://www.labeurb.unicamp.br/rua/artigo/capa/315-fora-haole-e-no-bike-notas-etnograficas-de-uma-pista-publica-de-skate-no-ano-de-2020> Acesso em: 23 set. 2024.

NETO, V. F. Proibido em partes do Brasil no passado, skate vira força Olímpica do país. Disponível em: <https://olympics.com/pt/noticias/proibido-em-partes-do-brasil-no-passado-skate-vira-forca-olimpica-do-pais> Acesso em: 14 out. 2024

PIRES, L. M. Culturas geográficas de alunos-jovens: uma referência para a formação de professores de Geografia. 2013, 277 p. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.

SILVA, A. M.; LAY, M. C. D. Eventos em espaços públicos: planejamento turístico e qualidade espacial. In: 2º. Simpósio Brasileiro de Qualidade do Projeto no Ambiente Construído. X Workshop Brasileiro de Gestão do Processo de Projeto na Construção de Edifícios, 2011, Rio de Janeiro.

SOUZA, S. J. T. Segregação racial e socioespacial na cidade "berço da colonização alemã". UFRGS, 2022. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/259435?locale-attribute=es> Acesso em: 23 set. 2024.

SÃO LEOPOLDO - UPONBOARD | UPD. Resultados e fotos da 1º etapa do circuito gaúcho de skate AM. 2013. Disponível

em: <https://uponboard.wordpress.com/tag/sao-leopoldo/>
Acesso em: 23 set. 2024.

JUVENTUDES SKATISTAS DO IAPI: COLETIVIDADE, ESTILO E MOBILIZAÇÃO POLÍTICA

José Inácio da Silva Júnior

INTRODUÇÃO

Rayssa Leal (conhecida como “fadinha do skate”) e Augusto Akio (apelidado de “japinha”), jovens medalhistas olímpicos em Paris 2024 no skate, reafirmaram que o Brasil é uma potência no esporte. O fato de esse esporte ser considerado olímpico o coloca em outro patamar, sendo visto por todos com outros olhos. Ao longo desta última edição, tivemos a oportunidade de nos deparar com inúmeras postagens de apoio, por meio de mensagens de torcida e até mesmo de formas mais descontraídas e animadas, como os memes. Isso mostra que, apesar de ser uma prática com anos de história, o skate é uma novidade para o grande público e, ao mesmo tempo, se apresenta como uma prática esportiva e de lazer que merece mais atenção e estudo. Além disso, Rayssa e Augusto certamente são inspirações para outros jovens esportistas. Essas considerações nos levam a alguns questionamentos que norteiam a construção e a explanação deste texto: *quem são os jovens que praticam esse esporte? Quais são os espaços utilizados para a realização dessa prática esportiva? Quais os interesses por trás desses espaços?*

Ao pensarmos em jovens skatistas, uma série de conceitos é evocado, entre eles juventudes, lazer, espaços

públicos, coletividade e territorialidades, entre outros. Esses conceitos refletem as relações entre esses sujeitos e o espaço. Começando pela categoria social “Juventudes”, segundo o Estatuto da Juventude (EJUVE), refere-se aos indivíduos entre 15 e 29 anos. Contudo, entende-se que essa categoria não deve ser fixa no critério de idade; existe uma heterogeneidade em relação ao que significa ser jovem. Diversos fatores, como gênero, étnico-racial, classe social e contexto espacial, influenciam como essa condição é vivida. Portanto, utilizamos o termo “JuventudeS”, no plural, justamente por não haver uma única forma de entender a juventude.

A cultura do skate evoca um conjunto de questões que vão da compreensão do skate como profissão à sua prática como lazer, do entendimento como brincadeira à competição. Assim como entre os jovens, existem diferentes grupos de skatistas.

Pensando nesse cenário de jovens skatistas, Porto Alegre busca consolidar-se como a capital do skate. A cidade tem sediado eventos e competições, como a segunda etapa do STU Nacional 2023, que contabiliza pontos para o ranking nacional de street e park²¹. A capital gaúcha tornou-se referência com a criação do maior complexo de pistas da América Latina, situado na Orla do Guaíba. Portanto, existem diversos

²¹ Existem diferentes modalidades de competição no Skate, entre elas, Street e Park. Street é a modalidade que mistura elementos urbanos na pista. A modalidade Park são pistas que permitem maior fluidez de manobras por meio de rampas, bowls, half-pipes, entre outros obstáculos.

interesses por trás da prática do skate, como interesses esportivos, de lazer, políticos e de resistência, entre outros.

A constituição deste texto deriva das discussões da disciplina "Juventudes, Lazer e Território: Marcas Urbanas do Lazer de Jovens", cursada no Programa de Pós-Graduação em parceria com o Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano no primeiro semestre de 2024. Dessa forma, este trabalho tem como objetivo discutir as práticas dos jovens skatistas no Skate Park do IAPI, em Porto Alegre/RS. Para isso, optou-se pela observação de campo não participante, resultando na elaboração de anotações e registros fotográficos.

O texto a seguir apresenta uma discussão teórica que serve de embasamento para compreensão dos dados coletados na observação. Em seguida, caracterização da pesquisa de campo, das escolhas metodológicas e do espaço investigado. Além disso, as observações escolhidas e detalhamento do campo. Por fim, as considerações finais como forma de sintetizar os principais resultados e reflexões da pesquisa.

DISCUSSÃO TEÓRICA

JUVENTUDES SKATISTAS

O Brasil é o segundo país com o maior número de skatistas, ficando apenas atrás dos Estados Unidos, e está entre os principais esportes com o maior número de praticantes (Olic, 2014), muitos dos quais são jovens. Além disso, a essência do skate está relacionada e intrinsecamente

ligada ao meio urbano, incorporando elementos urbanos nas pistas.

Abramo (2005) define conceitos centrais para o entendimento sobre juventudes, incluindo condição e situação juvenil. A condição juvenil remete a uma ideia macro sobre juventudes, de acordo com a legislação, referindo-se a sujeitos de 15 a 29 anos. Entretanto, o conceito de sujeito juvenil diz respeito a como essa condição será experienciada, considerando que cada indivíduo está situado em um contexto que condiciona como esse período será vivenciado. Isso ocorre devido a fatores como gênero, classe social, etnico-racial, espacialidade, entre outros. Nesse sentido, a prática do skate reflete um fator determinante na forma como os sujeitos juvenis se relacionam com seus pares, com a cidade e os espaços públicos. De acordo com Olic (2014, p. 76)

Desde seu surgimento em um período de profundas transformações sociais, especialmente no que diz respeito a dimensão comportamental e a resignificação do “ser jovem” no final do século XX, passando pela forma como os skatistas passaram a construir um estilo de vida singular no meio urbano, até os dias de hoje em que o skate vem ganhando grande visibilidade no espaço público e atraindo interesses da indústria cultural ao mesmo tempo em que busca manter sua essência.

A partir do excerto anterior, podemos observar que a prática do skate e seus praticantes estão diretamente ligados aos jovens, sendo ambos responsáveis por transformações sociais, espaciais e pessoais. No campo de pesquisa sobre o skate, não há uma definição exata do seu surgimento; contudo, nas décadas de 60 e 70, os jovens se apropriaram

dessa prática como uma forma de experienciar a cidade e o meio urbano de maneira diferente. Além disso, os jovens têm sido protagonistas de diversas mudanças sociais em outras dimensões, e o skate, em certa medida, representa as reivindicações desses sujeitos. Ao longo da história do skate, houve uma série de mudanças em torno dessa prática, que passou de uma prática corporal urbana para um esporte radical, sendo, em alguns momentos e localidades, considerado ilegal e contrário aos ideais civilizatórios.

Por fim, podemos considerar que o skate proporciona um estilo de vida e modos de relação com a cidade. Além disso, o skate é visto como uma manifestação juvenil (assim como funk, punk, surf e hip-hop). Para alguns praticantes, o skate não se encaixa como um esporte, devido à ideia de "for fun" (por diversão), e, quando é considerado uma prática esportiva, pode ser interpretado como uma normatização ou controle da atividade. Entretanto, ressalta-se a importância do skate na apropriação dos espaços públicos pelos jovens, que, em muitos momentos da história dessa prática, se tornaram pautas para movimentações políticas com imensa participação juvenil.

JUVENTUDES E COLETIVIDADE

Pensar em juventudes skatistas nos leva a imaginar as pistas repletas de jovens, muitas vezes organizados em grupos. Geralmente, os praticantes que usufruem de determinado espaço há algum tempo desenvolvem um senso de coletividade. É comum observar uma questão de respeito entre esses sujeitos; geralmente, todos se cumprimentam ao entrar na

pista, trocam ideias e experiências, e celebram com os colegas quando conseguem realizar uma manobra com sucesso.

É nesses espaços de coletividade que são permitidas certas expressões das culturas juvenis (Feixa, 1999). Por exemplo, há liberdade em relação ao vestuário; apesar de um fator de gênero, muitos jovens meninos se sentem à vontade para praticar manobras sem camiseta, algo que em outras áreas da cidade poderia não ser aceito ou poderia fazê-los sentir-se desconfortáveis, por fugirem do que é considerado “socialmente adequado”. Além disso, é comum o uso de música alta, bem como o consumo de bebidas e drogas lícitas e ilícitas.

JUVENTUDES E ESTILO

Outro fator a ser discutido quando se menciona o skate é o estilo. Existe um conjunto de elementos que caracteriza os praticantes, além da prática em si. De acordo com Ribeiro, Rojo e Pereira (2021, p. 140), “nos distintos grupos de jovens, a legitimação no uso dos espaços se dá pelas habilidades, mas também pelas redes de amizade, na formação dos pequenos grupos, nas roupas e no vocabulário”.

Exemplos dessa caracterização são os apelidos entre os praticantes, como “Fadinha do Skate” (Rayssa Leal) e “Japinha” (Augusto Akio). Existe a ideia de “ser jovem”, mas também a noção que qualifica “ser skatista”, manifestando-se por meio do vestuário e do comportamento. Um exemplo é a entrevista concedida por Rayssa Leal²², na qual ela comenta

²² Entrevista concedida por Rayssa Leal ao SporTV. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/12794501/>.

sobre as roupas mais folgadas que utiliza ao praticar o esporte. Outro exemplo ocorreu na final do street masculino das Olimpíadas, quando o canadense Cordana Russel, mesmo sem chance de vitória, quebrou alguns protocolos ao executar uma manobra e foi ovacionado pelo público. A comentarista durante a transmissão ao vivo afirmou: “se não quebrar regra, não é skate”²³.

JUVENTUDES E MOBILIZAÇÃO POLÍTICA

Apesar de serem, em grande maioria, espaços públicos, as pistas e a prática de skate representam territórios de interesse e de disputas. De acordo Olic (2014, pag. 81)

No caso brasileiro um evento que pode ser considerado como símbolo da criminalização do skate ocorreu em São Paulo em 1988. Neste ano o então prefeito da cidade Jânio Quadros proibiu a prática de skate no Parque do Ibirapuera, um dos principais pontos de encontro de seus praticantes. O veto levou a uma série de manifestações por parte dos skatistas, o prefeito, por sua vez, acabou ampliando a proibição a todos espaços públicos da cidade. Frases como “skate não é crime!” e “skate, direito do cidadão, dever do Estado” passaram a ser estampadas em camisetas, shapers e revistas especializadas como lemas na luta por reconhecimento de sua prática na cidade. Em 1989, com a posse de Luiza Erundina como prefeita, os skatistas conseguiram negociar com o poder público a revogação da proibição.

Concebendo as pistas como território, Haesbaert (2004) coloca que esta categoria geográfica tem relação com poder, mas não apenas ao tradicional "poder político", também se

²³ Momento do skatista canadense Cordana Russel em 1:49:00. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yB7StljDAMS>.

refere tanto ao sentido concreto quanto o sentido simbólico, dos sujeitos que se apropriam destes espaços. Assim, podemos verificar que existem interesses políticos nesses espaços, em alguns casos criando tensões entre os praticantes e o poder público. Mas com o passar do tempo ocorre a mudança do status do skate no cenário brasileiro e atualmente é visto como espaços de sociabilidade, lazer e político em grande maioria ocupados por jovens que reafirmam diariamente seus direitos de ocupar e usufruir dos espaços públicos.

CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

A técnica de coleta de dados utilizada para a elaboração deste trabalho foi a observação de campo, comumente empregada em pesquisas experimentais, estudos de caso, pesquisas etnográficas e levantamentos de campo (Gil, 2021). A escolha desse procedimento metodológico se justifica pela possibilidade de observar o ambiente, os sujeitos e os fenômenos sem que o pesquisador participe ativamente, caracterizando-se como uma observação não participante.

A realização do campo ocorreu no dia 21 de agosto (quarta-feira) com início às 14 horas e teve duração de uma hora e meia aproximadamente. A escolha da data se deve pelas ótimas condições meteorológicas, no dia em questão estava ensolarado e com temperatura em torno dos 28°C, foi o primeiro dia de sol seguido de uma sequência de dias nublados, frios e chuvosos. Um dia convidativo para realização da prática de skate. No início da observação estavam em torno de 6 a 7 jovens praticando e ocupando a pista, contudo, ao

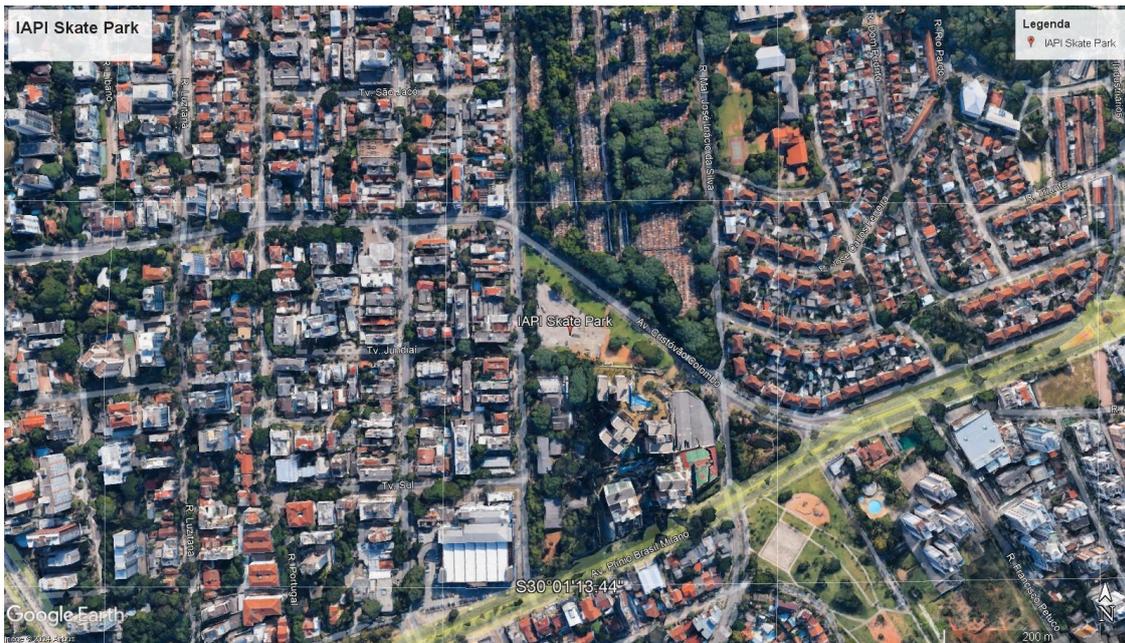
decorrer do tempo mais jovens visitantes e esportistas foram até a pista, resultando em, aproximadamente, 30 pessoas andando com seus skates.

A pesquisa de observação foi realizada por meio de anotações e registros fotográficos que compõem o corpus deste trabalho. O objetivo foi registrar as principais interações entre os sujeitos, momentos e ações marcantes, além dos significados por trás das atividades e situações que se destacaram ao longo da pesquisa de campo.

CARACTERIZAÇÃO DO ESPAÇO OBSERVADO

Como Porto Alegre busca se afirmar como a Capital Nacional do Skate, uma das principais pistas para a prática desse esporte é o Skate Park do IAPI. A pista está localizada na Zona Norte de Porto Alegre/RS, no bairro Higienópolis, dentro da Praça Frederico Arnaldo Ballve Neto, conforme ilustrado na figura a seguir.

Figura 1: Localização do Skate Park IAPI.



Fonte: Elaboração do Autor com apoio no Google Earth, 2024.

O perímetro da praça tem formato triangular, situado entre a Avenida Cristóvão Colombo e a Rua Dr. Eduardo Chartier, próximo ao Cemitério São João e à Avenida Plínio Brasil. Inaugurada em 2001, por meio de um projeto elaborado por skatistas da época em parceria com a prefeitura, é considerada a primeira pista de Skate Plaza de Porto Alegre, um formato que reproduz elementos da cidade (Sagaz, 2023).

Figuras 2, 3 e 4: Elementos da pista - Corrimão, Banco e Hidrante.



Fonte: Autor, 2024.

Desde 2023, a praça vem recebendo melhorias, como a troca de pedras e a adição de novos elementos ao circuito da pista, tornando esse espaço público mais atrativo para os praticantes. Além da pista, podemos encontrar outros equipamentos públicos de lazer, como aparelhos de playground para crianças e bancos de madeira e concreto. Ao redor da praça, há áreas verdes e escadarias propícias para o descanso de visitantes e trabalhadores do comércio local. Na figura a seguir, podemos observar uma divisão da praça: em verde estão as áreas arborizadas, bem como os bancos e escadarias; em azul, os equipamentos de playground; e em amarelo, a pista de skate.

Figura 5: Divisão da Área da Praça.



Fonte: Elaboração do Autor com apoio no Google Earth, 2024.

OBSERVAÇÕES EM CAMPO

Pista de Skate do IAPI, Porto Alegre (RS). 21 de agosto de 2024

Ao chegar à pista, por volta das 14 horas, deparei-me com um grupo de aproximadamente seis jovens praticando skate (Figura 6). Além deles, havia alguns grupos de pessoas descansando nas escadarias, provavelmente funcionários do Supermercado Zaffari, localizado na Avenida Plínio Brasil. No entanto, o grupo que mais chamou a atenção no momento da chegada era composto por indivíduos que estavam na praça para produzir material para a campanha eleitoral de uma candidata a vereadora de Porto Alegre. Esse grupo contava com uma câmera fotográfica e um drone para a captura das imagens.

Figura 6: Jovens ocupando a pista.



Fonte: Autor, 2024.

Ao observar esse grupo produzindo material audiovisual, percebi o uso de adesivos e camisetas de promoção da candidata. Ao pesquisar o nome da candidata nas redes sociais, foi possível verificar que sua candidatura está ligada ao Partido Republicanos e tem uma relação direta com o âmbito esportivo. Durante as gravações, a candidata a vereadora comentou que aquele espaço recebe cerca de 5 a 10 mil pessoas nos finais de semana e que buscava garantir investimentos para a revitalização e segurança desse espaço público.

Em determinado momento, o grupo de jovens parou próximo à pista para descansar, e a candidata se aproximou para conversar com eles. Como estava perto, consegui acompanhar a conversa. Ela questionou os jovens se tinham Título de Eleitor; alguns disseram que não possuíam e receberam orientações para fazê-lo, enquanto a candidata destacou que votar é uma forma de garantir seus direitos. Alguns jovens comentaram, de forma automática, que “ainda não sei em quem votar”. Em seguida, a candidata sugeriu: “Vocês não querem andar pela pista? Vamos fazer algumas imagens, seria bom que tivessem mais”. Os jovens responderam que ainda era cedo e que a pista geralmente estava cheia. Como estratégia, a candidata afirmou que iria disponibilizar as imagens e pediu para que eles seguissem suas redes sociais. Os jovens gostaram da ideia e voltaram para a pista, enquanto o fotógrafo acompanhava a realização das manobras, conforme a figura a seguir.

Figura 7: Momento em que os jovens participam.



Fonte: Autor, 2024.

Os jovens ficaram animados com aquele momento, e a cada manobra realizada com sucesso, todos ao redor comemoravam. Um dos skatistas, ao executar uma manobra sem cair, perguntou: “Tu gravou isso?”. A presença de figuras políticas nas pistas de skate demonstra a importância desses espaços e dos sujeitos que os ocupam. Trata-se de locais com grande circulação, onde há uma expressiva parcela de jovens, em sua maioria jovens aptos a votarem, além de ser um espaço de prática de um esporte que está sob os holofotes da mídia. Um fato interessante observado durante o período analisado foi o senso de coletividade. Com o tempo, mais skatistas, em sua maioria meninos, foram chegando, e percebia-se que a grande maioria se conhecia. A cada nova chegada, os skatistas se cumprimentavam e trocavam ideias. Em alguns momentos, fui cumprimentado por eles, mesmo não estando praticando o

esporte. Aquele espaço refletia respeito e, de certa forma, cordialidade; era comum que quem fosse realizar uma manobra esperasse o outro terminar antes de prosseguir.

Em grande parte, os jovens estavam em grupos, alguns estavam sozinhos e era fácil perceber quais, os que estavam de fone de ouvido geralmente não estavam inseridos em grupos. Outra curiosidade, que tinha pessoas sem skate apenas fazendo companhia e interagindo com os demais. Foi percebido que existe um recorte de gênero, a maioria de quem praticava eram meninos e algumas (poucas) garotas estavam acompanhando. Além disso, naquele momento observado que era grande maioria pessoas brancas, com baixa número de pessoas pretas.

Os jovens também manifestam sua relação com o skate por meio do vestuário. Os skatistas usavam roupas mais folgadas e, alguns, optaram por não usar camisetas. A princípio, pensei que isso poderia ser arriscado, pois estariam mais expostos em caso de quedas. No entanto, os jovens não pareciam se importar com as quedas; os vermelhos e arranhões não os incomodavam.

Com o passar do tempo, mais praticantes foram chegando à pista. Havia grupos com um maior número de equipamentos, como ferramentas, que demonstravam uma experiência mais avançada na prática, parecendo estar ali para treinar. Outra imagem marcante foi a de crianças chegando acompanhadas por adultos para praticar skate. Entre elas, destacou-se uma menina, com aproximadamente 5 anos, que estava acompanhada de seu pai para se exercitar e treinar. A

figura a seguir apresenta uma visão mais ampla da pista, ocupada por jovens.

Figura 8: Ampla visão da pista.



Fonte: Autor, 2024.

Outro detalhe interessante na pista são as pichações e grafites espalhados pelo local. Assim como o skate, o grafite representa uma manifestação urbana. De acordo com Araujo (2003, p. 07),

O grafite, penso, pode e deve ser percebido não somente como mais uma expressão da juventude contemporânea. Mais do que isso, deve ser considerado também, e principalmente, como possibilidade de socialização e como estratégia pedagógica, cujo conteúdo do trabalho parte dos próprios produtores.

Por meio dessa arte visual, o grafite expressa mensagens do cotidiano de quem o produz. Na figura a seguir, podemos observar um grafite que retrata a imagem de uma menina preta, acompanhado da frase: “Deus é uma mina preta.” Trata-se de uma arte de valorização às pessoas negras.

Figura 9: Grafite presente na pista.



Fonte: Autor, 2024.

É uma arte de valorização das pessoas negras, que frequentemente são invisibilizadas e por meio da arte do grafite ganham espaço no cenário urbano. Além da mensagem política e social é uma arte que enriquece aquele espaço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O texto discute a popularização do skate e teve como objetivo analisar as práticas dos jovens skatistas no Skate Park

do IAPI, em Porto Alegre/RS. As expressões juvenis urbanas relacionadas ao skate correspondem a um vasto conjunto de questões sociais e políticas. Para essa análise, foi realizada uma observação não participante como método de coleta de dados, na qual foram elencadas as principais atividades e ações que se destacaram.

Ao discutir skate e juventudes, emergem conceitos como coletividade, território, estilo e mobilização política. Esses elementos cercam a realidade dos jovens praticantes de skate, conforme observado em campo.

Os principais pontos observados e discutidos a partir do campo referem-se à coletividade entre os skatistas, que se manifesta como respeito e cordialidade entre esses sujeitos. Além disso, ficou evidente o interesse por parte de políticos, tanto em relação a esses espaços quanto aos praticantes. Foi possível notar um recorte de gênero e étnico, especialmente no que diz respeito a quem pratica skate. Por fim, esses locais são espaços de manifestação social e política por meio de práticas urbanas.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (orgs.). Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo/Instituto Cidadania, 2005.

ARAUJO, Marcelo da Silva. Juventudes e grafite de muros: discursos, sociabilidade e a ação educativa das cores na cidade. 2003. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Marcelo-Araujo-20/publication/371599138_Juventude_e_grafite_de_muros_d

[discursos_sociabilidades_e_a_acao_educativa_das_cores_na_cidade/links/648b5f12c41fb852dd094463/Juventude-e-grafite-de-muros-discursos-sociabilidades-e-a-acao-educativa-das-cores-na-cidade.pdf](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2013/lei/112852.htm). Acesso em: 25 de ago. de 2024.

BRASIL. Lei 12.852 de 5 de agosto de 2013. Estatuto da Juventude. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2013/lei/112852.htm. Acesso em: 23 de ago. de 2024.

FEIXA, Carles. De Jóvenes, Bandas y Tribus. Barcelona: Editorial Ariel SA, 1999.

HAESBAERT, Rogério. Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade. 2004. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/petgea/Artigo/rh.pdf>. Acesso em: 24 de ago. de 2024.

MALINOSKI, André. Criação de Pistas, resistência e superação de preconceitos: como Porto Alegre se tornou referência na prática do skate, GZH, 11 de janeiro de 2024. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2024/04/criacao-de-pistas-resistencia-e-superacao-de-preconceitos-como-porto-alegre-se-tornou-referencia-na-pratica-do-skate-cluvlk3ux01g2012jxmq7jhwm.html>. Acesso em: 23 de ago. de 2024.

OLIC, Mauricio Bacic. Das ruas para os Jogos Olímpicos? Dinâmicas em torno da prática do skate. Campos - Revista de Antropologia Social, v. 15, n. 1, p. 75-96, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/campos/article/view/43208>. Acesso em: 23 de ago. de 2024.

PORTO ALEGRE. Pista de Skate do IAPI será entregue revitalizada neste domingo. 2023. Site da Prefeitura de Porto Alegre. Disponível em: <https://prefeitura.poa.br/smelj/noticias/pista-de-skate-do-iapi-sera-entregue-revitalizada-neste-domingo>. Acesso em: 23 de ago. de 2024.

RIBEIRO, Carlos Henrique de Vasconcellos; ROJO, Jeferson Roberto; PEREIRA, Erik Giuseppe; “FORA HAOLE” e “NO BIKE”: notas etnográficas de uma pista pública de Skate no ano de 2020. In: RUA [online]. Volume 27, número 1 - e-ISSN 2179-9911 - Junho/2021. Disponível em; <http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>. Acesso em: 23 de ago. de 2024.

SAGAZ, Julio. Porto Alegre, capital brasileira do skate: a pista da Marinha, o IAPI e o maior complexo da América Latina. Skate Vale Brasil, 09 de mar. de 2023. Disponível em: <https://skatevalebrasil.com.br/porto-alegre-capital-brasileira-do-skate-a-pista-da-marinha-o-iapi-e-o-maior-complexo-da-america-latina/>. Acesso em: 23 de ago. de 2024.

TERRITÓRIOS EM DISPUTA: REFLEXÕES AUTOETNOGRÁFICAS SOBRE TENSÕES E APROPRIAÇÕES DO SKATE NO MUNICÍPIO DE CAMPOS SALES/CE

George Almeida Lima

INTRODUÇÃO

As práticas de lazer, segundo Elias (2022), possuem tensionamentos que se reverberam na forma como as pessoas usufruem dessas atividades. Nas sociedades industriais contemporâneas, os indivíduos são conduzidos a um processo de racionalização que envolve o desenvolvimento de uma autoconsciência que se sobrepõe à espontaneidade das emoções. Desse modo, os indivíduos são conduzidos a uma dinâmica que envolve a profusão do trabalho como recurso basilar para a vida humana. Neste cerne, a realização das atividades de lazer não depende apenas do tempo livre, mas “de toda a situação, da formação social, e em particular da capacidade de usufruto do lazer sem sentimento de culpa desenvolvido por sua formação” (Elias, 2022, p. 46).

À vista disso, Elias e Dunning (2019) destacam que as práticas de lazer se configuram como espaços que permitem o desenvolvimento de um processo de excitação, que é incutido pela libertação das tensões provenientes do trabalho e da regulação das emoções e da espontaneidade impostas pelos processos civilizatórios. Dessa maneira, o lazer estimula as

emoções e a espontaneidade, tendo um efeito “libertador” que produz uma agradável tensão/excitação.

Magnani (2024) aponta que as práticas de lazer são um espaço social que possibilitam a transposição das dinâmicas entre a vida no universo privado e no universo social, incutindo no desenvolvimento de redes de sociabilidade. No que se refere aos espaços de sociabilidade entre os grupos e indivíduos, destaca-se que o território é um recurso simbólico que possibilita as interações socioculturais de grupos e indivíduos. Desse modo, os “espaços compartilhados facilitam o encontro e o estabelecimento de relações de troca entre os sujeitos” (Lima, 2018, p. 141).

Considerando a importância do território para as dinâmicas de lazer, Haesbaert (2003) destaca que esse campo pode ser compreendido a partir de três dimensões: (i) jurídico-política, que compreende o território como um espaço controlado e delimitado que exerce poder sobre os indivíduos e grupos sociais. (ii) Dimensão cultural, que considera o território como o produto da apropriação simbólica. (iii) Dimensão econômica, que enfatiza os tensionamentos entre as classes sociais. Destarte, “uma noção de território que despreza sua dimensão simbólica, mesmo entre aquelas que enfatizam o seu caráter eminentemente político, está fadada a compreender apenas uma parte dos complexos meandros do poder” (Haesbaert, 2003, p. 05). Nesse sentido, o território pode ser considerado como um produto histórico envolto por mudanças e permanências ocorridas num ambiente no qual se desenvolve uma sociedade.

A partir do exposto, destaca-se que diversas práticas corporais podem ser usufruídas como formas de lazer, dentre elas, o skate, objeto deste estudo. Cada prática de lazer possui um território específico, que considera as particularidades das práticas corporais. Todavia, a dimensão simbólica do território permite a permeabilização de suas fronteiras ao ser apropriado por grupos e indivíduos com distintas subjetividades e particularidades.

Considerando o aumento da visibilidade do skate após os jogos olímpicos de Tóquio (2020), essa atividade é desenvolvida enquanto prática de lazer e/ou atividade competitiva (Pereira, 2023). Dessa forma, “o skate contribui para o desenvolvimento de uma rede de sociabilidade juvenil, sendo, por meio da prática do lazer, que se delineiam dinâmicas socioculturais da vida juvenil” e suas territorialidades (Lima, 2018, p. 141).

Conquanto, levando em consideração o desenvolvimento do skate no Brasil, essa prática se torna objeto de estudo de distintas áreas do conhecimento, em que se busca compreender os processos de sociabilidade juvenil (Freitas *et al.*, 2016; Velozo; Daólio, 2013), reflexões sobre a construção de identidades e a prática do skate (Lima, 2020; Machado; 2021) e discussões sobre a noção de cidade, urbanidade e território (Feliciano, 2020; Machado, 2021). Todavia, nenhum estudo buscou refletir, por meio de uma autoetnografia, sobre os tensionamentos e as disputas territoriais ligadas aos distintos grupos que se apropriam nas pistas de skate.

Nesta seara, Santos (2017, p. 217) destaca que a autoetnografia busca reconhecer “a inclusão da experiência do

sujeito pesquisador tanto na definição do que será pesquisado quanto no desenvolvimento da pesquisa (recursos como memória, autobiografia e histórias de vida) e os fatores relacionais que surgem no decorrer da investigação”. Na utilização desse recurso teórico-metodológico, a narrativa pessoal e as experiências dos sujeitos são recursos que direcionam a investigação social. Desse modo, considerando as distintas simbologias circunscritas pelos indivíduos e grupos sociais em campos socioculturais particulares, este estudo tem como objetivo refletir sobre as disputas, tensionamentos e apropriações ligadas à prática do skate no município de Campos Sales/CE.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A ENTRADA NO CAMPO

Este estudo utilizou-se da autoetnografia enquanto aporte teórico-metodológico. Segundo Santos (2017, p. 218), esse recurso “impõe a constante conscientização, avaliação e reavaliação feita pelo pesquisador da sua própria contribuição/influência/forma da pesquisa intersubjetiva e os resultados consequentes da sua investigação”. Chang (2008) também destaca que a autoetnografia possibilita a aproximação do pesquisador com seus próprios impulsos, sentimentos e emoções em relação ao objeto investigado e as suas próprias percepções intersubjetivas. Desse modo, a autoetnografia permite o reconhecimento e a reflexão das relações entre os sentimentos e percepções do pesquisador com os contextos socioculturais ao qual está inserido (Ellis, 2004).

Com reforço, Berger e Ellis (2002) apontam que a autoetnografia possui consonância com os preceitos de investigação autobiográficos, pois considera a conexão entre as particularidades individuais do pesquisador com as experiências socioculturais dos contextos investigados. Nesse sentido, a autoetnografia permite a descrição, a reflexão e a introspecção intelectual e emocional dos agentes sociais envolvidos nos campos de análise. À vista disso, este estudo fundamenta-se em três elementos que Chang (2008) denomina de modelo triádico: (i) orientação metodológica, cuja base é etnográfica e analítica, (ii) orientação cultural, embasada em uma dinâmica pautada na interpretação dos fatores vividos e as relações entre pesquisador e pesquisados. (iii) Orientação de conteúdo, que se baseia na autobiografia reflexiva.

A partir do exposto, destaca-se que este estudo é proveniente de uma experiência autoetnográfica do autor, em que se considerou o uso de sua memória, das suas experiências vividas e de um acervo documental amparado por imagens²⁴ e informações dispostas no site da prefeitura municipal de Campos Sales/CE e rascunhos escritos em um pequeno caderno, ao qual o autor descrevia nomes de manobras, dificuldades para a realização das manobras e alguns fragmentos sobre a dinâmica social estabelecida pelos grupos de skatistas ao qual fazia parte.

O primeiro contato com o skate se deu no ano de 2009, após a construção e inauguração da pista municipal de skate

²⁴ <https://campossalesesporte.blogspot.com/2011/12/1-copa-de-skate-municipal.html>

de Campos Sales/CE. Inicialmente, o autor apenas assistia a realização das atividades. Destarte, a inserção do autor como praticante se deu no ano de 2010. A experiência foi vivenciada no período de 2010 a 2013, no município de Campos Sales, no interior do estado do Ceará. Nesse período, o autor possuía a função de praticante de skate, em que pôde compartilhar, por meio de interações sociais, suas percepções, sentimentos e emoções. Esse processo contribuiu para sua inserção e permanência no grupo e posterior leitura teórica e empírica das dinâmicas sociais vivenciadas. Esse agrupamento de informações contribuiu para o desenvolvimento de interpretações, reflexões e análises dos processos sociais.

A inauguração da pista de skate gerou uma grande repercussão na cidade, uma vez que todas as atenções estavam voltadas para esse. A prática do skate teve um impacto inicial: a ausência de skates e equipamentos, aspecto que fez a prefeitura municipal de Campos Sales doar skates para alguns praticantes. Foram cerca de 10 skates doados, todavia, inicialmente havia mais de 20 praticantes. Os praticantes revezavam os skates entre si, fortalecendo um vínculo envolto pela parceria e pelo lazer, se configurando como um elemento de coesão do grupo. Paulatinamente, alguns praticantes foram adquirindo seus próprios skates, diminuindo a disputa pelos materiais doados pela prefeitura.

As experiências vividas durante os processos sociais procedentes do campo de pesquisa, para que possam ser ponderadas a partir de um processo reflexivo e interpretativo, precisam considerar alguns elementos como: (i) experiência

pessoal; (ii) apresentação das tomadas de sentido; (iii) reflexividade; (iv) conhecimentos que sejam frutos da experiência vivida. (v) descrição, apresentação e/ou críticas sobre as normas sociais e (vi) procura por respostas (Adams; Jones; Ellis, 2015). Por conseguinte, destaca-se que este estudo está estruturado da seguinte maneira: em um primeiro momento, buscou-se apresentar as experiências do pesquisador durante sua inserção na prática do skate. Em um segundo momento buscou-se descrever o ambiente analisado.

O CENÁRIO

Nosso esforço inicial está em caracterizar o *lócus* deste estudo, apresentando o espaço de ação dos indivíduos e grupos sociais, cujas ações e dinâmicas socioculturais são apresentadas e problematizadas neste trabalho. A imagem a seguir apresenta a pista de skate de Campos Sales/Ce.

Imagem 1 - pista de skate de Campos Sales



Fonte: blog da prefeitura municipal (2011).²⁵

A pista de skate está localizada em um espaço conhecido como canal 23, no centro de Campos Sales/CE. Ao lado direito da pista de skate está situado o córrego da cidade. Este espaço é arborizado, mas possui algumas peculiaridades que impactam na paisagem, como o lixo que os moradores jogam às margens do córrego e o excesso de vegetação que compõem a paisagem, que é o nível visível e percebido do território (Saquet, 2009). No período da manhã e da tarde, as árvores contribuem com a sombra e atribuem uma determinada estética ao espaço. Porém, à noite o entorno da pista de skate fica escuro, gerando uma certa sensação de aversão àquele espaço específico.

No que concerne às atividades realizadas na pista de skate, além da doação de skates e demais materiais, a

²⁵ <https://campossalesesporte.blogspot.com/2011/12/1-copa-de-skate-municipal.html>

prefeitura de Campos Sales, no ano de 2011, fez o primeiro campeonato de skate de Campos Sales. Esse evento aumentou o fluxo de pessoas frequentando a pista de skate, fazendo com que esse espaço se configure como um campo de sociabilidade que engloba diversas dinâmicas que consideram desde o skate como prática de lazer à busca por relações afetivas entre as juventudes.

Dessa forma, o espaço não se configura apenas como um território ligado à prática do skate, mas a processos de lazer que envolvem a sociabilidade dos indivíduos. Segundo Elias e Dunning (2019), o lazer possui uma função de libertação das tensões, gerando uma excitação que condiciona processos de satisfação e divertimento. Com reforço, Elias (2022, p. 47) apresenta que as atividades de lazer possuem “um significado e uma importância específicos que constituem um enclave da liberdade relativamente grande em que as pessoas, dentro de certos limites, podem escolher o que fazer de acordo com suas preferências e necessidades pessoais”.

Nesse sentido, a pista de skate se configura como uma mancha de lazer, que se configura como um ponto de referência para diversos grupos e indivíduos com distintos objetivos e percepções (Magnani 2002). Desse modo, a mancha de lazer “acolhe um número maior e mais diversificado de usuários e oferece a eles possibilidades de encontro. Em vez da certeza, acena com o imprevisto, pois não se sabe ao certo o que ou quem vai se encontrar” (Magnani, 2023 *et al.*, p. 58). Dessa forma, o usufruto do território “prioriza sua dimensão simbólica e mais subjetiva” em que “o território é visto

fundamentalmente como produto da apropriação feita através do imaginário e/ou da identidade social sobre o espaço” (Haesbaert, 1997, p. 39). A imagem dois apresenta o cartaz do primeiro campeonato de skate de Campos Sales, realizado no ano de 2011.

Imagem 2 - campeonato de skate



Fonte: blog da prefeitura municipal (2011).²⁶

Embora o skate tenha uma tendência à marginalização, devido essa prática ser sedimentada por uma cultura juvenil que representa um caráter identitário subversivo, reforçado por tipificações corporais que consideram as vestimentas e tatuagens, Velozo e Daólio (2013) e devido às articulações entre a prática do skate e movimentos que buscam contrapor as padronizações sociais vigentes (Brandão, 2010), esse evento foi um elemento fundamental para o desenvolvimento do skate na

²⁶ <https://campossalesesporte.blogspot.com/2011/12/1-copa-de-skate-municipal.html>

cidade. No período de realização do evento na cidade de Campos Sales, também houve uma maior popularização da prática no Brasil, “principalmente a partir de 2009, que esse crescimento se acentuou. Entre 2009 e 2015, o número de skatistas no Brasil mais que dobrou”, passando de 3.800.000 para 8.500.00 praticantes nesse período (Lima 2020, p. 268).

A ampliação da visibilidade do skate também teve um impacto nas políticas públicas desenvolvidas no estado do Ceará, pois além da pista de skate construída em Campos Sales, outros municípios do estado do Ceará também foram contemplados com pistas de skate, totalizando a construção de 21 pistas de skate entre 2009 e 2010 no estado do Ceará. Esse movimento teve como objetivo “proporcionar o desenvolvimento do esporte e o consequente surgimento de novos talentos cearenses, fortalecendo a inclusão social e o exercício da cidadania” (Ceará, 2009).

Nesse sentido, o desenvolvimento de políticas públicas que evidenciam o skate enquanto prática corporal também impactam positivamente na apropriação do espaço destinado à prática do skate. Com a realização do evento, houve uma participação muito grande da população local, que assistiu atentamente as atividades desenvolvidas no evento. A imagem três apresenta pessoas prestigiando o evento.

Imagem 3 - público presente



Fonte: blog da prefeitura municipal (2011).²⁷

O evento aconteceu em dezembro de 2011 e contou com a participação de cerca de 10 skatistas do município de Campos Sales e atletas de cidades circunvizinhas. Minha participação foi na categoria iniciante, em que fiquei em terceiro lugar na competição. Os primeiros lugares foram ocupados por atletas de outras cidades aos quais a prática do skate já estava mais consolidada, como por exemplo, as cidades de Crato/CE, Juazeiro do Norte/CE e Iguatu/CE que possuíam pistas de skate e maiores investimentos a mais tempo que a cidade de Campos Sales/CE. A imagem quatro apresenta a premiação dos atletas locais.

²⁷ <https://campossalesesporte.blogspot.com/2011/12/1-copa-de-skate-municipal.html>

Imagem 4 - premiação dos atletas locais.



Fonte: blog da prefeitura municipal²⁸ (2011).²⁹

Todavia, mesmo com as adversidades relacionadas à estrutura da prática do skate em Campos Sales/CE, o evento trouxe impactos positivos, como o aumento do número de skatistas e o aumento do número de pessoas visitando o espaço. Outro aspecto relevante foi o desenvolvimento de relações sociais com skatistas de outras cidades e de outras realidades sociais, o que permitiu a criação de vínculos com essas pessoas. Nesta seara, Machado (2012) aponta que nos eventos de skate, as pessoas criam mecanismos de sociabilidade que desencadeiam arranjos sociais que criam

²⁸ Sou o de camisa branca, na primeira foto.

²⁹ <https://campossalesesporte.blogspot.com/2011/12/1-copa-de-skate-municipal.html>

uma coesão entre os praticantes, formando uma identidade demarcada por um estilo de vida “livre”.

O estreito processo de comunicação e interação social entre os skatistas de Campos Sales/CE e os skatistas das demais cidades foi consubstanciado pela inserção dos skatistas locais nos demais territórios. Destaca-se que esses praticantes viajavam para outras cidades para fazer os “rolês”. Esse processo fez com que acontecesse um acúmulo de experiências sociais e o desenvolvimento de habilidades que serviram como forças motrizes para o aumento da qualidade das manobras realizadas, fazendo com que os participantes pudessem vislumbrar a participação em eventos em outros municípios.

O SKATE ENTRE OS EMBATES E OS DEBATES

A pista de skate, por ser um novo espaço de lazer no município de Campos Sales/CE, gerou um processo de curiosidade na população local, fazendo com que várias pessoas, de distintas idades, pudessem visitar o território. Nessas visitas, algumas pessoas se identificavam com o local e buscavam usufruir do espaço enquanto praticantes, e outras pessoas apenas olhavam o desenvolvimento das dinâmicas sociais vinculadas ao território. No que concerne aos grupos para a apropriação do espaço de lazer, eles possuíam uma heterogeneidade que fazia com que o espaço se tornasse um alvo de disputas.

Essa pluralidade de apropriações do território enquanto recurso para o lazer se configura, segundo Magnani (2002, p.

23), como um circuito de lazer, que considera a realização “de uma prática ou a oferta de determinado serviço por meio de estabelecimentos, equipamentos e espaços que não mantêm entre si uma relação de contiguidade espacial, sendo reconhecido em seu conjunto pelos usuários habituais”. Por conseguinte, a caracterização do circuito está envolta pelo uso e pela apropriação dos espaços e equipamentos a partir da sociabilidade entre os indivíduos, acontecendo de forma independente em relação ao espaço, sem se prender à contiguidade (Magnani, 2002).

Nesse sentido, grupos e indivíduos possuem percepções particulares que imprimem no distinto usufruto das territorialidades, fazendo emergir processos plurais que consideram microterritórios e microterritorialidades que “coexistem cada qual em sua particularidade, tendo a prática do lazer como elo” (Lima, 2018, p. 129). No que concerne aos microterritórios, Lima (2020, p. 266) aponta que se tratam de “territórios estabelecidos a partir de intencionalidades compartilhadas pelos sujeitos que os compõem”. Microterritorialidades, segundo Turra Neto (2013, p. 8), se configuram como as “estratégias de uso, apropriação e defesa de pequenas porções do espaço urbano por parte de grupos sociais”.

Dessa forma, no espaço analisado havia três grupos específicos: (i) os skatistas, (ii) as pessoas que andavam de bicicleta e (iii) as crianças com seus responsáveis. Os skatistas eram um grupo de pessoas que se socializam a partir da prática do skate. Os rolês sempre se iniciavam a partir das 17

horas e aconteciam até as 22 horas. O grupo possuía uma caixa de som que sempre era ligada durante os rolês. A música variava entre rock e *Hip Hop*, atividades que possuem estreita relação social com o skate (Haesbaert, 2004). O segundo grupo (pessoas que andam de bicicleta) é composto por cerca de 10 pessoas, todos adolescentes homens. Eles usufruem do espaço. Sobem e descem as rampas e sempre freiam de maneira brusca, fazendo com que os pneus das bicicletas deixem marcas no piso da pista de skate. O terceiro grupo é composto por crianças que sempre estão acompanhadas dos responsáveis. Elas brincam nas rampas e nos corrimões.

A partir do exposto, pode-se perceber que a diversidade de indivíduos que se socializam no referido espaço são impactados por distintas intencionalidades e percepções, evidenciando a “relação entre microterritórios e microterritorialidades e a escala espaço-temporal, pois um mesmo espaço pode ser territorializado, desterritorializado e reterritorializado, de acordo com a função à qual se destina, em um momento cronológico específico” (Lima, 2020, p. 267).

As distintas intencionalidades apresentadas pelos indivíduos geram tensões específicas. Os skatistas entendiam que as marcas deixadas pelos pneus das bicicletas atrapalham o desenvolvimento das manobras, uma vez que as rodas do skate “grudavam” nas marcas de borracha deixadas pelas bicicletas. Esse fato fazia com que os grupos disputassem o espaço. Todavia, recorrendo ao vigia da pista, os skatistas alegaram que a pista era especificamente para a prática do skate. Essa percepção também foi acatada pelo vigia, que

passou a não permitir que as pessoas pudessem andar de bicicleta na pista.

Nesse sentido, os skatistas desenvolveram um “poder simbólico” materializado pela salvaguarda do vigia, pela ocupação periódica do espaço e pela “valorização simbólica e subjetiva do território. Dessa forma, o chamado poder simbólico possibilita a emergência de identidades territoriais” (Lima, 2018, p. 134). Nesse sentido, “compreende-se que a territorialidade comumente se caracteriza por uma relação com valores simbólicos, bem como culturais”, que transparecem “nas relações que os sujeitos desenvolvem no território” (Lima, 2018, p. 135).

Todavia, em uma contrarresposta a hegemonia dos skatistas na pista, o grupo de pessoas que anda de bicicleta passou a utilizar o espaço em um horário que o vigia não estava, e ao final de suas atividades de lazer, jogavam pedras na pista, dificultando o desenvolvimento do rolê, por parte dos skatistas, que tinham que realizar um trabalho minucioso ao retirar as pedras da pista. Esse movimento pode ser compreendido como um recurso em que se utilizou a violência e a desordem como mecanismos para “equilibrar” a balança de poder (Elias; Scotson, 2000). Dessa forma, o que era um campo específico para o lazer, se tornou um campo de disputas impactado pela desordem que acaba deteriorando o espaço. Alguns membros desse grupo, como andavam apenas no período da manhã ou da tarde, começaram a quebrar as luzes da pista, acarretando prejuízos à apropriação do espaço de lazer por parte dos skatistas.

Outro tensionamento no processo de usufruto do espaço se deu entre os skatistas, as crianças e seus responsáveis. As crianças escorregavam nas rampas e penduravam-se nos corrimões, dificultando as manobras dos skatistas e fazendo com que tivessem que redobrar sua atenção para quando caírem, evitarem que o skate acerte e machuque as crianças. Ancoradas pela tutela dos responsáveis, as crianças detinham certo poder sobre o vigia, que permitia com que as crianças pudessem se apropriar dos espaços. Como os skatistas eram todos adolescentes, não confrontavam os adultos.

Os tensionamentos aludidos acima fizeram com que os skatistas, em alguns momentos, pudessem realizar a prática do skate em outros espaços. O primeiro espaço utilizado foi a praça do centro da cidade, conhecida como praça do Ó. Esse território é o principal ponto de encontro das juventudes. Nesse espaço acontecem todas as atividades do município, como festas, exposições e demais apresentações. Outro espaço utilizado pelos skatistas é a rodoviária. Porém, ela possui dois guardas que impedem com que o rolê aconteça nesse espaço, e quando os skatistas realizam suas manobras, eles chamam a polícia. Desse modo, os skatistas passam a se instalar, com maior frequência, na praça do Ó.

Nesse sentido, os skatistas não buscam o confronto, mas “negociam” o território a partir de afastamentos momentâneos, com o objetivo de superar os entraves locais. Esse processo pode ser definido, segundo Haesbaert (2003), como desterritorialização, podendo ser compreendida “como uma

espécie de desmaterialização das relações sociais” (Haesbaert, 2003, p. 7).

Alinhado às disputas de poder entre os grupos, estava a diminuição da assistência do governo municipal ao território que compõe a pista de skate. As luzes quebradas não eram repostas, o mato que se instalava ao redor da pista não era capinado e os pequenos buracos na pista de skate, provenientes das chuvas e do desgaste do piso, não eram tampados. A grande arborização do território deixava o entorno da pista de skate escuro, e a baixa luz na pista de skate deu uma sombria conotação de abandono do espaço. Com reforço, destaca-se que o fato de o local ser isolado e escuro, favoreceu a imersão de pessoas que consumiam bebidas alcoólicas, contribuindo para o afastamento total das pessoas que se apropriavam do território a partir da sociabilidade pautada no lazer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo refletir sobre as disputas, tensionamentos e apropriações ligadas à prática do skate no município de Campos Sales/CE. Por meio de uma reflexão autoetnográfica, pôde-se descrever e refletir sobre a introspecção emocional e intelectual dos indivíduos ligados ao campo de análise. Desse modo, a partir de uma autorreflexão, foi possível analisar a própria experiência do pesquisador em intersecção com as dinâmicas socioculturais provenientes do campo de investigação.

Pode-se destacar que a prática de skate no território investigado possuiu uma estruturação inicial, mas que com o passar do tempo, desenvolveu-se tensões específicas que consideraram dois elementos: (i) as disputas entre os próprios grupos sociais que se apropriavam do território, em que a degradação do espaço causou um esvaziamento inicial da pista de skate e (ii) as políticas públicas para o lazer foram se limitando ao ponto de serem totalmente inexistentes, em que os problemas estruturais do território não eram sanados. Esses dois processos contribuíram para o esvaziamento da pista de skate, diminuindo uma possibilidade de um espaço de sociabilidade juvenil e de identidade cultural.

Destarte, compreende-se que as políticas públicas são recursos basilares para a estruturação e reestruturação dos territórios de lazer. Todavia, a dimensão jurídico-política do território controla e delimita o exercício de poder sobre as juventudes, limitando seu potencial de usufruto dos espaços de lazer. Dessa forma, faz-se necessário que os processos políticos que envolvem a construção dos territórios possam acontecer em consonância com os agentes sociais a partir de uma descentralidade do poder.

REFERÊNCIAS

ADAMS, Tony; JONES, Stacy Holman; ELLIS, Carolyn. *Autoethnography Understanding Qualitative Research*. New York, NY: Oxford University Press. 2015.

BERGER, L.; ELLIS, Carolyn. Composing autoethnographic stories. In: ANGROSINO, Michael. *Doing cultural anthropology*. Prospect Heights, IL: Waveland Press, 2002. p. 151-166.

BRANDÃO, Leonardo. Esportes de ação: notas para uma pesquisa acadêmica. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 32, p. 59-73, 2010.

CEARÁ, Inauguração de pista de skate em Campos Sales. Fortaleza, 2009. Disponível em: <https://www.esporte.ce.gov.br/2009/05/04/inauguracao-de-pista-de-skate-em-campos-sales/> Acesso em: 10 ago. 2024.

CHANG, Heewon. *Autoethnography as method. (Developing qualitative inquiry)*. Utah/USA: University of Utah/Left Coast Press, 2008.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, L. John. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

ELIAS, Norbert. *Processos de excitação: trabalhos não publicados de Norbert Elias sobre esporte, lazer, corpo e cultura*. Ponta Grossa: ED. UEPG, 2022.

ELIAS, Norbert; Dunning, Eric. *A busca da excitação: desporto e lazer no processo civilizacional*. Coimbra: Edições 70. (2019)

ELLIS, Carolyn. *The ethnographic I: a methodological novel about autoethnography*. New York/ Oxford: Altamira Press, 2004.

FELICIANO, Luiz Antonio. *Picos, gaps e manobras: etnografia de um grupo de jovens skatistas em São José dos Campos (SP)*. 2017. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 2017. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/989494> Acesso em: 10 ago. 2024.

FREITAS, Heloisa Heringer *et al.* A. Skate Sociabilidade e Consumos no Lazer: A Percepção do Lícito e Ilícito. *LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer*, v. 19, n. 1, p. 85–107, 2016. DOI: 10.35699/1981-3171.2016.1196.

HAESBAERT, Rogério. Da desterritorialização à multiterritorialidade. *Boletim Gaúcho de Geografia*, v. 29, n. 1, 2003.

HAESBERT, Rogério. O mito da desterritorialização: Do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HAESBERT, Rogério. Des-territorialização e Identidade: a rede “gaúcha” no Nordeste. Niterói: EdUFF, 1997.

LIMA, Matheus Guimarães. Território, identidade e sociabilidade: skate e hip-hop em três lagoas/ms. *Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros, Seção Três Lagoas*, p. 260-289, 2020.

LIMA, Matheus Guimarães. Espaços de lazer e territórios juvenis em Três Lagoas/MS. 2018. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, Três Lagoas, 2018

MACHADO, Giancarlo Marques Carraro. De skate pela cidade: quando o importante é (não) competir. *Cadernos de Campo (São Paulo-1991)*, v. 21, n. 21, p. 171-188, 2012.

MACHADO, Giancarlo Marques Carraro. Os enquadramentos da cidadania: sobre os impactos da prática do skate de rua na cidade de São Paulo. *Revista de Antropologia*, v. 64, n. 3, p. e189652, 2021.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista brasileira de ciências sociais*, v. 17, p. 11-29, 2002.

MAGNANI, José Guilherme Cantor *et al.* Etnografias urbanas: quando o campo é a cidade. Petrópolis, Rio de Janeiro, 2023.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Lazer de perto e de dentro: uma abordagem antropológica. Curso de Extensão "Juventudes, Territórios e Lazer". GEPJUVE/GESOE/UFRGS. 26 mar. 2024. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=p-riQft_ZuI&t=630s Acesso em: 09 abr. 2024.

PEREIRA, Cláudia. O Ethos do Street Skate num Brasil Dividido: Representações midiáticas da cultura do for fun. Revista Eco-Pós, v. 26, n. 3, p. 90-116, 2023.

SAQUET, Marcos Aurélio. Por uma abordagem territorial. In: SAQUET, Marcos Aurélio.; SPOSITO, Eliseu Savério. (orgs.). Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos. São Paulo: Expressão Popular, 2009, p. 73-94.

SANTOS, Silvio Matheus Alves. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. Plural: Revista de Ciências Sociais, v. 24, n. 1, p. 214-241, 2017. <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcsso.2017.113972>

TURRA NETO, Nécio. Múltiplas trajetórias juvenis em Guarapuava: territórios e redes de sociabilidade. 2008. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista – UNESP, Presidente Prudente, 2008.

VELOZO, Emerson Luís; DAOLIO, Jocimar. O skate como prática corporal e as relações de identidade na cultura juvenil. Revista Iberoamericana de Educación, v. 62, p. 217-231, 2013.

TODO DIA SKATE PLAZA: UM ENSAIO SOBRE A OCUPAÇÃO DE TERRITÓRIO POR SKATISTAS EM VIAMÃO, RS

Nicole Nunes Cardoso e Júlia Miglioretto

INTRODUÇÃO

Um corpo **não é apenas um corpo**. É também **o seu entorno**. Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os **sentidos** que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele se exibem, a educação de seus gestos... enfim, é um sem limite de possibilidades sempre reinventadas e a serem descobertas. Não são, portanto, as semelhanças biológicas que o definem mas, fundamentalmente, **os significados culturais e sociais** que a ele atribuem. (Goellner, 2013, p. 31, grifo nosso)

A partir dessa concepção sobre corpo, neste capítulo, buscamos lançar um feixe de luz sobre os corpos skatistas. Motivadas pela disciplina “Juventudes, Lazer e Território: marcas urbanas do lazer de jovens contemporâneos”, construída a partir de uma parceria entre o Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano e Programa de Pós-Graduação em Geografia, realizamos um trabalho de campo na pista de skate “Todo dia Skate Plaza”, localizada na cidade de Viamão, Rio Grande do Sul.

Para isso, utilizamos conceitos reconhecidos durante nossa trajetória de formação de Mestrado, do campo de estudos socioculturais e da disciplina cursada, como o

conceito de corpo, definido acima, e o de práticas corporais, compreendido a partir de Lazzarotti Filho e colaboradores (2010) como manifestações culturais que enfocam a dimensão corporal e demonstram preocupação com os significados/sentidos atribuídos por parte dos sujeitos que as praticam, com finalidade de promoção da saúde, educação para sensibilidade, para estética, para desenvolvimento do lazer e para o cuidado com o corpo.

Além disso, as noções de juventude parecem importantes, aqui discutidas a partir do entendimento proposto por José Machado Pais (1993), caracterizada como uma fase de transição e de construção de identidade, que não se limita a um recorte etário e são compreendidas como construções sociais e culturais. O autor propõe uma abordagem que reconhece a pluralidade de juventude, utilizando termos como “jovens” ou “juventudes” para refletir a diversidade de identidades, que são moldadas por uma série de fatores, como classe social, gênero, etnia e contexto geográfico, que resultam em uma multiplicidade de culturas juvenis. Ainda, Pais (1993) destaca o papel das juventudes como agentes de resistência e transformação social e argumenta que as culturas juvenis oferecem espaços para a expressão identitária e a contestação de normas hegemônicas. Embora essas culturas estejam inseridas em processos globais, mantêm características locais que refletem os contextos específicos em que se desenvolvem. Assim, as juventudes atuam como uma força potencial de mudança social, com práticas culturais que podem servir como resistência política. O desenvolvimento deste conceito, desafia

visões reducionistas e oferece uma perspectiva que reconhece a juventude como dinâmica, heterogênea e influenciada por realidades socioculturais contemporâneas.

Outro conceito pertinente identificado é o de território que, de acordo com Haesbaert (2011), é multidimensional e dinâmico, como uma categoria complexa que incorpora dimensões políticas, econômicas, culturais e simbólicas. Ele enfatiza que território não é apenas um espaço físico, mas um espaço vivido e percebido pelas pessoas que nele habitam. Ao introduzir o conceito de multiterritorialidade, Haesbaert (2011) expande a compreensão de território, revelando-o como um fenômeno que transcende suas limitações físicas e geográficas. Nesse sentido, o território é entendido como um espaço em constante processo de disputa, negociação e construção identitária, que se manifesta em múltiplas formas e escalas, sejam elas locais, regionais ou globais. Essa perspectiva desafia a noção convencional de território e enfatiza a importância de considerar as múltiplas territorialidades que coexistem na vida cotidiana, refletindo a fluidez e a complexidade das relações contemporâneas de poder e identidade

Por fim, o conceito de lazer, compreendido a partir de Elias (2019), tem a função de liberação das emoções e pulsões armazenadas na rotina em espaços catárticos³⁰, por meio de atividades miméticas, ou seja, que simulam situações reais, mas sem proporcionar perigos ou culpa que levam a uma

³⁰ Surgem em oposição aos processos de controle em que os indivíduos estão expostos na rotina, como espaços socialmente aceitáveis de liberação de tensões.

agradável tensão-excitação, capaz de produzir um “descontrole de emoções agradável e controlado” (Elias, 2019, p. 125). Sendo assim, as práticas de lazer favorecem a liberação das emoções que são restritas rotineiramente e podem diminuir as tensões resultantes do aumento civilizatório das autocontenções da vida em sociedade (Elias, 1993).

A partir dessas compreensões e considerando as dinâmicas associadas ao campo de pesquisa – ou seja, à pista de skate – elaboramos as seguintes perguntas: Quem são os sujeitos que frequentam a pista? Como as/os praticantes utilizam aquele território? Quais os sentidos e significados atribuídos à prática de skate? Como esse território é ocupado? A partir disso, o objetivo deste trabalho é refletir sobre as noções de território, cultura juvenil e práticas corporais a partir da análise da pista “Todo dia Skate Plaza”. A partir dessa reflexão, pretendemos explorar como as dinâmicas de ocupação e prática na pista ilustram conceitos de territorialidade e identidade, bem como compreender os significados associados ao skate, destacando a forma como a pista atua como um espaço de expressão, resistência e construção identitária.

DISCUSSÃO TEÓRICA

Para a realização da discussão teórica deste estudo, buscamos trazer outras pesquisas que tratam das três temáticas: juventudes, territórios e lazer voltados para a prática do skate. Assim, verificamos uma série de produções acadêmicas que empregam diferentes metodologias como

forma de entender esses grupos e se aliam a discussões com a noção de território, cidade ou urbano.

A literatura em torno de skate e suas subculturas revela a diversidade e complexidade das práticas e identidades dos skatistas, destacando a riqueza de experiências e significados que permeiam essa cultura. A pesquisa acadêmica sobre o tema aponta para uma divisão entre diferentes estilos e modalidades de skate, como o *skate street* e o *skate park*, que refletem não apenas preferências técnicas, mas também identidades e valores distintos dentro da comunidade skatista. Além disso, esses estudos exploram a cultura urbana e as práticas de lazer associadas ao skate, evidenciando as particularidades e tensões que caracterizam as interações entre seus praticantes.

No contexto brasileiro, a cidade de Porto Alegre, RS tem se destacado como um importante centro de pesquisa sobre a cultura do skate, principalmente por conta da construção recente da pista de Skate da Orla do Guaíba, considerada a maior da América Latina, como é o caso do projeto que vem sendo desenvolvido pelos professores Victor Nedel Oliveira e Daniel Giordani Vasques, organizadores deste livro. Além disso, outro espaço de frequente investigação na capital gaúcha é a “Pista do IAPI”. O autor Bastos (2006), por exemplo, investigou o universo do skate profissional, neste que era um dos poucos espaços na cidade para os skatistas na época. Sua pesquisa trouxe à tona as dinâmicas internas desse ambiente e as trajetórias dos skatistas que buscam o reconhecimento

profissional em um esporte que, naquele período, ainda lutava por maior legitimidade no cenário esportivo nacional.

Na sequência, outros estudos também dissertaram sobre a juventude skatista em Porto Alegre, como Rampazzo e Stigger (2016) e Gomez, Abalos Junior e Rocha (2017), ambos trabalhos com objetivo de compreender como as práticas de lazer desses jovens se relacionam com outros aspectos do seu cotidiano, como grupos de batalhas de *rap* e *hip hop*. Outro aspecto relevante da literatura sobre o skate nesta cidade, é a participação das mulheres na prática. O estudo de Figueira (2008) se debruçou em analisar como as skatistas mulheres se posicionam como sujeitos ativos em um campo tradicionalmente dominado por homens, desafiando normas de gênero e construindo espaços de resistência dentro da cultura skatista.

A pesquisa desenvolvida por Gomes (2014), teve o objetivo de investigar as formas de uso e apropriação pelos skatistas do Parque da Juventude localizado no centro da cidade de São Bernardo do Campo, SP e a autora observou que as mulheres utilizavam o espaço como forma de representatividade e luta pelo reconhecimento de seu espaço dentro dos skatistas. Além disso, Noda e Pimentel (2015) ampliaram o campo de investigação ao explorar as motivações e os sentimentos de pertencimento dos skatistas em várias cidades brasileiras, incluindo Porto Alegre, RS, Maringá, PR, e São Bernardo do Campo, SP. Eles também abordaram os preconceitos enfrentados por esses grupos, destacando as barreiras sociais

e culturais que afetam a prática do skate e a construção de identidades entre seus praticantes.

Além disso, o estudo de Velozo e Daolio (2013) observou que grupos de skatistas produzem diferentes significados em relação à prática, inclusive, enquanto alguns praticantes identificam skate como esporte, outros não assumem essa posição e reproduzem preconceitos. Outros estudos também incidiram um feixe de luz sobre os significados e a formação de identidades dos praticantes, como Aragão (2013), Melo (2018) e Lima (2020).

Ao discutir a relação entre o skate e os espaços urbanos, Böes (2017) analisa como a prática do skate desafia as convenções de uso do espaço público e como os skatistas negociam e reconfiguram esses espaços, inserindo-se na paisagem urbana de maneira criativa e muitas vezes contestadora. Essa discussão amplia a compreensão sobre o papel do skate na construção das cidades e na redefinição dos espaços urbanos. Assim como outros estudos, Prestes (2013) apresenta os sujeitos, lugares e situações com o intuito de compreender os diferentes sentidos atribuídos à prática e observou que o skatista é visto como uma figura de transgressão e violência e por isso é expulso dos locais públicos pela vontade da população. Já no estudo de Feliciano (2020), o objetivo é apresentar as ressignificações da juventude skatista e do espaço urbano ocupado pelos praticantes. O autor observou que a construção das pistas de skates contribuiu para a formação e aperfeiçoamento dos skatistas

que utilizam esses espaços de forma laboratorial que organiza as “andanças pela cidade”.

Por último, Simão (2021) busca analisar a potencialidade da prática do skate de rua para ressignificação do espaço público em praças, quadras poliesportivas e demais espaços abandonados e ociosos e observou que os praticantes buscam um lugar perfeito para ocupar seus corpos e construir “picos” por meio da autoconstrução, dos sujeitos que “se transforma de um skatista para o skatepedreiro” (p. 320), em que todos colocam a mão na massa para construir seus próprios obstáculos e seus espaços democráticos. De maneira semelhante, a pista escolhida para esse ensaio “Todo dia Skate Plaza”, foi construída pelos praticantes, através da ocupação do espaço, já que não há outra pista de skate pública no bairro. Por isso, no tópico a seguir, descrevemos as visitas realizadas no campo de pesquisa e as percepções e sensibilidades despertadas.

CAMPO

Havíamos escolhido uma pista de skate pública de Viamão, indicada pelos professores. Entretanto, a Nicole comentou, após falar com um amigo skatista da cidade, que há burocracias para acesso àquela pista, como realizar uma reserva, o que acaba desmotivando a população de frequentá-la. Nessa mesma conversa da Nicole com seu amigo, descobrimos outras duas pistas de skate, uma que havia sido construída pelos próprios skatistas e outra que parece se localizar no pátio de uma casa - aparentemente era uma piscina e tornou-se uma pista de skate. A estrutura dessa pista-piscina, é muito bem conservada, mas, para utilizá-la precisa pagar. Portanto, escolhemos a pista construída pelos próprios skatistas. Nosso primeiro contato foi através do Instagram @tododiaskateplaza, onde os usuários da pista postam os momentos de uso e o processo de construção dela. (Diário de campo- Júlia, 14 ago. 2024).

Ao perceber as barreiras de acesso tanto à pista pública da cidade, quanto à pista “Casa Mágica” (pista do quintal da casa a qual era necessário realizar pagamento para entrada), questionamos: Quais limitações/dificuldades/restrições os skatistas da cidade de Viamão enfrentam para acessarem um espaço para a prática de skate? Como eles significam isso? Os obstáculos de acesso também foram considerados na escolha da pista, mas o que determinou a escolha foi o acesso ao perfil do Instagram (@tododiaskateplaza³¹) e as curiosidades despertadas, especialmente no que diz respeito à construção feita pelos próprios praticantes, despertando as seguintes perguntas: O que motivou os sujeitos a construíram essa pista? Como construíram? De que formas ocuparam esse

³¹ <https://www.instagram.com/tododiaskateplaza/>

espaço? A partir disso, realizamos duas idas a campo, uma de reconhecimento e outra de imersão, na qual realizamos uma videochamada, por conta da distância das pesquisadoras e, ao final, cada uma realizou um diário de campo.

A visita provocou alguns estranhamentos, como descritos no fragmento a seguir:

Para encontrar o local não foi fácil, eu só sabia o bairro de início, e no perfil do *Instagram* não tinha nenhum endereço. Precisei pedir a localização de um dos praticantes para encontrar. Chegando ao local me surpreendo, porque pareceu abandonado, localizado bem na avenida principal do bairro, então é um local bem movimentado, mas ao mesmo tempo, “largado”. Os praticantes se apropriam de um local que antigamente se encontrava um supermercado, que foi derrubado, ficando apenas o chão deste mercado. Ainda, o espaço é todo cercado por grades de cimento, não possui nenhuma “entrada original”, a possível entrada do local percebe-se que foi feita também pelos skatistas. (Diário de campo- Nicole, 14 ago. 2024).

A conservação do espaço físico e a localização da pista, causaram estranhamentos. Apesar de ser num espaço movimentado do bairro, a entrada é quase imperceptível, já que foi improvisada, seus limites são cercados por grades de cimento, como é possível verificar nas figuras 1 e 2.

Figura 1. Entrada da pista.



Fonte: As autoras (2024).

Figura 2. Grades do local.



Fonte: As autoras (2024).

Além disso, outros aspectos causaram inquietações, como a falta de limpeza e a presença de uma moradia, descritos no diário de campo e visualizados nas figuras 3 e 4:

As primeiras impressões que tive sobre o espaço foi sobre a falta de limpeza: tinha lixo por toda parte, garrafas, sacos plásticos, copos, roupas sujas e até um tênis. Ainda, o que mais me chamou atenção foi a presença de uma cabana, construída ao fundo da pista e servia como moradia, bem provavelmente para o senhor que estava sentado ao lado dessa construção. Depois começo a analisar o local de dentro, percebo que realmente não havia nenhuma outra entrada, o local era cercado pelas grades e por muros no fundo. Muros estes que estavam todos pichados, afinal, será que foi pelos skatistas? (Diário de campo- Nicole, 14 ago. 2024).

Figura 3. Cabana.



Fonte: As autoras (2024).

Figura 4. Sujeira.



Fonte: As autoras (2024).

Outro aspecto que chamou atenção das pesquisadoras, foi o improviso na construção dos obstáculos e a provável sensação de risco procurada pelos praticantes, como é possível verificar nas figuras 5, 6, 7 e 8 (fonte: as autoras):

Apesar de não encontrarmos ninguém utilizando a pista, por meio de videochamada consegui conhecer o local e todos os obstáculos construídos, de forma muito improvisada, haviam marcas de construção e 'falta de acabamento'. Além de construções, feitas evidentemente com cimento, vimos tocos de árvores, obstáculos de madeiras, ferros. Nos pareceu, inclusive, perigoso (apesar de saber que um dos 'prazeres' desta prática é a sensação de risco que oferece- uma busca por essa emoção que, dificilmente, é produzida no dia a dia, na rotina), o que nos suscitou ainda mais a vontade de visualizar pessoas utilizando aquele território. (Diário de campo- Júlia, 14 ago. 2024).

A busca por liberação das emoções, ou por emoções de risco (como neste caso) é uma característica da sociedade moderna, já que encontram nos jogos, esportes e atividades de lazer, um espaço catártico e propício para descarga emocional e liberação das tensões do cotidiano.

Figura 5. Troncos de árvore como obstáculos



Figura 6. Obstáculo construído com um banco



Figura 7. Rampa construída pelos skatistas



Figura 8. Obstáculo de ferro



Mesmo não sendo possível verificar o uso do espaço pelos praticantes, as pesquisadoras revelam algumas reflexões suscitadas por meio da visitação:

Essa ocupação/apropriação do espaço, que estava abandonado, me chamou atenção e me levou a refletir sobre as formas de resistência que essa prática corporal fornece. Apesar de não ter sido possível visualizar corpos se movimentando naquele espaço, a partir do entendimento de que corpo é cultura (Goellner, 2013) é possível refletir sobre como aquele contexto cultural motivou aqueles corpos a criarem/construírem um ambiente propício para o exercício desta prática. Além dos criadores, possivelmente há outras pessoas/jovens que passam por ali e podem visualizar que há uma pista de skate 'menos burocrática' de ser acessada, sem precisar pagar ou reservar e que fornece emoções iguais ou muito próximas das que procuram, além de construírem redes de sociabilidades com seus pares. (Diário de campo- Júlia, 14 ago. 2024).

A pista visitada se mostrou como um potente local para realizar mais imersões e investigações. Apesar das fragilidades deste estudo, refletimos e discutimos sobre corpo, práticas corporais, skate, lazer, território e juventudes, aspectos esses que contribuíram para nossa formação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo refletir sobre as noções de território, cultura juvenil e práticas corporais a partir da análise da pista “Todo dia Skate Plaza”. Apesar das perguntas iniciais de pesquisa não terem sido totalmente respondidas, já que envolviam a interação com participantes, conseguimos chegar a algumas compreensões e considerações.

A pista “Todo dia Skate Plaza” se mostrou como um território que desafia as hierarquias de poder e fornece um espaço para ocupação no bairro para os skatistas. Os praticantes resistem e se opõem a frequentar os ambientes “propícios” e destinados/construídos para a prática de skate, como é o caso da pista pública da cidade. Isso reforça o conceito de práticas corporais proposto por Lazzarotti Filho e colaboradores (2010), como uma forma de manifestação corporal que se preocupa com os significados/sentidos atribuídos por parte dos sujeitos e supera/refuta um discurso consolidado na área da Educação Física de que é “a prática pela prática”. Como apontado por Goellner (2013), o corpo é também o seu entorno, bem como as significações culturais e sociais atribuídas.

A partir da observação do local, percebemos que esse é um possível ambiente de encontro entre pares, de reforço de laços de amizade e resistência e também um espaço propício de busca por emoções associadas, especialmente, ao risco, como uma prática que fornece uma agradável tensão-excitação (Elias, 2019). Entretanto, apesar de afirmar isso, é importante pontuar que essa foi uma compreensão das pesquisadoras, já que não foi possível visualizar a utilização da pista.

Houveram limitações, por conta da baixa frequência ao campo de pesquisa. Entretanto, nos dias anteriores programados para a ida à campo, as condições climáticas não favoreceram. Ainda, ao pensar em um horário, esperávamos que ao final da tarde a pista teria maior quantidade de pessoas ocupando, por ser final de expediente de trabalho e escola. Entretanto, a visita nos revelou a falta de iluminação no local, o que provavelmente é um fator para a não utilização neste horário. A falta de interação com os ocupantes nos deixou ainda mais curiosas para compreender como significam aquele território e a prática do skate, por isso, tomamos a liberdade de sugerir um estudo futuro neste espaço, bem como em outras pistas construímos pelos próprios praticantes, o que exige uma imersão densa, para buscar compreender aquela cultura.

Para finalizar, consideramos que a disciplina “Juventudes, lazer e território: marcas urbanas do lazer de jovens contemporâneos” nos apresentou autores e conceitos importantes principalmente sobre, as temáticas de juventudes e território, facilitando assim a compreensão e reflexão sobre

as temáticas de lazer e skate, em que as pesquisadoras já têm maiores aproximações. Assim, após a visitação da pista foi realizado este ensaio, sintetizando os conceitos aprendidos em aula. Portanto, consideramos que a disciplina cumpriu um importante papel em nossa formação no Mestrado Acadêmico, nos aproximando de autores importantes acerca da temática que se propôs e convidado a refletir, de forma mais densa, sobre nossos aprendizados.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, Paula. Lazer sobre rodas no cartão postal: identidades e socialização no Skatepark de Aracaju/SE. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade de Santa Catarina, 2013.

BASTOS, Billy Graeff. Estilo de vida e trajetórias sociais de skatistas: da "vizinhança" ao "corre". Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2006. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000656881&loc=2008&l=d0290a6097b9c213> Acesso em: 23 ago. 2024.

BÖES, Guilherme Michelotto. Entre os espaços e a cidade: a insurgência do skate na experiência urbana contemporânea. Tese de Doutorado. Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 2017. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/7347> Acesso em: 24 ago. 2024.

ELIAS, Norbert. Introdução. In: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. A busca da excitação. Lisboa: Edições 70, 2019, p. 85-156.

ELIAS Norbert. O processo civilizador, volume 2: formação do estado e civilização. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

FELICIANO, Luiz Antônio. Resignificações da juventude skatista e do espaço urbano: Redefinitions of skateboarding youth and urban space. Revista Políticas Públicas & Cidades, v. 9, n. 3, 2020. Disponível em: <https://journalppc.com/RPPC/article/view/441> Acesso em: 24 ago. 2024.

FIGUEIRA, Márcia Luiza Machado. Skate para meninas: modos de se fazer ver em um esporte em construção. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2008. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/13203> Acesso em: 23 ago. 2024.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In.: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane.; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). Corpo, gênero e sexualidade, 9ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 31 a 42.

GOMES, Allana Joyce Soares. A apropriação do parque da juventude pelos skatistas. Dissertação de mestrado. Programa de Pós Graduação em Estudos do Lazer. Universidade Federal de Minas Gerais. 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUBD-A7EGDZ> Acesso em: 23 ago. 2024.

GÓMEZ, Guillermo Stefano Rosa; ABALOS JUNIOR, Jose Luis; ROCHA, Manoel Cláudio Mendes Gonçalves da. Juventude, imagem e cidade: experiências de pesquisa etnográfica com jovens urbanos em Porto Alegre. ILUMINURAS, Porto Alegre, v. 18, n. 44, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/75750>. Acesso em: 23 ago. 2024.

HAESBAERT, R. O Mito da Desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

LAZZAROTTI FILHO, Ari et al. O termo práticas corporais na literatura científica brasileira e suas repercussões no campo da Educação Física. Movimento, v.16, n.1, p.11-29, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.9000> Acesso em: 18 ago. 2024.

LIMA, Matheus Guimarães. Território, Identidade E Sociabilidade: Skate E Hip-Hop em Três Lagoas/Ms. Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros, Seção Três Lagoas, v. 1, n. 31, p. 260-289, 1 jun. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/RevAGB/article/view/9853> Acesso em: 23 ago. 2024.

MELO, Jimmy Iran dos Santos. Skate na veia: skatistas em Boa Vista representação e identidade (1989 a 2001). Dissertação (Mestrado em Sociedade e Fronteiras). Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras, Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2018.

NODA, Luana Mari; PIMENTEL, Giuliano Gomes de Assis. Caracterização da Prática Esportiva/Recreativa do Skate em São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul. Licere - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, v. 18, n. 4, p. 156-172, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/1160> Acesso em: 24 ago. 2024.

PAIS, José Machado. Culturas juvenis. 1. ed. Porto: Edições Asa, 1993.

PRESTES, João Flávio Marcelino. Construção de sentidos sobre rodas: a prática do street skate no espaço urbano recifense. 2013. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.

RAMPAZZO, Marcelo; STIGGER, Marco Paulo. Jovens praticantes de skate e seu cotidiano. Motrivivência, v. 28, n. 48, p. 207-221, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2016v28n48p207> Acesso em: 23 ago. 2024.

SIMÃO, Alvaro Edgard Pinho. Ocupação e Ressignificação do Espaço Público: Inclusão Do Skate No Jogo Das Cidades. Revista Internacional Da Academia Paulista De Direito, n. 7, 2021.

VELOZO, Emerson Luís; DAOLIO, Jocimar. O skate como prática corporal e as relações de identidade na cultura juvenil. Revista Iberoamericana de Educación, v. 62, p. 217-231, 2013. Disponível em:

<https://rieoei.org/historico/documentos/rie62a12.htm>

Acesso em: 23 ago. 2024.

VIVÊNCIAS ESPACIAIS COM JUVENTUDES RIO-GRANDINAS: AS EXPERIÊNCIAS NA PISTA DE SKATE DO BALNEÁRIO CASSINO

Fabricio Paula de Souza e Leonardo da Silva
Greque Junior

INTRODUÇÃO

Contemporaneamente, a Geografia tem se aberto para o estudo de distintas realidades socioculturais que por muito estiveram negligenciadas do debate acadêmico devido a contextualidades metodológicas do próprio campo. A temática das juventudes acompanha um esforço recente de compreender a constituição de identidades grupais e suas territorialidades, neste caso, a dos jovens, não só na Geografia, mas nas ciências humanas e sociais em geral (Abramo, 1997).

Para Oliveira e Lacerda (2024 p.10) a sociologia das juventudes direciona-se à compreensão das “múltiplas formas de ser e estar no mundo enquanto jovens, também desempenha um papel crucial na análise das relações entre as juventudes e a educação” de forma que “ser jovem” está para além da construção de culturas juvenis, mas sobretudo pela composição de um estágio transitório da vida humana em que se estruturam diferentes experiências sociais, culturais, econômicas e políticas que impactam no desenvolvimento da vida e da cidadania destes sujeitos.

Com base nestes pressupostos e curiosidades, este artigo resulta de uma atividade de pesquisa desenvolvida a partir do

acompanhamento de vivências espaciais de jovens que praticam skate no município de Rio Grande/RS. A proposta emerge das discussões realizadas na disciplina *Juventudes, lazer e território: marcas urbanas do lazer de jovens contemporâneos*, ofertada pelo programa de pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PosGea/UFRGS), em parceria com o Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH), que teve como objetivo apresentar os elementos centrais e os entrelaçamentos dos campos de pesquisa das juventudes e dos estudos do lazer, bem como suas interfaces com o conceito geográfico de território.

O objetivo deste artigo é compreender como se constituem as vivências espaciais das juventudes que frequentam a pista de skate do balneário Cassino, em Rio Grande/RS, analisando o compartilhamento destes espaços de sociabilidade e a importância do skate enquanto prática esportiva, de lazer e expressão corporal.

A pesquisa contou com uma experiência etnográfica de pesquisa, em que buscamos vivenciar o cotidiano das juventudes skatistas que frequentam a pista de skate do balneário Cassino, dividindo-se em dois momentos: um trabalho de campo de pesquisa de caráter mais exploratório, para contextualização e reconhecimento local, bem como, um segundo momento de maior imersão e diálogo com os jovens encontrados.

METODOLOGIA

Essa pesquisa se caracteriza por pesquisa participativa (Brandão, 2006) e de caráter qualitativo (Heidrich, 2016) por buscar compreender vivências espaciais das juventudes que frequentam a pista de skate do balneário Cassino, a partir dos aspectos culturais, sociais, econômicos e políticos que permeiam esse contexto.

Esse modo de pesquisar tornou-se contribuinte na medida em que as situações envolvidas não são alcançáveis sem a inserção na realidade estudada. Para dar visibilidade à diversidade juventudes presentes no contexto em questão, tal pesquisa pauta a obtenção de informações em diálogo com os jovens encontrados em campo, para a construção de uma pesquisa participativa, um “pesquisar com” os próprios sujeitos, com uma relação de horizontalidade entre pesquisadores e os participantes (Brandão, 2006), logo, uma prática etnográfica de construção e pesquisa.

Considerando a etnografia como princípio que liga as práticas de observação, trabalho de campo e pesquisa, e o estar em contato com o Outro, concordamos com Rocha e Eckert (2008, p. 4) ao colocarem que “Esta descoberta sobre o Outro, é uma relação dialética que implica em uma sistemática reciprocidade cognitiva entre o(a) pesquisador(a) e os sujeitos pesquisados.”

Assim, no contato em campo com os jovens praticantes de skate, a prática de pesquisa alcança dimensões mais próximas da espontaneidade, em que se soma a escuta enquanto um procedimento de compreensão mais ampla das relações e

significações que vão sendo tecidas durante a investigação. “A ação de entrevista [...] não é isolada. Faz parte de um 'estar em contato, em trabalho de campo', uma das atividades mais ricas da pesquisa com pessoas e grupos sociais e suas geografias” (Heidrich, 2016, p. 27), contando com registros escritos nos diários de campo durante as observações e registros fotográficos.

A PRÁTICA DE SKATE E O LAZER DOS JOVENS

Nas sociedades capitalistas, centradas no trabalho e nas relações de produção, o lazer emerge como uma prerrogativa necessária e relevante para uma vivência cidadã plena. Mas Magnani (2002) aponta que o lazer supera essa simples necessidade da reposição das energias após as jornadas de trabalho, para o autor são expressões dos modos de vida e da cultura das populações na busca por práticas de sociabilidade. Neste sentido, Magnani (2002) em suas teorias nos possibilita refletir sobre as formas de lazer urbana de jovens, em que estes sujeitos buscam por entretenimentos na cidade de forma plural e muito variada, distinguindo entre homens e mulheres, na vizinhança ou fora dela, de criança ou de adultos. O autor traz a noção de “pedaço” para as discussões do lazer, aproximando este conceito ao que na geografia chamamos de lugar, segundo o autor a porção de espaço em que eles ocupam e realizam suas práticas de lazer “torna-se ponto de referência para distinguir determinado grupo de frequentadores como pertencentes a uma rede de relações” (Magnani, 2002, p.21).

No entanto o acesso ao lazer não é uma prática democrática, nas palavras de Simão,

Ser jovem de origem popular nos grandes centros urbanos é uma vivência condicionada por um tecido urbano esgarçado e completamente desigual em termos de oportunidades e possibilidades. Morar em favelas, conjuntos habitacionais populares, loteamentos irregulares e outros espaços populares urbanos significa estar distante não simplesmente fisicamente, mas culturalmente das ofertas regulares de lazer e cultura. A distinção e a desigualdade territoriais operam na construção de um indivíduo que encontro obstáculos para se relacionar como conjunto de possibilidades que a cidade poderia lhe proporcionar (2015, p. 10).

Desta forma, pensar as práticas de lazer, nos levam a refletir as formas que determinados segmentos da sociedade se apropriam da cidade, ou não. Questionando o fato de que alguns corpos e comportamentos são aceitos em determinados espaço e outros não, mas mesmo os sujeitos que não são aceitos eles se espacializam nestes espaços que não foram pensados para eles, mas assim fazem tencionando as racionalidades dominantes que se materializam em formas de controle e coerção de suas práticas espaciais.

Assim, conforme Magnani (2002) o lazer retoma as práticas de sociabilidade, o processo de sociabilidade foi transformado a partir dos movimentos das sociedades modernas, em que foram redefinidos elementos que constituem a vida em sociedade como a privatização da vida social e da família. Assim, a socialização que anteriormente era feita no seio da coletividade, muitas vezes mediadas no exercício do trabalho junto dos adultos, hoje é intermediada pelas distintas instituições, assim a socialização primária restringe-se ao âmbito da família, enquanto que a segunda

socialização inicia-se no ingresso na educação formal e como aponta Sposito (1994) e termina na inserção do mundo do trabalho, mas outras instituições também surgem, “de algum modo, a rua se inscreve na sociabilidade urbana, em vários momentos da vida das cidades, mas ela se reveste de especificidades históricas que precisam ser consideradas e examinadas na interação com outras instituições socializadoras (Sposito, 1994, p.166)”

Neste contexto, emerge entre as juventudes a prática de esportes e de lazer, em especial, a prática de skate. Enquanto subcultura juvenil, a prática de skate está para além da atividade física, e se coloca como prática de lazer, de construção de identidades, subjetividades, resistências sociais, corporeidade e, principalmente, territorialidades.

Brandão (2012, p 17) explica:

Vistos como um misto de lazer e aventura numa época marcada por um maior controle social, tais atividades ofereciam aos seus praticantes uma alternativa para manifestar excitações em público – ainda que de maneira moderada – e um certo antídoto para as tensões resultantes do esforço contínuo de autocontrole e restrições sociais.

Relacionando a prática de skate com a sociologia do corpo de Le Breton (2007), resgata-se a dimensão da corporeidade, onde o corpo não se limita à sua dimensão biológica, mas representa também uma construção social e cultural, em que o esporte serve aos indivíduos uma maneira de experimentação, construção de identidades, expressão individual, ao mesmo tempo em que nos auxilia a pensar como

a sociedade impõe normas e expectativas sobre o corpo - e como os jovens tencionam isso.

Tais questões são observadas ao adentrar em territorialidades juvenis como as pistas de skate. A territorialidade, do ponto de vista geográfico, refere-se ao controle, apropriação e significado que grupos sociais atribuem a determinados espaços em determinado tempo, restabelecendo sobre estes, relações simbólicas e funcionais (Haesbaert, 2013). As pistas de skate, neste sentido, funcionam como lugares de uso para práticas esportivas, mas também simbólicas onde os jovens constroem e afirmam identidades, estabelecem hierarquias sociais e produzem usos do espaço urbano.

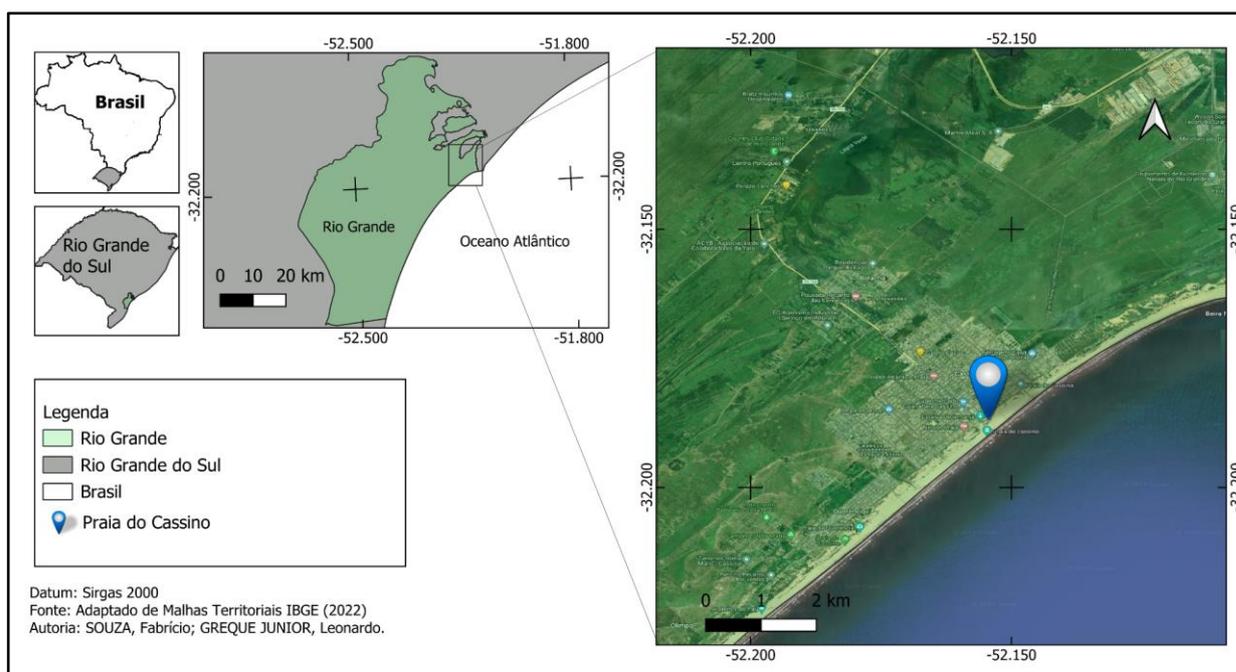
SKATEPARK DO CASSINO, EM RIO GRANDE/RS

Realizamos a primeira visita à pista de skate conhecida como Skatepark, localizada no balneário Cassino, município do Rio Grande. Cassino é um bairro afastado da sede municipal, caracterizando-se por sua balneabilidade e grande apelo ao lazer devido a presença da praia, de águas convidativas ao veraneio. De acordo com Enke (2013, p. 262)

O cotidiano no balneário fez brotar sentimentos, paixões, ideias dos indivíduos. A capacidade de se relacionar, vinha à tona neste ambiente ao ar livre, e sob vários aspectos, seus frequentadores encontraram na prática dos banhos de mar uma atividade social capaz de proporcionar uma rede de sociabilidade no entorno da praia, da Avenida, e dos estabelecimentos ali implantados para receber visitantes/veranistas, que até então não era vista.

Logo, não é incomum que o balneário seja caracterizado pela presença de pessoas em atividades esportivas durante o cotidiano. Vale destacar que o Cassino concentra uma parcela da população com melhores condições econômicas, especialmente em áreas mais valorizadas pelo setor imobiliário (Soares, 2024). Na figura 1, apresentamos o mapa local.

Figura 1 - Mapa de localização do Balneário Cassino e Skatepark



Fonte: Autores, 2024

É neste contexto de favorecimento à prática do lazer que nos aproximamos das vivências das juventudes rio-grandinas que praticam o skate enquanto prática esportiva, corporal e de lazer. O Skatepark do Cassino, atualmente, é composto por uma pista que integra o bowl e street, sendo uma infraestrutura urbana muito qualificada para a prática do esporte e, conforme nossas observações e registros de campo, atrai pessoas para distintas práticas sociais para além do skate

propriamente, apresentando indivíduos em socialização, caminhada, ciclismo, entre outras. Na figura 2 apresentamos fotografias do Skatepark.

Figura 2 - Skatepark Praia do Cassino



Fonte: registros da pesquisa de campo, 2024

Na ocasião, encontramos uma realidade pouco favorável à presença dos jovens, em vista das condições climáticas de chuva e frio que se estendeu por longas semanas. No entanto, ao avançar das horas, pouco a pouco, crianças, adolescentes e adultos começaram a aparecer, produzindo novos sons e dinâmicas àquele espaço de uso coletivo.

A socialização do espaço é um elemento destacado de destaque em nossas observações de campo, que é presente também nas falas e diálogos dos próprios skatistas. O uso coletivo e a pluralidade de possibilidades de funções para distintas práticas possibilitam a construção de uma territorialidade rica em experiências, com uma identidade complexa: o uso do skate por uns, o espaço de descanso e conversa de outros, se complementam - orbitando no entorno das relações sociais do grupo e da prática esportiva.

Tratando-se de um espaço utilizado por jovens, observamos que ao avançar das horas, inserem-se a presença de música com letras de reforço político e crítica social, em especial dos estilos hip hop e punk, que contribuem para a composição de uma estética que também se materializa em vestuários, gírias, movimentos corporais, entre outros, denotando a dimensão de resistência política com característica dos jovens ali presentes.

VIVÊNCIAS COM AS JUVENTUDES QUE PRATICAM SKATE EM RIO GRANDE/RS

Durante o trabalho de campo, conversamos com três jovens rio-grandinos que praticam skate. Usando de anotações no diário de campo e a transcrição literal de suas falas durante a conversa, podemos compreender um pouco de suas vivências juvenis no entorno da prática de esporte. Vithor, Nicholas e Brayan, são jovens de idade entre 15 e 17 anos que praticam o skate enquanto esporte e meio de locomoção, e são amigos.

Destacou-se que na realidade em questão que os jovens dão preferência à prática de skate na pista street, oferecendo desde manobras simples e elaboradas. A pista é marcada por expressões artísticas e políticas, através de graffiti. E foi a partir da conversa com os jovens ali presentes que passamos a compreender algumas nuances do que víamos.

Vithor nos conta que foi quem incentivou Brayan a praticar o esporte. Ele começou no basquete e buscava um outro esporte que fizesse sentido com seus gostos pessoais e, em casa, com influência do irmão que possuía o incentivou a

iniciar lhe passando as primeiras manobras. Atualmente, ele pratica principalmente nos espaços da cidade, nos seus deslocamentos para a escola e em espaços de uso público, mas também frequenta a pista. Na pista, dá preferência à prática de skate na modalidade street, ainda que saiba e curta praticar na pista bowl, essa é a mais aderida por seu grupo.

Vithor relata que incentivou Brayan a frequentar a pista de skate também como parceria. Brayan, por sua vez, nos narra que mesmo gostando do esporte, foi importante ter o incentivo para começar a praticar e após a insistência do colega, resolveu comprar o primeiro skate - e é assim geralmente que um skatista é apresentado a um grupo maior. Nicholas, por sua vez, afirmou estar ali presente ocasionalmente, em vista de que o skate para ele representa mais a possibilidade de frequentar espaços da cidade, e utiliza-o prioritariamente como meio de locomoção entre as distâncias.

“Existe uma regra no skate” - afirma Vithor- “se tu chegar numa pista de skate e tiver dez, pode ter trinta skatistas, a regra é que tu vai ter que cumprimentar todos”. Brayan complementa que não necessariamente na pista, mas em qualquer local ocupado por skatistas, e identificado como tal, seja um espaço da rua ou da praça, é o protocolo de respeito e comunicação entre eles.

A construção da identidade, neste sentido, se apresenta pela identificação enquanto grupo para si e para os outros (Silva, 2014). Os processos de identificação, neste sentido,

agregam ainda dimensão espacial, traduzindo-se em territorialidades destas juventudes.

De acordo com eles, o skate representa a possibilidade de construir amizades e sociabilidades, e relatam que não é necessário combinar em espaços virtuais o encontro, ele ocorre na própria pista e em seguida os laços já vão se formando e finalizando a entrevista, eles nos apresentam um cumprimento usado entre os skatistas, que consiste em um aperto de mãos com o entrelaçamento dos dedos. Com isso, refletimos a corporeidade dessas relações sociais que se estabelecem ao entorno desta prática esportiva e de lazer que muito nos diz sobre resistência juvenil ante os espaços vividos na cidade, na construção de suas territorialidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para concluir esta escrita acerca de vivências com as juventudes skatistas de Rio Grande, vale ressaltar a importância deste processo de pesquisa focalizado nestas geografias menores, cotidianas, que buscam considerar as espacialidades que se colocam como campo de luta em torno da imposição de significados sobre o mundo social, e da construção e resistência de sentidos e significados pelos grupos sociais marginalizados, dada suas diferenças.

Essa importância se revela como uma contribuição aos estudos geográficos, pois amplia as nossas noções de território e territorialidade, por vezes ainda vinculadas a processos de dominação de poderes legitimados. O skate, para essa juventude, se configura como um meio de construção de

identidades, socializações e territorialidades que apresenta nuances de usos funcionais e simbólicos do território, que vão da execução de manobras que mobilizam corporeidades, estéticas e performances, até a construção de códigos culturais, como gírias, expressões, cumprimentos e noções de identificação cultural de grupo.

E as juventudes, enquanto etapa da vida marcada por significações e resistências políticas, econômicas e culturais, ocupam uma posição central na redefinição de espacialidades urbanas e na reinvenção de práticas sociais. No contexto das juventudes skatistas de Rio Grande, o skate se consolida não apenas como uma prática esportiva, mas como uma forma de insurgência cultural e de afirmação identitária que desafia as normas estabelecidas que ao transformar espaços urbanos em territórios de expressão e convivência, não apenas reivindicam seu direito à cidade, mas também ressignificam o espaço público, criando novas territorialidades que refletem suas vivências e resistências.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. Revista Brasileira de Educação, n. 05, 1997. Disponível em: http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/442_1175_abramowendel.pdf

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A pesquisa participante e a participação da pesquisa. In: BRANDÃO, C. R.; STRECK, D. R. (orgs): Pesquisa participante: a partilha do saber. São Paulo: Idéias e Letras, 2006.

BRANDÃO, Leonardo; HONORATO, Tony (org.). Skate & Skatistas: questões contemporâneas. Londrina: UEL, 2012.

ENKE, Rebecca Guimarães. O espetáculo do mar em uma estação balneária no Rio Grande do Sul - A vilegiatura marítima na Villa Sequeira/Praia do Cassino (1885-1960). 2013. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

HAESBAERT, Rogério. Identidades Territoriais. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (org.). Geografia Cultural: uma antologia. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. p. 233-244.

HEIDRICH, Álvaro L. Método e metodologias nas pesquisas das geografias com cultura e sociedade. In: HEIDRICH, A. L. ; PIRES, C. L. Z. (org.). Abordagens e práticas da pesquisa em geografia e saberes sobre espaço e cultura. Porto Alegre: Letra 1, 2016. p. 15-33.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. Revista Brasileira De Ciências Sociais, 17(49), 11-29, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092002000200002>
Acesso em: 05 jun. 2024.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel; LACERDA, Miriam Pires Corrêa de (orgs.). Juventudes e Educação: a escola como território juvenil. 1. ed. Porto Alegre: Grupo de Estudos e Pesquisas em Juventudes e Educação, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.29327/5341419>

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. Etnografia: saberes e práticas. Iluminuras: série de publicações eletrônicas do Banco de Imagens e Efeitos Visuais, LAS, PPGAS, IFCH e ILEA, UFRGS. Porto Alegre, RS. N. 21 (2008), 23 p., 2008.

SOARES, Giovanna. Da vila sequeira ao Cassino. In: DE PAULA, C. Q.; LOPES, M. C. (orgs.). Nossa Gente: Geografia da População do Município do Rio Grande. Porto Alegre: Compasso Lugar-Cultura, 2024.

SILVA, Tomáz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. (org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 73-102.

SIMÃO, M. P. JOVENS E FAVELAS: EM BUSCA DE VISIBILIDADE POLÍTICA. Ensaios de Geografia, v. 4, n. 8, p. 7-27, 10 jan. 2016.

SPOSITO, M. P. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva. Tempo social: Rev. sociol., São Paulo, SP, p. 161-178, 1994.

SOBRE OS ORGANIZADORES

Daniel Giordani Vasques é Doutor em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Licenciado e Mestre em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Realizou estudos de Pós-Doutorado em Ciências do Movimento Humano pela UFRGS. Atualmente, é Professor e Pesquisador do Departamento de Educação Física, Fisioterapia e Dança e do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da UFRGS. É líder do Grupo de Estudos Sociais em Educação Física, Esporte e Lazer (GESOE/UFRGS/CNPq).

E-mail: daniel.vasques@ufrgs.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8955-9676>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9104110072245556>

Victor Hugo Nedel Oliveira é Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e Licenciado e Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Realizou estudos de Pós-Doutorado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atualmente, é Professor e Pesquisador no Departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Juventudes e Educação – GEPJUVE/UFRGS/CNPq.

E-mail: victor.juventudes@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5624-8476>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7489113176882485>

SOBRE OS AUTORES E AS AUTORAS

Leonardo Brandão é Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), Mestre em História pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) e Bacharel e Licenciado em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Realizou estudos de Pós-Doutorado em Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Atualmente, é Professor Concursado e Pesquisador no Departamento de História e Geografia e no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional (PPGDR) da Universidade Regional de Blumenau (FURB). É líder do Laboratório de Estudos Contemporâneos (LEC/FURB).

E-mail: leobrandao@furb.br

ORCID: <http://orcid.org/0000-001-8306-1092>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5093020142401478>

André Luiz Bernardo Storino é doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação (UNIRIO), Mestre em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas (FEBF-UERJ), Especialista em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (UERJ), em Gênero e Sexualidade (UERJ) e em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância (UFF). Licenciado em Pedagogia e Filosofia (UCP). Atualmente é professor-tutor no Centro Universitário Augusto Motta - UNISUAM e professor da disciplina de Filosofia na Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro - SEEDUC. Integra o Núcleo de Estudos Diferenças, Educação, Gênero e Sexualidades (NuDES), sob orientação do Prof. Dr. Ivan Amaro.

E-mail: dresofia@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4787-5069>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1497970807563871>

Fabício Paula de Souza é Licenciado e Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e Doutorando em Geografia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atualmente, é Professor de Geografia na educação básica, vinculado à Secretaria Estadual de Educação do Rio Grande do Sul. Tem se dedicado a temas como comunidades tradicionais de pescadores artesanais, ensino de Geografia, cultura e identidade, atuando como pesquisador nos grupos

de pesquisa Núcleo de Análises Urbanas e Culturais (NAUC/FURG) e Turismo, Planejamento Participativo e Educação (UFRGS).

E-mail: fabriciosouza878@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0043-5894>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8579379351977837>

Gabriela Borba Bispo dos Santos é Licenciada em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Mestranda em Geografia pela mesma universidade, na linha de pesquisa de Ensino de Geografia. É bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). É integrante do GEPJUVE - Grupo de Estudos e Pesquisas em Juventudes e Educação (UFRGS/CNPq). Os principais interesses de pesquisa são nos seguintes temas: Ensino de Geografia; Formação de Professores de Geografia; Geografia Urbana; Juventudes; Culturas Juvenis Contemporâneas; Estudos de Gênero/Feminismo; Estudos Raciais

E-mail: gabrielasantos1996@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1070-2976>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0219822413040642>

Gabrielle Bezerra da Silva é licenciada e mestranda em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior (CAPES) no Programa de Pós-graduação em Geografia da UFRGS (POSGEA/UFRGS) e Professora de Geografia na rede particular de Porto Alegre/RS.

E-mail: gabrielle.bezerra@ufrgs.br

ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-5779-2339>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5198033611519592>

George Almeida Lima é Mestre em Educação Física pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF/PE). É professor de Educação Física efetivo da Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC). É membro do Grupo de Estudos em Sociologia do Esporte (GESOE/ULBRA), membro do Grupo de Estudos Sociais em Educação Física e Esporte (GESOE/UFRGS) e membro do Grupo de estudos e pesquisas em Educação Física escolar (GEPEFE\UECE). Realiza pesquisas sobre os aspectos socioculturais da

Educação Física, Sociologia do Esporte e Educação Física escolar.

E-mail: george_almeida.lima@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0899-0427>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1176000931229395>

Igor Paiani Fernandes é mestrando em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e licenciado pela mesma instituição. Atualmente é professor de Geografia nas escolas SESI Albino Marques Gomes e ULBRA São João. É membro do grupo de pesquisa do Laboratório do Espaço Social (LABES).

E-mail: igorpaiani@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-8262-9600>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4171314768057295>

Isla Cardoso Oliveira mestranda na linha de pesquisa Ensino de Geografia do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É licenciada em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). foi bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET) em Geografia, foi bolsista CAPES no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), no subprojeto que integrava História e Geografia. Atualmente, pesquisa currículo escolar, investigando como as diretrizes educativas influenciam a formação geográfica dos estudantes e buscando contribuir para a melhoria das práticas docentes no ensino de geografia.

E-mail: lisla.isla@gmail.com

ORCID: <http://orcid.org/0009-0001-9854-6006>

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8313182899876069>

José Inácio da Silva Júnior é Mestrando em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Licenciado em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atualmente, é pesquisador membro no Grupo de Estudos e Pesquisas em Juventudes e Educação – GEPJUVE/UFRGS/CNPq.

E-mail: joseinaciojunior88@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-4908-5576>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0366412840284282>

Júlia Miglioretto é Mestre em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Licenciada e Bacharela em Educação Física (UFRGS). É pesquisadora no Grupo de Estudos Sociais em Educação Física, Esporte e Lazer (GESOE).

E-mail: julia-miglioretto@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6045-132X>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4424644374472595>

Leonardo da Silva Greque Junior é Mestrando em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e Licenciado Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Atualmente, é Pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

E-mail: leogreque@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0166-8283>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4961650326858603>

Nicole Marcelli Nunes Cardoso é Mestranda em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Licenciada e Bacharela em Educação Física (UFRGS). É pesquisadora no Grupo de Estudos Sociais em Educação Física, Esporte e Lazer (GESOE).

E-mail: nicolem.nunes@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5137-1950>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5886923552884584>

Rai Goulart Netto é bacharel em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e mestrando na linha de pesquisa Análise Territorial, do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRGS. Pessoa não-binária transmasculina, seus interesses acadêmicos incluem Geografia Cultural, Gênero, Corpo e Direitos Humanos. Durante a graduação, teve experiências em grupos de extensão da Universidade, atuou como monitor de disciplina e realizou estágios nos setores público e privado. Atualmente atua com pesquisa de experiência de usuário em ambientes digitais.

E-mail: raignetto@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-0833-4453>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1046494207459546>



GEPJUVE

**Grupo de Estudos e Pesquisas
em Juventudes e Educação**



SKATE NO LAZER DAS JUVENTUDES: CONECTANDO TERRITÓRIOS

Daniel Giordani Vasques
Victor Hugo Nedel Oliveira
(organizadores)

Prefácio: Leonardo Brandão

André Luiz Bernardo Storino

Fabricio Paula de Souza

Gabriela Borba Bispo dos Santos

Gabrielle Bezerra da Silva

George Almeida Lima

Isla Cardoso Oliveira

Igor Paiani Fernandes

José Inácio da Silva Júnior

Júlia Miglioretto

Leonardo da Silva Greque Junior

Nicole Nunes Cardoso

Rai Goulart Netto

Ao longo dos capítulos que formam esse livro, somos apresentados a diversos territórios do lazer skatista, na maioria das vezes situados na cidade de Porto Alegre/RS, cidade que se destaca, como escreveu um dos autores desta coletânea, pela “expansão da infraestrutura esportiva voltada ao skate” (em especial pela inauguração, em 2021, da maior pista de skate da América Latina). Porém, os textos não se restringem à capital gaúcha: somos convidados a conhecer outros territórios juvenis, situados em cidades como Duque de Caxias/RJ, São Leopoldo/RS, Campos Sales/CE, Viamão/RS e Rio Grande/RS (Leonardo Brandão).

